

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
ARQUITETURA E URBANISMO

ANA LAURA AZEVEDO DORNELAS CÂMARA

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



RECIFE

2016

ANA LAURA AZEVEDO DORNELAS CÂMARA

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã como requisito para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof. Dr^a Ana Maria Filgueira Ramalho.

RECIFE

2016

Câmara, Ana Laura Azevedo Dornelas

A fábrica, a torre, um bairro: a influência da indústria têxtil na urbanização do Recife. / Ana Laura Azevedo Dornelas Câmara - Recife: O Autor, 2016.

110 f.; il.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Ana Maria Filgueira Ramalho

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2016.**

Inclui bibliografia.

**1. Arquitetura e urbanismo. 2. Industrialização. 3. Urbanização. 4.
Indústria têxtil (Recife). I. Título.**

**72 CDU (2.ed.)
720 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2017-498**



RESUMO

O processo de industrialização associado ao fenômeno da urbanização ainda são questões pouco relacionadas no Brasil, onde esse ocorreu de forma tardia. As transformações trazidas com o processo de industrialização se deflagraram, entre outras coisas, pela indução da migração campo-cidade. A implantação dos estabelecimentos fabris tracionou a urbanização, estimulando os papéis clássicos de uma cidade: habitar, trabalhar, circular e recrear, através da implantação das vilas operárias. Na transição do século XIX para o século XX, aconteceu um crescimento exponencial da indústria têxtil no estado de Pernambuco através da correlação entre as condições propícias para o cultivo do “ouro branco” e as unidades fabris que surgem para consumi-lo como matéria prima. Dessa maneira, o bairro da Torre surge como um bairro operário e revela a importância da industrialização, não só para o seu crescimento, bem como o de toda a cidade do Recife.

Palavras-chave: Industrialização, Urbanização e Transformação Territorial.



ABSTRACT

The process of industrialisation associated with the phenomenon of urbanisation have had little correlation in Brazil where this took place at a later stage. The transformations resulting from industrialisation occurred, among other reasons, due to migration from the interior to the cities. The development of factories accelerated the urbanisation, stimulating the traditional functions of a city: housing, work, transport and recreation, through the construction of towns for workers. At the turn of the 19th century there was an exponential growth of the textile industry in Pernambuco State by way of the combination of favourable conditions for the cultivation of “white gold” (cotton) and the factories which grew up to make use of this raw material. In this way, the district of Torre which developed as a working men's suburb illustrates the importance of industrialisation not only for local growth but for the growth of the entire city of Recife.

Keyword: Industrialisation, Urbanisation and Territorial Transformação.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio da Fábrica da Torre na Revista Cruzeiro de 25 de set de 1974, p.70.....	37
Figura 2 - Localização das Fábricas Madalena e Torre.....	37
Figura 3 - Mapa mostrando bairros margeando o rio Capibaribe.....	39
Figura 4- Recorte da Carta do Recife e de Olinda, 1609. Detalhe do original manuscrito, que ilustra o códice 'Relação das Praças Fortes do Brasil' de Diogo de Campos Moreno, existente no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa.	42
Figura 5 - Perspectiva do Recife e Vila de Olinda, 1616. Original manuscrito que integra o códice “Rezão do Estado do Brasil no governo do Norte somete assim como o teve Dom Diogo de Meneses até o ano de 1612”, de Diogo de Campos Moreno, da Biblioteca Pública Municipal do Porto.	43
Figura 6 - Original manuscrito, que ilustra o códice “Livro que dá Rezão do Estado do Brasil” (1626), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.....	44
Figura 7 - Mapa de Hessel Gerritsz 1630.	45
Figura 8 - Mapa de 1631 de A. Drewisch, Ilha de Antônio Vaz.	45
Figura 9 - Mapa do Recife 1644 - Ponte ligando o Recife à Cidade Maurícia.	46
Figura 10 - Ponte Pênsil de Caxangá – ponte do trem Caxanja	48
Figura 11 - Mapa do Recife em 1840.	48
Figura 12 - Modelo fechado do bonde que fazia a linha Torre-Madalena.	50
Figura 13 - Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes, 1870.....	51
Figura 14 - Igreja Nossa Senhora do Rosário, 1950. Autor desconhecido.....	52
Figura 15 - Lei de criação do Bairro da Torre.....	54
Figura 16 - Planta da Cidade do Recife, 1875.....	55
Figura 17 - Planta da Cidade do Recife de 1876.	56
Figura 18 - Mapa Base, 1907.	58
Figura 19 - Mapa das linhas férreas, baseado na Planta da Cidade do Recife, do ano de 1907.	59
Figura 20 - Mapa do abastecimento de água, 1910 - projeto Saturnino de Brito. Relatório do engenheiro.	60



Figura 21 - Mapa de 1924 com linhas de trem urbano e bonde.	61
Figura 22 - imagem da Vila de Santa Luzia.	62
Figura 23 - Mapa da Torre retirado da Planta da Cidade do Recife de 1932.	64
Figura 24 - Mapa de Recife de 1932.	65
Figura 25 - Mapa do Recife de 1951.	67
Figura 26 - Instalações do Grupo Banorte.	69
Figura 27 - Localização das Confecções Torre.	72
Figura 28 - Instalações da antiga Confecções Torre.	72
Figura 29 – Provável localização Fábrica de Fósforos e Cotonifício Capibaribe.	72
Figura 30 - Edifício na Rua Laura Campelo.	73
Figura 31 - Edifício na Rua Laura Campelo.	73
Figura 32 - Provável localização da loja de Fábrica.	73
Figura 33 – Provável localização da Escola e Capela da Fábrica.	74
Figura 34 - Capela da Fábrica e escola ao fundo.	74
Figura 35 – Provável localização do Clube Mecânica.	75
Figura 36 - Provável localização do Cine Teatro	75
Figura 37 - Letras do Cine Torre	75
Figura 38 - Possível localização do Iate Clube da Torre.	76
Figura 39 – Provável localização do primeiro Comprebem.	76
Figura 40 - Carteira de Sócio do Torre Sport Club	77
Figura 41 - Recorte do Jornal Diário de Pernambuco de 1940.	78
Figura 42 - Localização do SESI Torre	78
Figura 43 - Instalações do SESI Torre	78
Figura 44 - TV Ringue Torre.	79
Figura 45 - Time de jogadores do Torre Sport Clube publicado na revista Pra Você, 2012.	79
Figura 46 - Mapeamento dos equipamentos relacionados com a fábrica.	80



Figura 47 - Imagem de Santa Luzia na Igreja da Torre.....	82
Figura 48 – Programação da Festa de Santa Luzia 2016.....	82
Figura 49 - Imagem de Nossa Senhora do Rosário na Igreja da Torre.	82
Figura 50 – Provável localização da antiga sede do bloco carnavalesco “Apôis Fun”	84
Figura 51 – Duas das fundadoras do grupo Amigos da Torre.....	85
Figura 52 - Reunião com os fundadores do Grupo Amigos da Torre no dia 23 de novembro de 2016.	85
Figura 53 - Reunião do Grupo Amigos da Torre no dia 29 de novembro.....	85
Figura 54 - Apartamentos em parte do terreno onde se encontra o Atacado dos Presentes	88
Figura 55 - Atual vista da Rua Vitoriano Palhares.....	88
Figura 56 – Instalações do Banorte.	90
Figura 57 - Instalações do Antigo Banorte.....	90
Figura 58 - Arrabalde da Torre, 1910.....	90
Figura 59 - Atual situação do bairro.	90
Figura 60 - Vista do Cotonifício Capibaribe.	91
Figura 61 - Loja do Cotonifício Capibaribe com a construção do Carrefour ao fundo. Data não identificada	91
Figura 62 - Vila Operária da Rua Visconde de Itaparica.	91
Figura 63 – Vila operária e arborização da.....	91
Figura 64 - Vista atual da Rua Visconde de Itaparica.	92
Figura 65 – Vista da Capela e Casa grande do antigo Engenho da Torre, 1812.	92
Figura 66 - Atual vista da Igreja.....	92
Figura 67 - Fábrica de Cerâmica da Torre - Antigo Fábrica do Engenho da Torre, início século XX.	93
Figura 68 - Campo do Bueirão com Vila Santa Luzia ao Fundo.	93
Figura 69 - Vista do Bueiro do Antigo Engenho.....	93
Figura 70 - Vista do bueiro da moita e	94
Figura 71 - Localização do Campo do Bueirão e	94



Figura 72 - Cine Torre. Autor desconhecido	94
Figura 73 – Edifício Cine Torre.	94
Figura 74 - Parte do Cine Teatro (sala de exibição) nos fundos da Panificadora Torre.....	95
Figura 75 – Edifício Morada Imperial	95
Figura 76 – Iate Clube da Torre.....	95
Figura 77 - Ponte da Torre em reforma, ponte de madeira provisória, Iate Clube e dragagem e serviços na calha do Rio Capibaribe, 1978.	95
Figura 78 - Sítio na Torre – Beira Rio,.....	97
Figura 79 - Mocambos nos arrabaldes da Torre, 1930.	97
Figura 80 - Avenida Beira Rio, 2015.	98
Figura 81 - Rua Vitoriano Palhares.	98
Figura 82 - Matéria de jornal - Polo Torre	99



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
INTRODUÇÃO.....	4
1. URBANIZAÇÃO ATRAVÉS DOS TEARES DA HISTÓRIA	18
1.1 Da indústria, nascem as vilas operárias.....	21
1.2 A semente da industrialização.....	24
1.3 O algodão no Brasil.....	25
1.4 Teceduras do Nordeste.....	30
1.5 A história dos fios em Recife.....	34
2. PORTO	41
2.1 O porto e o açúcar	41
2.3 ALGODÃO	66
3. HERANÇAS, MANIFESTAÇÕES E MORTIFICAÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO.....	70
3.1 Tradições populares.....	81
3.2 Cicatrizes dos teares	85
4. REMINISCÊNCIAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO.....	88
5. REFLEXÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE	
ANEXOS	



REUHVHUUDELDVS *elos apitos das fábricas de Tecidos [...]; hora de acordar, de ir para escola, de encerrar as aulas, de terminar com os brinquedos, de deitar... O nosso dia-a-dia, das cinco da manhã às dez e meia da noite, era marcado pelos apitos daquelas*
IEULDV

(Leonardo Dantas Silva)



Dedico esse trabalho a minha mãe, Narcisa, que hoje não entende o que está acontecendo, mas que lá atrás me amou a sua maneira; e aos meus filhos, João e Davi, como exemplo de perseverança, para que nunca desistam de seus sonhos e para que tenham algo de que possam se orgulhar de mim.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter estado ao meu lado em cada momento, me dando saúde, sabedoria e perseverança. Consegui! Não por minha força, mas sim em nome dEle. Sem a Sua permissão e ajuda, nada disso teria sido possível.

Agradeço a todos os professores que estiveram comigo nesses cinco anos de curso e me fizeram crescer profissionalmente. Levo comigo a amizade de cada um deles. Agradeço também a minha coordenadora, Mércia Carréra, pelo esforço e dedicação em fazer de nós pessoas e profissionais melhores. À minha querida Malu, por todo derramamento de amor nesses cinco anos. E a minha orientadora Ana Ramalho, que aprendi a gostar como pessoa e admirar como profissional, registro aqui minha eterna gratidão por acreditar no meu potencial e me auxiliar em todos os momentos dessa exaustiva caminhada.

Agradeço aos colegas da turma e aos demais alunos da faculdade, por terem partilhado comigo esses cinco anos de desesperos, sacrifícios e inúmeras noites mal dormidas. Obrigada a cada um pela paciência e amizade. E, de maneira bem especial, para aqueles que estiveram comigo sendo apenas amigos. Obrigada por cada cafezinho que tomamos juntos!

Agradeço ao grupo “Amigos da Torre” pela paciência e acolhimento, especialmente ao Sr.º Jarbas Lobo, Sr.º Alcidésio Feitosa e a Sr.ª Nilza Sete. À minha nova amiga Sr.ª Isabel Wanderlei (Bezinha), agradeço pela disponibilidade e carinho.

Agradeço aos meus amigos da igreja que estiveram em oração para que tudo desse certo, sempre enviando uma palavra de carinho e conforto. A Karine Karla pela paciência e carinho na ajuda da organização do texto. Agradeço a toda família e aos meus amigos que entenderam cada falta que levei nos encontros, festas e comemorações. Um agradecimento especial para Ricardo Câmara que me deu forças e levantou minha bola antes mesmo de tudo isso acontecer. E a Neide Câmara que esteve comigo em todos os momentos dividindo seus conhecimentos sempre que precisei.

Ao meu marido e aos meus filhos, serei sempre grata pela paciência e compreensão em todos os momentos que precisei. Flávio, João e Davi, peço desculpas por todos os momentos em que estive ausente, mas tenham a certeza de que tudo que fiz foi pensando em vocês!



INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute o processo de crescimento urbano nas cidades brasileiras, associado ao processo de industrialização. No Brasil esse tema ainda é pouco evidenciado, haja vista que, o processo de industrialização brasileiro ocorreu de forma tardia. Este trabalho é relevante, já que busca fazer um resgate histórico do crescimento e desenvolvimento da cidade do Recife por um novo olhar: a implantação das indústrias. Mostrando, assim, a importância dessas indústrias no processo de (trans)formação da cidade, uma vez que elas atraíram outros equipamentos como: vilas operárias, moradias, igrejas, creches, clubes, escolas, lojas, entre outros equipamentos.

Observa-se que, por desconhecimento ou descaso, a maioria das edificações originárias do período da industrialização, após o encerramento das atividades fabris, tornou-se obsoleta e vem sendo negligenciada pelo poder público em função da pressão exercida pela especulação imobiliária, sendo, muitas vezes, consideradas estruturas sem valor arquitetônico e histórico pelas elites econômicas, que não as veem como um bem a ser preservado. Muitas dessas indústrias estão abandonadas e, na maioria das vezes, como resposta ao problema, lhes são permitidas soluções projetuais que pouco dialogam com o entorno e suas reais necessidades, na tentativa de auferir o desejado progresso, em detrimento da história contada a partir desses equipamentos fabris - elementos integrantes, não de uma história particular, mas sim, de uma história coletiva, construída às custas de vários atores da sociedade.

De uma forma mais ampla, o crescimento urbano e consequente urbanização de uma cidade, é o processo de mudança das características de uma determinada área “rural” para “urbana”, estando esse crescimento geralmente associado ao desenvolvimento da tecnologia e consequente aumento da população. Evidenciando assim, que a urbanização foi se desenvolvendo estreitamente ligada ao processo de industrialização. No Brasil, esse processo, foi um fenômeno que culminou no final do século XIX.

De acordo com Santos (2009), na Europa, a urbanização se desenvolveu a partir do século XVIII, mas foi apenas no século XIX, que se teve conhecimento da primeira aceleração desse fenômeno. Lá, o movimento de urbanização, existente desde o final da Segunda Guerra Mundial, coexistiu com um forte crescimento demográfico que resultou da diminuição da mortalidade em decorrência, entre outras coisas, dos progressos sanitários e as melhorias das condições de vida.



O Brasil, por ter sido durante muitos séculos um país essencialmente agrícola, a expansão da sua agricultura comercial serviu de base para um povoamento que originou as cidades no litoral e no interior, onde, através da mecanização da produção da cana de açúcar e do café, acrescentou novo impulso à urbanização.

No Recife, as primeiras povoações surgiram no ano de 1561, mas os primórdios da urbanização se deram com a chegada da invasão Holandesa no século XVII, que atraídos pelo açúcar, impulsionaram inúmeras construções, promovendo a modificação da paisagem alagada por meio de aterros, do traçado das ruas e a construção de muitos sobrados, pontes e palácios.

Castro (1954), afirma que a cidade do Recife nasceu em função do porto¹ e se estendeu rio acima em busca de pequenos núcleos de povoação representados pelos primeiros engenhos, crescendo progressivamente. Esses engenhos de cana de açúcar se instalaram estrategicamente às margens desses, para facilitar o escoamento da mercadoria e transportar as toras de madeira derrubadas para alimentar as suas fornalhas, até a construção das linhas férreas no século XX. Foram esses engenhos que proporcionaram o crescimento da cidade do Recife, no período compreendido entre o século XVI e o século XVIII.

No final do século XIX, a modernização tecnológica ajustada à implantação das infraestruturas de transportes e à melhoria dos serviços portuários, concomitantemente a um aumento do preço do algodão em decorrência de uma grande demanda e conseqüente interesse no seu cultivo, segundo Lima (2012), dificultaram a introdução de tecnologias avançadas para a produção de açúcar, resultando em um crescimento acentuado da cidade, quando comparado ao crescimento ocorrido nos séculos anteriores. A cultura de algodão representou um dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento da indústria têxtil em Pernambuco, uma vez que aqui se produzia uma das melhores fibras do mundo.

Foi então, baseado nessa nova dinâmica que se iniciou o processo de industrialização, atraindo a população que migrou do campo para a cidade em busca de ofertas de emprego. Essas indústrias foram chegando e se instalando seguindo a mesma lógica dos engenhos de cana de açúcar, próximas aos rios e ferrovias, facilitando o transporte do maquinário e da matéria-prima. Esses rios serviam tanto de fonte de abastecimento de água, como também de descarte dos resíduos dessas indústrias, devido ao saneamento inexistente.

¹ Elemento essencial em uma economia colonial produtora e exportadora de bens primários e manufaturados (BERNARDES, 2013, p.15).



Partindo do contexto acima, esse trabalho perpassa pelos questionamentos em relação à mudança de papel entre os antigos engenhos e as indústrias, quanto fator acelerador do processo de crescimento urbano e conseqüente urbanização da cidade do Recife, proporcionando o desenvolvimento acelerado de bairros como o da Torre.

A **hipótese** que surge como resposta a esses questionamentos, partiu do princípio de que houve uma grande expansão da cidade do Recife, cujos efeitos podem ser observados a partir de dois aspectos principais que interferiram na estruturação e organização do seu território:

- x O primeiro seria a já conhecida economia açucareira, desenvolvida pelos engenhos desde o período colonial (século XVI ao XVIII);
- x O segundo, a implantação da indústria, em especial a indústria têxtil, a partir do final do século XIX.

Sugerindo assim, que a dinâmica da atividade industrial, influenciou na estruturação do espaço, proporcionando uma feição operária à cidade do Recife até, aproximadamente, a década de 80 do século XX.

Esse trabalho tem como **tema** a influência das indústrias têxteis no crescimento urbano da cidade do Recife. E, para alcançar esse entendimento, foi analisado o bairro da Torre, zona norte da cidade do Recife, e seu crescimento urbano a partir da implantação da Companhia Fiação e Tecidos de Pernambuco - indústria têxtil implanta no bairro no ano de 1875. Como recorte temporal, foi utilizado o intervalo de tempo compreendido entre o final do século XIX e século XX, abrangendo o período de vigência da fábrica. A escolha pela Fábrica de Tecidos da Torre se deu, por se tratar não só de um elemento que impulsionou o processo de crescimento do bairro entre os anos de 1875 e 1982, bem como por ter sido a primeira indústria a funcionar baseada em leis. A formação do bairro se deu, na sua grande maioria, pelas residências das famílias de trabalhadores do cotonifício, mas, abrigou também parte da parcela dominante da sociedade da época, tornando o bairro uma referência para a cidade do Recife, e sendo um agente de grande importância para o processo de industrialização do estado de Pernambuco.

Esse trabalho teve como **objetivo geral** analisar e entender em que medida as indústrias, em especial a têxtil, agiu como um fator acelerador da formação do tecido urbano do bairro da Torre e da Cidade do Recife em seus processos de urbanização. Para alcançar o objetivo proposto, foram traçados três **objetivos específicos** que nortearam toda a pesquisa. O primeiro deles foi identificar os fatores que levaram a implantação da Companhia Fiação de



Tecidos no atual bairro da Torre; o segundo, analisar o crescimento e desenvolvimento do bairro, identificando as mudanças espaciais (elementos arquitetônicos e urbanos) ocorridas no entorno da Fábrica em decorrência de sua implantação; e o terceiro, identificar a relação dos moradores e usuários do bairro com a Fábrica.

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia baseou-se em análises documentais, levantamentos bibliográficos, relato oral, comparação de registros, pesquisas iconográficas² e análise de elementos que se formaram a partir da implantação da fábrica. Foram feitas não só pesquisas bibliográficas através da leitura de textos relativos ao tema; pesquisa documental e iconográfica, através de registros fotográficos, comparação de imagens de épocas distintas do recorte temporal da pesquisa, visitas em órgãos de preservação e bibliotecas, levantamento de imagens aéreas, mapas, entre outros; como também levantamento cartográfico e pesquisa de campo através de entrevistas com antigos moradores do bairro e ex-funcionários do cotonifício, com os quais foi possível fazer um registro oral a partir da vivência desses moradores.

Visando tecer reflexões sobre as questões norteadoras acima expostas, esse trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No capítulo 1, foi feito um levantamento histórico da urbanização e industrialização, partindo da origem desses processos (Europa), seguindo com a industrialização e urbanização no Brasil. Em seguida, no Nordeste, foi feita uma breve abordagem em relação a Pernambuco, chegando finalmente até a cidade do Recife, mas especificamente o bairro da Torre - objeto de estudo desse trabalho; o Capítulo 2 contém um levantamento cartográfico da cidade do Recife através da comparação de mapas em épocas distintas do crescimento da cidade e a análise da forma que se deu esse crescimento, no qual foi realizado um levantamento histórico não só do bairro da Torre, como também da companhia Fiação e Tecidos, a Fábrica da Torre, desde a sua implantação, até o encerramento de suas atividades. O Capítulo 3 apresenta relatos orais dos antigos moradores, com os quais foi possível mensurar a influência da fábrica no cotidiano do bairro, além das manifestações culturais tradicionais, oriundas dessa relação fábrica e moradores locais, que ainda perpetua. O Capítulo 4 mostra as transformações espaciais que ocorreram no bairro da Torre, através da comparação entre fotos antigas tiradas em épocas remotas e atuais, mostrando a transformação, entre outras coisas, da paisagem do bairro, após o fechamento da fábrica. Por fim, as considerações finais, onde se revela as transformações da configuração espacial do bairro da Torre, que acontece de maneira acanhada desde a implantação dos engenhos e tem

² Através de imagens de esculturas, obras arquitetônicas, quadros ou fotografias de pessoas para enriquecimento do texto.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



sua intensificação com a implantação da Fábrica da Torre. Transformações essas, que não aconteceram de forma isolada no interior do referido bairro, mas se replicaram por toda a cidade do Recife, mostrando assim, a importância da indústria têxtil, em relação ao crescimento urbano do bairro da Torre e da cidade do Recife.



1. URBANIZAÇÃO ATRAVÉS DOS TEARES DA HISTÓRIA

Ao se perceber a urbanização como um processo, e a cidade como a concretização desse processo, entende-se que as atuais cidades são resultados da junção de todas as mudanças produzidas pelas transformações sociais e econômicas ocorridas através dos tempos, obtidas pelas relações que promoveram estas transformações. Percebe-se que o processo de urbanização remonta ao passado, tornando fundamental recuperar a história e refletir sobre o urbano, levando-se em consideração todos os determinantes (econômicos, sociais, políticos e culturais) que, no decorrer dos tempos, transformaram essas cidades.

Maricato (2008) conceitua urbanização como um grande movimento de construção de cidade e aponta essa urbanização como necessária não só para o assentamento residencial da população, com também para suprir suas necessidades de trabalho, saúde, transporte, abastecimento, entre outros. Ela ainda destaca, entre outras coisas, a industrialização como um dos fatores de aceleração desse movimento, quando afirma que:

O Brasil deixou o século XIX com aproximadamente 10% da população nas cidades (SANTOS, 1993). Considerando o universo das Américas, o Brasil já apresentava cidades de grande porte desde o período colonial, mas é somente a partir da virada do século XIX e das primeiras décadas do século XX que o processo de urbanização da sociedade começa realmente a se consolidar, impulsionado pela emergência do trabalhador livre, a proclamação da República e uma indústria ainda incipiente que se desenrola na esteira das atividades ligadas à cafeicultura e às necessidades básicas do mercado interno (MARICATO, 2008, p. 16-17).

Sabe-se que a industrialização marcou fortemente as relações entre a sociedade e a natureza e foram as cidades quem deram o suporte para essas atividades industriais, uma vez que não só reuniam as condições necessárias a esta forma de produção, como também passaram a ser um espaço de concentração. No entanto, o desenvolvimento da urbanização, além de ter sido uma condição para o desenvolvimento industrial, também mudou as feições das cidades, transformando-as no centro de gestão e controle da economia capitalista. Nelas, se concentravam não só os comerciantes e a riqueza por eles acumulada, como também os artesãos ocupados com a produção necessária à atividade comercial.

O crescimento vertiginoso da eletrificação e da urbanização, elementos fundamentais para a industrialização nascente, não podem ser entendidos sem que consideremos os progressos simultâneos da Indústria [...] A urbanização é ao mesmo tempo condição e resultado do progresso da industrialização. (SILVA, 1981, p.94).



Vale ressaltar que a urbanização como consequência do processo de industrialização, não deve se restringir apenas a quantidade de pessoas que passaram a viver em cidades, mas, sobretudo pelo desenvolvimento do capitalismo industrial que provocou fortes transformações nos moldes da urbanização, no que se refere ao papel desempenhado pelas cidades e na sua estrutura interna.

As cidades, como formas espaciais produzidas socialmente, mudam de fato, dando sustentação a essas transformações sociais e econômicas. Sendo assim, se faz necessário analisar a urbanização como causa e ao mesmo tempo consequência da industrialização, ou seja, no contexto da passagem da predominância de uma produção artesanal³, para a predominância de uma produção industrial. Nesse contexto, a urbanização deve ser vista tanto no seu conceito de crescimento populacional (aumento de pessoas que passaram a viver em cidades), quanto no conceito de infraestrutura dessas cidades para abrigar essa nova dinâmica existente.

Ao se considerar a indústria como uma forma através da qual a sociedade se apropria e transforma a natureza, a industrialização pode ser considerada um processo mais amplo, que tem como característica a predominância da atividade industrial sobre as outras atividades econômicas. As transformações do espaço geográfico a partir da implantação dessa indústria e dos equipamentos urbanos a ela ligados de forma direta ou indireta, contribuíram não só nas alterações espaciais, quanto nas econômicas e sociais, através da interferência na dinâmica da cidade e do campo constatada pelo êxodo rural, pela modificação da forma de exploração dos recursos naturais e conseqüentemente, pela aceleração da urbanização (CASTELLAR; SEFERIAN, 2014, p.18).

As indústrias manufatureiras⁴, as quais abrangem todos os processos intermediários necessários à produção e integração dos componentes de um produto, transformaram não só os espaços ao seu redor, como também áreas mais distantes. Uma vez que, agregadas à evolução no processo da atividade agrícola, as inovações dos meios de transporte e a conseqüente diminuição da mão de obra, as pessoas começaram a migrar para as cidades em busca da oferta de empregos e salários oferecidos pelas fábricas, provocando mudanças

³ Sistema mais antigo de produção, desde que o homem fez uso de ferramentas, que consiste na fabricação de um produto por vez, podendo o mesmo ser alterado durante a sua produção, tornando um produto sempre diferente do outro. Não possui padrões fixos de medida e modelo (MOACYR, 2007, p. 72).

⁴ Essa expressão costuma ser utilizada, com maior frequência, para se referir à produção industrial, em que matérias-primas são transformadas, numa grande escala, em produtos acabados, sendo assim, estes produtos podem ser utilizados para manufaturar outros produtos, mais complexos.



econômico-sociais. A fábrica⁵, estabelecimento industrial dedicado à produção, passou a ser o núcleo das cidades, ficando todos os demais detalhes da vida a ela subordinados. O êxodo rural resultante de todo esse processo, desencadeou uma concentração de pessoas em áreas urbanas.

Os principais elementos do novo complexo urbano foram a fábrica, a estrada de ferro e o cortiço. Em si mesmos, constituíam a cidade industrial: expressão que descreve simplesmente o fato de que mais de duas mil pessoas achavam-se reunidas dentro de uma área que podia ser designada com um nome próprio. Tais aglomerações urbanas podiam expandir-se, e de fato expandiram-se cem vezes, sem adquirir mais que vestígios das instituições que caracterizavam uma cidade [...] (MUMFORD, 1998, p.496).

Com essa urbanização, o progresso aumentou, mas foi visível a degradação das condições de vida de algumas cidades, principalmente aquelas em que essas transformações ocorreram de forma mais acelerada. Os locais das moradias operárias⁶, mesmo insalubres, desencadearam uma valorização do solo urbano; e juntamente com os rios e as ferrovias que transportavam as matérias primas para as periferias, foram fatores que provocaram alterações na estrutura dessas cidades. Houve uma segregação causada pelos elevados preços dos aluguéis, uma vez que as periferias acolheram as fábricas e suas vilas operárias, assunto que será abordado no item a seguir. As pessoas que chegavam da zona rural se amontoavam em edifícios de baixa salubridade ou em casas humildes e, ainda hoje, as cidades enfrentam os problemas causados por essa urbanização não planejada.

Consoante com Le Corbusier (1971), “As velocidades mecânicas deflagraram a indústria”, e essas indústrias desencadearam o processo de urbanização. Elas se instalaram em locais preexistentes pela disponibilidade de moradias e de mão de obra, causando uma mistura entre os locais de trabalho e os locais de residência. Era uma verdadeira engrenagem de estabelecimentos industriais, bairros de comércio, oficinas e subúrbios.

Muito se falou nos livros sobre a atração exercida na população rural pela variedade de oportunidades de emprego oferecidas nas cidades, deixando de lado a massa de subproletariado⁷ que se aglomerava nas mesmas. Apenas quando essa expressão “atração da cidade” foi substituída pela expressão “expulsão do campo”, é que se chegou mais próximo do significado do processo de urbanização (DEÁK; SCHIFFER, 2015, P.15). Ou seja, pode-

⁵ A Fábrica aparece nesse contexto como sendo o edifício propriamente dito, que abriga o maquinário; e Indústria, como o conjunto de pessoas e dos processos envolvidos na produção de algo.

⁶ Os industriais construíam moradias para abrigar os operários nas proximidades da fábrica, somadas também as construções de outros equipamentos de assistência a esses operários, objetivando o controle da mão de obra empregada na indústria.

⁷ São aqueles que oferecem a sua força de trabalho no mercado sem encontrar quem esteja disposto a adquiri-la por um preço que assegure sua reprodução em condições normais. (SINGER, André, 2010).



se dizer que a urbanização foi uma combinação de fatores: a cidade atraindo a população em busca de emprego oferecido pelas fábricas, e o campo empurrando essa população em direção as cidades em busca de melhores condições de vida, uma vez que essas pessoas foram sendo substituída pelas máquinas provenientes dos avanços tecnológicos da Revolução Industrial europeia.

1.1 Da indústria, nascem as vilas operárias

A redistribuição territorial da população em consequência do aumento demográfico decorrente, entre outras coisas, das transformações nos meios de produção, acarretou na migração de antigos homens do campo, que se tornaram operários das indústrias e passaram a residir nas proximidades das fábricas.

Em concordância com Souza (2013), além do adensamento da população urbana e da degradação das condições de vida resultantes das péssimas condições higiênicas e sanitárias de alguns bairros, a concentração dos operários passou a ser vista como uma possibilidade de deflagração de um processo de revolução social, em que as cidades seriam elementos catalisadores. Preocupados com a produtividade, os empresários industriais passaram a construir casas para seus operários com o intuito do controle sobre todas as circunstâncias que envolviam o cotidiano desses.

Ainda segundo Souza (2013), nas referências internacionais, esse modelo recebeu diversas denominações: *company town*, *industrial village*, entre outros; e nas referências nacionais os termos utilizados foram: vilas operárias, bairro proletário, núcleo urbano, núcleo industrial, núcleo residencial, núcleo fabril, cidade operária, entre outros.

Tal diversidade revela a variedade de formas assumidas, ao longo dos anos, por esses núcleos, que surgiram desde assentamentos ligados as indústrias, quanto às mudanças ocorridas em um mesmo assentamento. Em consonância com Correia (2001), essas diferentes formas urbanas e suas denominações, refletem os profundos impactos da velocidade nas mudanças do universo industrial sobre os assentamentos criados por essas indústrias para abrigar seus operários, técnicos e gerentes. Esse ambiente construído apresenta-se como resultado de um processo dinâmico, definido pela transformação industrial, pelos conflitos de classe e pelo empenho de reformadores, incluindo arquitetos, em interferir nos rumos dessas mudanças.

Apesar dessa diversidade de denominações, aqui será adotado o termo “vila operária”, definida como área localizada nas proximidades do estabelecimento fabril, possuindo



infraestrutura (habitação, igreja, escola, creche, comércio, entre outros) de forma a permitir que seus operários residam em locais com mínimas condições de higiene. Porém serão chamadas de “vila operária da fábrica”, aquelas onde as maiorias das habitações e dos espaços comuns são de propriedade das próprias fábricas, e cuja infraestrutura é promovida pelos proprietários dessas, sendo disponibilizadas para os operários mediante pagamento de baixos aluguéis.

A falta de prestígio do modelo dessas vilas operárias estendeu-se até a sua denominação, evidenciado no momento da eliminação da palavra “operária” do nome de algumas vilas. Sendo “vila” o nome dado aos conjuntos de casas, geralmente idênticas, dispostas ao longo da rua.

De uma maneira geral, as vilas operárias tiveram origem com a Revolução Industrial, sobretudo com as indústrias têxteis da Inglaterra (século XVII e XVIII). Apesar das cidades existirem antes mesmo do advento da industrialização, esse processo transformou as cidades primitivas impondo um novo ritmo, justificado pelo novo modo de produção (século XIX e XX). As questões relativas à moradia surgiram como um problema inseparável das cidades industriais, uma vez que a migração campo-cidade gerou um *déficit* habitacional. Essas vilas operárias, diferentemente dos cortiços existentes na época, eram bem vistas, pois, além de serem econômicas, representavam um tipo de moradia unifamiliar com o mínimo de salubridade, contribuindo assim para o barateamento da força de trabalho. Nessas, estava implícito um enorme controle dos patrões sobre os operários das fábricas.

Dentro da vila, poderiam ocorrer diferentes tipos de habitação, destinadas aos diferentes cargos dentro da empresa, mas todas seguiam critérios de padronização em série, com programas que procuravam atender simultaneamente às exigências de proporcionar um mínimo conforto necessário aos seus habitantes, e a máxima economia para seus construtores. Ficavam prontas rapidamente e representavam um retorno imediato do capital através do aluguel (VIANNA, 2004).

As vilas operárias tinham a característica de possuir ligação direta com a fábrica representando uma relação entre o capital e o trabalho. Como uma extensão do estabelecimento fabril, possuíam de fato uma “função normativa e disciplinar sobre o comportamento operário no domínio privado e cotidiano fora da esfera de produção” (DE DECCA, 1989, p. 41, apud CARVALHO, 2011). Simultaneamente, existiam as escolas profissionais, cujos objetivos se baseavam na formação de indivíduos trabalhadores com hábitos cívicos. Apesar de submeterem seus operários a um intenso controle, essas vilas buscavam oferecer algumas “facilidades” em relação à saúde, educação e moradia.



Essa prática teve início nos primórdios do século XIX, e tanto seu auge quanto seu declínio, no século XX. Inicialmente promovidas pelos engenhos de açúcar e fábricas têxteis, passaram a ser difundidas em larga escala, partir da década 1880, com maior ocorrência principalmente a partir de 1920, período em que se firmaram como importante expressão da era industrial, não apenas pelos seus usos e funções, como também por suas características que geralmente remetiam a valores materiais e símbolos do universo fabril (CORREIA; et al, 2006, p.14, apud SOUZA, 2013).

Primeiramente, percebem-se dois tipos de usos: trabalho (o próprio estabelecimento fabril) e habitacional nas edificações construídas não só para operários e técnicos, como também para os patrões. Porém o intuito de aumentar a produtividade impulsionou outras atividades relacionadas aos serviços de assistência aos operários. Os industriais não apenas entendiam o ócio como indutor de vícios para os operários, como acreditavam que o prazer desregrado esgotava as forças e comprometia o orçamento deles. Dessa forma, passaram a promover atividades de lazer submetidas ao controle da fábrica: incentivavam a prática de esportes saudáveis e com regras (futebol), atividades que desenvolvessem habilidades manuais (bordado), atividades relacionadas aos espetáculos de teatro e cinema abordando conteúdo moralizante e a promoção de bandas de músicas, através do fornecimento de instrumentos musicais e a contratação de maestros (CORREIA, 1998, p.135, apud SOUZA, 2013).

A assistência à educação também foi utilizada como instrumento de grande importância na moralização dos operários levando a implantação de escolas e creches, ocupando parte das horas livres de adultos e crianças com atividades submetidas a horários. Em concordância com Correia (1998), foi um investimento que visou à formação de futuras gerações de operários, instruídas para o trabalho fabril e para respeitar o patrão, sua propriedade e suas normas.

A vida e a organização do trabalho nestes núcleos exigiram uma grande adaptação dos trabalhadores, como por exemplo, a de novos hábitos domésticos e de lazer, a uma nova distribuição de atividades regidas pelo tempo linear do relógio, à disciplina da fábrica, da escola, do padre, do vigia e do médico. Assim, “a vila operária, é um dos bens em que o capital privado investe para tornar possível armazenar a força de trabalho livre necessária à produção” (BLAY, 1985, p.40, apud VIANNA, 2004).

No final do século XX, segundo Correia (1997, apud SOUZA, 2013), as indústrias, passaram a se desobrigar da promoção de moradias e outros equipamentos para sua mão de obra, caracterizando um processo de desmonte dessa forma de gestão dos operários. A reestruturação da indústria foi acelerada com a revolução tecnológica associada à difusão da



microeletrônica⁸, proporcionando um aumento da produção fabril e repercutindo no fechamento de empresas tradicionais que não se adaptaram às novas exigências. Entre as principais empresas atingidas, destacaram-se os grandes complexos fabris estabelecidos entre os finais do século XIX e início do século XX. Simultaneamente ao fechamento dessas fábricas, algumas vilas, ou parte delas, foram demolidas, cedendo lugar a outras edificações, cuja propriedade e manutenção não eram mais de responsabilidade dos industriais. Outras foram transformadas em bairros livres de cidades já consolidadas, passando a responsabilidade para os governos municipais.

1.2 A semente da industrialização

De acordo com Milton Santos, a urbanização na Europa se desenvolve a partir do século XVIII, mas é apenas no século XIX que se tem conhecimento da primeira aceleração desse fenômeno. De uma maneira geral, a urbanização se desenvolveu em decorrência da Revolução Industrial, onde o processo de industrialização estimulou o aumento da produção com técnicas e instrumentos inovadores, e o trabalho, que antes era realizado por artesãos e manufatura⁹, passou a ser substituído pelas máquinas. Este processo foi de fato transformador e reduziu a expressão indústria à existência de um sistema fabril de larga escala de produção, através da utilização de uma energia não humana que permitiu a produção em série. Esse processo veio seguido de grandes transformações no território, que culminaram na construção de estradas mais largas e o crescimento do desenvolvimento das vias de transporte tanto por água quanto por terra. O aumento da população em decorrência das migrações desencadeou a construção de muitas casas, e o crescimento das cidades exigiu equipamentos cada vez maiores. Em vista dessas transformações, Benévolo (2011) conclui que “A economia industrial não seria aceitável sem a construção dessas novas instalações”.

Sendo assim, pode-se dizer que a industrialização teve seu início na Europa com a mecanização do setor têxtil e foi a Inglaterra o primeiro país que se desenvolveu no sentido dessa mecanização industrial, não havendo anteriormente uma sistematização do processo produtivo através de maquinários. O processo de urbanização conviveu com um forte crescimento demográfico resultante da diminuição da mortalidade em decorrência, entre

⁸ Ramo da eletrônica que trata da miniaturização dos circuitos e componentes eletrônicos (Dicionário online de português, 2016).

⁹ Entende-se por manufatura, um estabelecimento fabril com técnicas de produção artesanal, realizado por um grande número de operários, onde cada um deles participa de apenas uma etapa dessa produção.



outras coisas, dos progressos sanitários e das melhorias das condições de vida. Todo esse processo ocorreu de forma heterogênea nos países europeus em decorrência dos diferentes graus de desenvolvimento e da ocupação de suas diversas regiões.

Vale citar, que o crescimento da urbanização acarretou muitos problemas, despertando estudiosos da época para solucionar o caos que passou a tomar conta das cidades. Foram criados organismos que assumiram papel fundamental no controle das decisões públicas sobre o urbanismo (ciência que estuda o urbano), propondo soluções aos males que atormentavam essas cidades. A primeira situação que o urbanismo se defrontou estava relacionada às diferentes formas que os assentamentos humanos foram assumindo. Onde, inicialmente, nas cidades industriais, os trabalhadores foram acomodados em casas familiares transformadas em alojamentos de aluguel (cada quarto passou a abrigar uma família inteira). Outros tipos de moradia oferecidos foram apenas uma padronização das condições degradadas: construções baratas e sem alicerces encaixados no solo.

Houve uma tendência à localização das indústrias fora das cidades por estarem próximas à fonte de energia (carvão), meios de transporte (inicialmente os rios e depois as estradas de ferro) e das matérias primas, gerando com isso as cidades.

1.3 O algodão no Brasil

A urbanização brasileira ocorreu de maneira diferente da urbanização nos países europeus devido à inexistência da Revolução Industrial. Porém esse fenômeno não deve ser deixado de lado ao se analisar a urbanização e o crescimento das cidades associados ao processo de industrialização.

No Brasil, esse processo de urbanização está associado às mudanças que ocorreram, em especial, nas relações de trabalho, as quais tiveram como consequência o aumento do consumo de mercadorias, a abolição do trabalho escravo, a entrada de estrangeiros no país para suprir uma lacuna existente na mão de obra e a migração de trabalhadores rurais para as cidades em decorrência dos avanços tecnológicos agrícolas oriundos da Revolução Industrial na Europa. Tornando possível, o trabalho assalariado, a industrialização e o processo de urbanização, serem considerados não como três, mas como um único processo.

Como na Europa, esse fenômeno não se dá de maneira homogênea em toda sua extensão territorial, por se tratar de diferentes graus de desenvolvimento e da anterior ocupação das regiões, por, de acordo com Santos (2009), terem sido alcançadas de maneira diferente pelas expansões agrícolas e pelas migrações entre as diversas regiões.



Para um melhor entendimento sobre a urbanização brasileira a partir do desenvolvimento industrial, se faz importante uma breve contextualização do desenvolvimento do país, que, de acordo com o pensamento de Singer (2010), pode ser dividido em quatro períodos: O primeiro seria o período anterior a 1808; o segundo, de 1808 a 1930; o terceiro, de 1930 a 1955 e o quarto a partir de 1955.

No **primeiro período** (anterior a 1808), pode-se dizer que, no Brasil, antes mesmo de ser colonizado pelos portugueses, já existia uma produção têxtil, uma vez que os índios já faziam uso da principal matéria-prima, o algodão. No período colonial que durou trezentos anos sob o domínio de Portugal, a metrópole não aceitava a implantação de indústrias, exceto as destinadas a fabricação de tecido para os escravos (e no caso dos engenhos). Por volta do início do século XVIII, a produção têxtil chegou a ser exportada para regiões vizinhas, desencadeando a promulgação do alvará de 05 de janeiro de 1785, ordenando o fechamento das fábricas existentes na colônia, como forma de acabar com a concorrência dos produtos produzidos e comercializados em Portugal, que abasteciam o comércio da colônia e os produtos brasileiros comercializados na Europa, mantendo assim o controle pela metrópole. (DEÁK; SCHIFFER, 2015, p.80).

A utilização do algodão, inicialmente pelos indígenas e posteriormente pelos portugueses, deu origem a uma produção têxtil, porém em escala doméstica. Considerando que o país, durante séculos, foi essencialmente agrícola, cuja expansão da agricultura comercial e a exploração mineral, serviram de base para o seu povoamento, observou-se o surgimento de cidades tanto no litoral quanto no interior do país.

O **segundo período** (1808 - 1930), foi marcado pela chegada da Família Real em 1808, onde um dos primeiros atos de D. João VI, depois de abrir os portos às nações amigas, foi o de revogar o alvará de 1785, liberando a produção e a comercialização de fios e tecidos no Brasil, permitindo assim, a instalação e o funcionamento das indústrias têxteis. Em agosto de 1810, assinou um tratado de comércio com a Inglaterra, resultando numa invasão dos produtos ingleses, em especial o tecido, anulando, de certa forma, os efeitos benéficos da licença para instalação de estabelecimentos fabris, para a economia. Nesse período, compreendido entre a chegada da Família Real e a independência do Brasil (1822), a indústria não progrediu abafada pelas importações britânicas, existindo apenas cinco estabelecimentos fabris no ramo têxtil (apenas na fabricação de tecidos).



As primeiras tentativas de industrialização no Brasil datam do tempo do império, quando foi criada uma política de proteção alfandegária. No entanto, por um longo período, essas esbarravam com os interesses dos grandes proprietários rurais, que se mostram temerosos em perder o comércio para os países da Europa e dos Estados Unidos. Havia uma troca de interesses, ou seja, os produtos brasileiros eram exportados, mas, das fábricas daqueles países, provinham às mercadorias manufaturadas (BARRETO, 1994, p. 57).

O declínio do café também foi um fator determinante para a industrialização do país, uma vez que muitos fazendeiros pararam as atividades do campo, passando a investir no setor industrial. As primeiras empresas produziam produtos que não necessitavam de grandes tecnologias e limitavam-se à produção de alimentos, de tecidos, além de velas e sabão. Dessa forma, mesmo que lentamente, houve um crescimento da indústria têxtil, principalmente, pela já existência do cultivo do algodão, pela grande oferta de mão de obra e pelo crescimento do mercado consumidor. Porém, em relação aos países europeus, o processo de industrialização, no Brasil, aconteceu de forma tardia¹⁰, no início do século XIX.

Ao observar os diversos ciclos da economia brasileira sem levar em conta as especificidades das relações de produção, percebe-se, devido a sua condição inicial de colônia e posteriormente pela predominância de produtos primários de exportação, um importante ponto em comum: o mercado externo. A produção brasileira de algodão era voltada para o mercado externo, conforme constatado por Lima (1976):

A produção de algodão na capitania do Grão-Pará, que compreendia os atuais Estados do Pará e Maranhão, se desenvolveu com base na terra adequada para essa produção e no fabrico local de tecidos. Essa fabricação atingiu uma qualidade tal que passou a ser exportada para a metrópole como principal produto da capitania, além de ser trocada internamente, servindo de moeda para pagamento aos índios e às tropas (LIMA, 1976, p.49 apud DEÁK & SCHIFFER, 2015, p.79).

Além da crise Norte-Americana e internacional da década de 1920, que impossibilitou a expansão da economia cafeeira, a Segunda Guerra Mundial também teve destaque importante no desenvolvimento industrial do Brasil. A estratégia adotada pelas empresas estrangeiras a partir da segunda década do século XX foi a implantação de filiais em países periféricos, chegando ao Brasil as empresas:

- x Amazon Land and Colonization (1912),
- x The Nacional City Bank (1915),
- x The American Chemical Works Inc. (1917),

¹⁰ No Brasil, o processo de industrialização aconteceu de forma tardia em relação aos países da Europa, devido a economia baseada na monocultura, entre outras coisas, do café, caracterizada pela mão-de-obra escrava. Os grandes proprietários de fazenda e produtores de café detinham o poder político tendo influência direta nas decisões governamentais, proporcionando o engessamento da economia.



- ☒ Brazilian Tobacco Corporation (1917),
- x United States Rubber Export Company Limited (1917),
- x American Internacional Steel Co. (1918),
- x American Coffee Co. (1920),
- x Ford Motor Company (1920),
- x Bethlehem Steel Company of Brazil (1920),
- x Atlantic Refining Company of Brazil (1922),
- x Armour of Brazil Co. (1924),
- x Companhia Brasileira de Força Elétrica (1927),
- x S.A. Refinações de Milho Brazil (1929),
- x Western Electric Company of Brazil (1929).

O fortalecimento dessas empresas necessitava do crescimento do mercado interno e da industrialização, bem como do crescimento do mercado consumidor, na medida em que se colocariam como complementares das indústrias estrangeiras.

O **terceiro período** (1930 - 1955), em função dos avanços nos meios de transporte, caracterizou-se por grandes investimentos em logística que facilitaram a distribuição de produtos para várias regiões do país: construção de vias de circulação tanto de mercadorias, quanto de matérias primas e de pessoas. Nesse período, as antigas estradas de ferro que transportavam o café, passaram então a servir aos interesses das indústrias. Já as construções de estradas rodoviárias visavam estimular a inclusão das regiões brasileiras à desenvolvida região sudeste. Uma vez que essas regiões tinham importante papel no fornecimento de mão de obra e como consumidora dos produtos manufaturados.

Maricato (2008) afirma que a economia brasileira manteve seu ponto central no setor agrário, exportados até a década de 30 do século XX – ano em que ocorre a “Revolução Burguesa no Brasil”¹¹, passando o estado a investir fortemente em infraestrutura, visando o desenvolvimento industrial, e a burguesia industrial passa a assumir o poder político na sociedade. Ela afirma que o lugar central dos conflitos no Brasil do século XIX foi ocupado pelas questões fundiárias relativas ao campo.

¹¹ Teoria regional do desenvolvimento capitalista na periferia da economia mundial capitalista de Florestan Fernandes, que trata da interpretação do processo histórico de formação e transformação da sociedade brasileira, na qual ele afirma que “o Brasil não foi uma nação capitalista desde o seu descobrimento, ele vai conhecer este modelo tardiamente. Sua estrutura social é formada pela aristocracia agrária, que dominava o país. Os grandes latifundiários deram origem à burguesia no Brasil. Este grupo vai determinar os rumos da nação, e com isso contribuir para a Proclamação da República”.



A crescente generalização da propriedade privada da terra, a partir de 1850, com a confirmação do poder político dos grandes proprietários nas décadas seguintes, e a emergência do trabalho livre, a partir de 1888 (acontecimentos que são interligados como já foi demonstrado por muitos autores), se deram antes da urbanização da sociedade. No entanto, a urbanização foi fortemente influenciada por esses fatores: a importância do trabalho escravo (inclusive para a construção e manutenção dos edifícios da cidade), a pouca importância dada à reprodução da força de trabalho mesmo com a emergência do trabalhador livre e o poder político relacionado ao patrimônio pessoal (MARICATO, 2008, p.18).

O **quarto período** (a partir de 1955), foi caracterizado pela abertura da economia e das fronteiras produtivas, permitindo a entrada de recursos em forma de empréstimos e também em investimentos. Com o ingresso dos militares no governo do país, no ano de 1964, as medidas produtivas tiveram novos rumos, como a intensificação da entrada de empresas e capitais de origem estrangeira comprometendo o crescimento autônomo do país, que resultou no incremento da dependência econômica, industrial e tecnológica em relação aos países de economias consolidadas.

Dessa forma, a década de 1950 caracterizou-se pelo surgimento de uma nova fase da industrialização brasileira, dedicada ao desenvolvimento da fabricação de bens de consumo e de produção e foi criado o Plano de Metas¹² que expandiu o setor privado industrial por meio de associações com o capital estrangeiro. Nessa mesma década, houve também uma aceleração do processo de urbanização brasileiro que ocorreu de forma simultânea a mudança do país: o assalariamento e a expansão industrial. A mudança do trabalho escravo para o assalariado acarretou profundas transformações (territorial e social), através do aumento das camadas de marginalizados, já que, expulsos das fazendas, acabaram na periferia das cidades vivendo de pequenos e eventuais trabalhos, normalmente braçais.

De acordo com Baeninger (2010), em 1950 o Brasil já tinha avançado para um considerável nível de urbanização em relação à quantidade de pessoas vivendo em áreas urbanas, uma vez que o país passou não só por um período de forte crescimento econômico, como também de crescimento demográfico no final do século XIX e início do século XX. Esse processo de urbanização foi movido por diferentes etapas do desenvolvimento do país, conforme exposto, e sustentado pelo crescimento demográfico provenientes das migrações e do crescimento natural da população.

¹² Estratégia econômica que se apoiou em três pontos: dinamização do setor industrial interno, incentivos fiscais à exportação de bens de consumo não duráveis e produtos primários, importação de equipamentos e produtos destinados a superar os pontos de redução aos setores então dinamizados. (DEÁK & SCHIFFER, 2015, p.98).



As indústrias do estado de São Paulo se especializaram, entre outros, no ramo têxtil. Santa Catarina produziu artigos diversificados e de alta qualidade consumidos pelas classes alta e média alta (tecidos felpudos, malhas brancas, entre outros). Minas Gerais incorporaram o processo de industrialização através da sua reserva de minério, favorecendo a indústria de base (siderúrgicas), consolidando a região metropolitana de Belo Horizonte como polo industrial a partir dos anos 1970.

Apesar da rápida expansão e diversificação dos setores industriais urbanos nos anos de 1950 e 1960, a produção agrícola continuou a realizar-se através da intensa incorporação de terra e mão de obra e da reprodução de formas não capitalistas de produção. (GOODMAN, 1986, p.114 apud DEÁK; SCHIFFER, 2015, p.96).

Em 1960, dava-se início também ao processo de concentração de população nas regiões metropolitanas, que retinham quase 30% da população residente. Esse processo foi reforçado pelo ciclo de industrialização pesada¹³ através da concentração não só da população, como também da indústria e dos serviços, estabelecendo um novo padrão de urbanização, através da reordenação da estrutura produtiva (agrícola e industrial) e a estrutura de consumo de bens e serviços, recriando a divisão territorial do trabalho.

Um dado importante fornecido pelo Censo Demográfico de 1970, é que de 1940 a 1970 a população brasileira quase triplicou, e de 1970 a 1980 a população urbana das cidades aumentou em 60%, sendo o crescimento da população urbana maior do que a população total (DÉAK; SCHIFFER, 2015, P.124) - processo de urbanização caracteristicamente brasileiro. Esse crescimento, como já foi citado, esteve associado aos processos migratórios, já que grande parte do crescimento urbano ocorreu como resultado dessas migrações internas – cerca de 50%, ainda de acordo com o referido censo.

1.4 Teceduras do Nordeste

A urbanização no nordeste brasileiro possui uma particularidade em relação às outras regiões do país, uma vez que nela predominam as temperaturas médias anuais muito elevadas e constantes. Essas características resultam em baixos níveis de umidade, conseqüente escassez de chuvas, irregularidade e precipitações ao longo do ano, ocasionando variações climáticas, caracterizada pelo fenômeno da seca.

¹³ Surge o capital multinacional nos setores dinâmicos (automóveis, eletroeletrônicos e químicos). Estrutura-se o tripé da industrialização (1956-1980).



Essa especificidade impõe a região Nordeste uma baixa sustentabilidade dos sistemas de produção de alimentos, que, associada aos constantes efeitos do clima, dificulta o seu desenvolvimento e a sua manutenção, culminando na expulsão da população para a cidade em busca de condições de sobrevivência. Nesse contexto, o êxodo rural no Nordeste é um fenômeno formado pela junção não só dos processos econômicos, sociais e políticos, citados anteriormente; bem como dos processos culturais e ambientais, que afetam a qualidade de vida humana, nas áreas de aridez climática (SANTOS et al., 2009).

Para facilitar a compreensão do processo de urbanização no Nordeste, torna-se interessante uma rápida retrospectiva de sua formação histórica.

Sabe-se que a região Nordeste foi a primeira a se urbanizar no Brasil, uma vez que abrigou os primeiros territórios colonizados, nos quais se instalaram as principais atividades econômicas brasileiras. Cenário que favoreceu o crescimento de cidades como Salvador e Recife.

Inicialmente, a região desempenhou um papel importante na economia brasileira, período compreendido aproximadamente entre os anos de 1530 a 1650, época em que o açúcar, derivado da cana de açúcar, aflorou como o principal produto colonial. Apresentando posteriormente um processo de empobrecimento evidenciado, em especial, durante o século XX.

Na prática, o desenvolvimento industrial da região Nordeste não se realizou, as atividades industriais aconteceram de maneira discreta. O setor de exportação dos produtos agrícolas possuía grande expressão, sendo a indústria têxtil e os engenhos de cana de açúcar possuidores de um pequeno destaque da sua economia, ficando a região de fora do ciclo do café, característico da região sudeste.

De acordo com Sarmiento (1982), a região Nordeste, no século XIX, recebeu um novo impulso com a revitalização da produção da cana de açúcar e do algodão. Essa produção, baseada no trabalho escravo, sofreu uma nova crise com a abolição da escravatura em 1888.

Na década de 1920, no Nordeste, o setor têxtil ocupava o segundo lugar na produção industrial, sendo o primeiro ocupado pelo setor alimentício. Dessas indústrias nordestinas, cerca de dez por cento, tinham como atividade a fabricação do tecido em si, sendo as restantes, fornecedoras de matérias-primas, através da realização de atividades como o descaroçamento de algodão. Em 1939, o setor têxtil passou a ocupar o primeiro lugar na produção industrial do estado de Pernambuco.



Essas fábricas de tecido empregaram juntas cerca de 80 mil pessoas e chegaram a produzir, aproximadamente, 70 milhões de metros de tecido, o que representava 8% da produção brasileira da época. Em 1960, um terço das fábricas de tecido do Nordeste encontrava-se em Pernambuco.

No estado de Pernambuco, o processo de industrialização teve início na segunda metade do século XIX, sendo esse considerado o período que ocorreu o primeiro surto de industrialização no Brasil. No período compreendido entre os anos de 1890 até 1920, a produção da matéria prima para a confecção de tecidos e a presença de uma infraestrutura favorável, colaborou para o aparecimento da indústria têxtil que marcou a economia do estado. As primeiras tentativas de implantação da indústria têxtil aconteceram no ano de 1826, porém não foram bem-sucedidas.

Em 1837, o coronel Aleixo José de Oliveira, comandante da Ilha presidiária de Fernando de Noronha, estabeleceu ali uma fábrica de fiação e tecidos, em modestas condições, porquanto constava apenas de uma máquina para descarregar algodão, duas de fiação, uma cerdereira e um tear. A fábrica era destinada a fornecer o pano necessário para roupa dos presidiários, e empregava no seu fabrico o algodão da produção da ilha. [...] Deixando, porém, o referido coronel o comando do presidio, pouco tempo depois da montagem da fábrica, parece-nos que seus sucessores não ligaram importância alguma ao seu empreendimento, vindo daí o abandono do estabelecimento, o seu desaparecimento, por fim (COSTA, 1983).

Pequenas empresas surgiram nas primeiras décadas do século XIX, mas fecharam (1830) devido concorrência dos manufaturados importados europeus, mais baratos que os produtos nacionais em decorrência do progresso industrial da Europa. Somente duas décadas depois, a produção de tecidos em Pernambuco ganhou força suficiente para se consolidar. O grande surto de desenvolvimento da indústria têxtil só aconteceu na década de 60 do século XIX. Favorecendo assim a cultura do algodão em Pernambuco, que proporcionou uma oportunidade para a indústria de tecidos no estado, principalmente, porque o Brasil era responsável por parte da produção de algodão que alimentava uma das mais importantes indústrias têxteis no mundo, as fábricas inglesas de tecido. Essas fábricas importavam grande parte do algodão de sua colônia (Estados Unidos), mas em decorrência da Guerra de Secessão, a facção Norte¹⁴ impediu a exportação do produto (não aceitavam ser dependentes da metrópole), gerando essa grande oportunidade econômica para o Brasil.

¹⁴ Antes de se tornarem Estados Unidos da América, eram colônias da Inglaterra. As colônias eram divididas em Norte e Sul, não só como espaço geográfico, mas também em diferenças ideológicas. Facção Norte foi o nome dado ao grupo que, durante a guerra de secessão dos EUA, residia nas colônias do Norte e era a favor da industrialização e abolição da escravidão, tendo seu mercado direcionado a exportação.



A Tabela 1 reforça que o grande surto de industrialização se deu nas décadas de 1930 e 1940. Vale ressaltar que, ainda segundo Bernardes (2013), a maioria das indústrias se localizava na cidade do Recife.

Tabela 1 – Evolução Industrial em Pernambuco. Fonte: BERNARDES, 2013, p.70.

NÚMERO DE EMPRESAS INSTALADAS EM PERNAMBUCO*						
	Anterior a 1900	1900 a 1909	1910 a 1919	1920 a 1929	1930 a 1940	Total
Geral	113	33	99	345	1264	1854
Têxtil	08	02	05	20	48	83

*Não compreendidas 23 empresas cujas datas de instalação não foram declaradas.

No interior do Estado de Pernambuco, também surgiu um polo têxtil industrial, dando origem à fabricação de tecidos nos municípios de Goiana, Paulista, Moreno, Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho e Timbaúba.

Esse cenário durou até 1970, quando a indústria têxtil do Nordeste, entrou em crise em decorrência da devastação das plantações de algodão, causada pela “praga do bicudo”, também conhecido como “bicudo do algodoeiro”¹⁵, causando um prejuízo fatal à produção. Esse prejuízo gerou o aumento dos preços das matérias primas e consequente diminuição da demanda, levando ao fechamento de alguns desses estabelecimentos fabris.

No período de grande industrialização no estado, a presença de melhoramentos na infraestrutura, juntamente com as mudanças tecnológicas, contribuíram para a fabricação de uma melhor matéria prima, acarretando no surgimento de outros produtos derivados do algodão. Outros fatores também influenciaram na localização dessas fábricas (proximidade do mercado consumidor, presença do capital, maior número de mão de obra e os serviços de utilidade pública), uma vez que a existência em abundância desses fatores nas cidades mais urbanizadas atraíram as fábricas para as proximidades da capital. As indústrias pós década de 1960, situaram-se mais próximas da Região Metropolitana do Recife - RMR, aumentando a concentração dessas no estado.

Porém esses fatores não impediram que essas indústrias entrassem em decadência, entre outras coisas, pela falta de capacidade de modernização das mesmas, insuficiência de incentivos fiscais (SUDENE tira a RMR da faixa dos incentivos fiscais) e a descapitalização, levando a indústria têxtil pernambucana a perder sua posição de destaque para os outros estados.

¹⁵ *Anthonomus grandis* (nome científico), também conhecido como Bicudo, é um besouro com grande capacidade de reprodução, podendo existir gerações múltiplas durante uma única safra.



1.5 A história dos fios em Recife

Para discorrer sobre o desenvolvimento urbano do Recife, em concordância com Bernardes (2013), é necessário compreender as várias fases do crescimento da cidade: “de uma vila-porto, nos primeiros séculos da colonização, de uma cidade “cabeça de ponta” de um processo de industrialização exogenamente imposto, como se nos afigura nos dias de hoje”.

No Recife, o início da urbanização tanto no sentido do crescimento populacional, quanto no de dotar a cidade de infraestrutura, se deu com a chegada da invasão Holandesa no século XVII, que em concordância com o historiador José Honório Rodrigues, atraídos pelo açúcar, impulsionou inúmeras construções que promoveram a modificação da paisagem alagada. É fácil supor que quando os holandeses decidiram se instalar no Recife, precisaram contar com uma série de construções que dessem suporte. Essas transformações se deram por meio do traçado das ruas e a construção de muitos sobrados, pontes e palácios. Foram tantas modificações que segundo Mello (1987), alguns estudiosos da época elevaram o Recife a “primeira cidade brasileira com características de uma grande cidade”.

Sem o fato histórico da invasão holandesa, não existiria hoje, nos mapas do Brasil, a cidade do Recife, capital de Pernambuco, com suas características de uma cidade-porto, de uma planície, estendida ao longo dos rios da região e independente de Olinda (CASTRO, 1948, p.35).

As condições naturais marcaram a função portuária do povoado. Castro (1954), afirma que a cidade nasceu em função do porto, estendendo-se rios acima em busca de pequenos núcleos de povoação representados pelos primeiros engenhos, e cresceram progressivamente.

Esses engenhos de cana de açúcar se instalaram estrategicamente às margens dos rios para facilitar o escoamento do açúcar e transportar as toras de madeira derrubadas para alimentar as suas fornalhas, até a construção das linhas férreas, que só aconteceu a partir do século XX. “Uma grande povoação com muita gente branca e de cor, senhores e escravos, foram assim aqueles engenhos que, seguindo as margens do Capibaribe, situados na extensa planície do Recife, condicionaram a situação da cidade” (apud COSTA FILHO, 1944, in HALLEY, 2013, p.61).

Foram esses engenhos de açúcar que proporcionaram o crescimento da cidade do Recife, orientados pela direção dos rios no período que compreende o século XVIII.

A ocupação do Recife ultrapassa sua explícita função portuária, fato de maior dinâmica da sua formação, através da ampliação da economia colonial que se reflete no



espaço, constatada pela implantação de armazéns, casas de negócios e serviços que atendiam a população que estava vinculada ao porto e ao povoado (soldados, clérigos, funcionários). Dessa forma, vendas, tabernas, fortificações, edifícios civis e religiosos, marcaram a paisagem.

No final do século XIX acontece uma modernização tecnológica ajustada à implantação da infraestrutura de transportes e à melhoria dos serviços portuários, onde, simultaneamente a essa modernização, gera um grande aumento da demanda do algodão, ocasionando a elevação do seu preço, atraindo dessa forma o interesse do seu cultivo, dificultando assim, a introdução de tecnologias avançadas para a produção de açúcar. Foi então, baseado nessa nova dinâmica que se iniciou o processo de industrialização. Esse processo aumentou o número de pessoas que passaram a ser atraídas para a cidade em busca de oferta de empregos oferecidos por essas indústrias.

Toda essa modernização resulta em um discreto crescimento da cidade, até meados do século XIX, que de acordo com Melo (1978), no período do século XX, se deu de forma acelerada, quando comparados ao crescimento ocorrido nos séculos anteriores.

Paul Singer relaciona o aparecimento das indústrias no Recife com o desenvolvimento do moderno parque usineiro, desde que este contribui para: “a) criar um mercado para certos bens de produção com cal, veículos, etc; b) ampliar o mercado de bens de consumo ao provocar mudanças profundas nas relações de produção na zona rural com a conseqüente expansão de economia de mercado, em detrimento do setor de subsistência e; c) ao expulsar do campo levas de trabalhadores que iam constituir no Recife verdadeiro exército industrial reserva” (BERNARDES, 2013, p.61).

As indústrias foram se instalando seguindo a mesma lógica dos engenhos de cana de açúcar, próximas aos rios e ferrovias, facilitando o transporte do maquinário e da matéria-prima. Esses rios serviam tanto de fonte de abastecimento de água, como também de descarte dos resíduos dessas indústrias devido ao saneamento inexistente.

Anteriormente ao ano de 1826¹⁶, acontece em Recife, a primeira instalação não bem-sucedida¹⁷ de uma indústria têxtil, situada, conforme Costa (1983), no Sítio do Fundão, à entrada da Rua da Glória, às margens do Rio Capibaribe, no bairro da Boa Vista, de propriedade do Sr. Gervásio Pires Ferreira. Fabricava cobertores e tecido popularmente conhecido como algodãozinho. Porém não teve uma longa duração, entrando em decadência

¹⁶ Segundo Costa (1983), não é possível descobrir a data precisa da fundação da fábrica instalada na Boa Vista, mas é seguro que já se encontrava em funcionamento no ano de 1826 (COSTA, 1983, p.18).

¹⁷ O domínio da economia açucareira e a impermeabilidade às mudanças da respectiva estrutura político-econômica mantiveram-se obstaculizando a emergência de uma indústria urbana desvinculada da produção agrícola (apud SINGER, 1977, p.319, in PONTUAL, 2001).



após falecimento do seu proprietário. Apenas décadas à frente é que se tem registro do surgimento de outros estabelecimentos fabris e consequente consolidação do mercado têxtil.

Em 1860, ocorre uma crescente ascensão da indústria têxtil. Associa-se esse fenômeno a Guerra da Secessão nos EUA, conforme citado anteriormente no item 1.3, na qual foi interrompido o abastecimento norte-americano às indústrias Inglesas, gerando uma grande procura pelo algodão, que resultou na elevação dos preços dessa matéria prima – “Ouro Branco”. A exportação do algodão chegou a se equiparar à do açúcar, considerado, na época, principal produto do Estado. A explosão das exportações de algodão levou os produtores a investirem na indústria local conforme citado anteriormente.

Sendo assim, existiu uma lacuna de tempo, desde a fracassada experiência do bairro da Boa Vista (1826), em relação à instalação de indústrias têxteis em Recife, até a implantação da Fábrica da Madalena (1874), onde não se teve registro de grandes investimentos no setor industrial.

A Fábrica da Madalena, inicialmente pequena empresa de fabricação de tecido, vinculada ao algodão do qual Pernambuco foi grande produtor, foi a segunda instalação têxtil em Pernambuco e primeira fábrica de tecidos a se instalar no estado, baseada na Lei Provincial nº 1000, de 13 de junho de 1870¹⁸, denominada Pernambuco Barroca Ltda., pertencente ao comendador Barrocas. Essa fábrica teve sua instalação na atual Rua Demócrito de Souza Filho, área do antigo Engenho Madalena, localização escolhida por estar próximo ao Rio Capibaribe e por ter sido uma área sem grande incidência de moradias na época. Inaugurada em 31 de maio de 1874, possuía 35 operários, sob a coordenação de um profissional contratado na Bélgica, local de onde foi importado todo o maquinário do estabelecimento, teve sua produção na fabricação de tecido popularmente conhecido como algodãozinho. Considerada uma fábrica pequena, segundo Menezes (2016), foi transferida para o bairro da Torre em 1875¹⁹ e ampliada em 1892, devido a um mercado promissor. A fábrica passou a se chamar Companhia Fiação e Tecidos de Pernambuco, passando a ser conhecida como Fábrica de Tecidos da Torre, garantindo o domínio da produção têxtil até o final do século XIX. Silva (1999) diverge, quando afirma que a Fábrica da Madalena foi incorporada à Fábrica da Torre em 1887 e juntas formaram a Companhia Fiação e Tecidos de Pernambuco. Costa (1983), diferentemente, afirma que a Fábrica da Madalena foi incorporada

¹⁸ Lei que autorizou a presidência da Província a contratar com Antônio Valentim da Silva Barroca, ou com quem mais vantagens oferecesse, a construção de uma ou mais fábricas de fiação e tecidos, concedendo o privilégio de doze anos de isenção de impostos provinciais e municipais, [...] bem como sobre as matérias primas de consumo (COSTA, 1983, p.51).

¹⁹ De acordo com Rodrigo Cantarelli, o cotonifício foi fundado no ano de 1874, anteriormente situava-se no bairro da Madalena (1870).

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



posteriormente a uma associação sob o título de Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco, não fazendo menção a data do ocorrido. Completa dizendo que a mesma resolveu fundar outra fábrica na povoação da Torre, começando a funcionar em 1884, concorrendo com a da Madalena, levando ao fechamento da mesma (Figuras 1 e 2). A Fábrica de Tecidos da Torre será discutida no item 2.2.

Figura 1 - Anúncio da Fábrica da Torre na Revista Cruzeiro de 25 de set de 1974, p.70.



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco, 2016.

Figura 2 - Localização das Fábricas Madalena e Torre.



Fonte: Google Earth, 2016. Acesso em 04/10/2016.

Segundo José Luiz Mota Menezes, arquiteto e historiador, no Prefácio do livro “Nos teares da história” (BARRETO, 2015), a Fábrica da Torre adotou em sua arquitetura o estilo *Art Déco*, divulgado na época no Salão de Artes Decorativas de Paris, na França, o que a diferenciava, juntamente com a Fábrica da Macaxeira, das demais instaladas em Pernambuco, as quais receberam influências da Inglaterra e Alemanha.

De acordo com Simonsen (1973), até a última década do século XIX, eram poucos numerosos os estabelecimentos industriais que existiam, tendo seu conjunto inexpressivo, onde o primeiro surto industrial aconteceu na década de 1880 a 1890.

Segundo Perruci (1978), os avanços tecnológicos da produção açucareira do estado de Pernambuco provocaram na cidade do Recife um crescimento das atividades industriais e comerciais e consequente aceleração no processo de urbanização na cidade. Engenhos e usinas estimularam a fabricação de produtos para manutenção de máquinas e produtos têxteis para ensacar o açúcar; e o crescimento da população provocou o aumento do consumo tanto de alimentos como de produtos têxteis, que estimulou o aparecimento de indústrias, muitas delas, filiais de empresas do Sudeste ou do exterior.



Recife, final do século XIX. A cidade se estendia em pitorescos arrabaldes, afrancesada, orgulhosa de prédios monumentais e do seu casario assobradado do início desenvolvimento sem precedentes. A abolição, a República, um surto de pequenas indústrias, dão-lhe certo ar de modernidade, bem diferente da feição bucólica que deslumbrou estrangeiros que a visitaram décadas atrás (MENEZES, 2010, p.77).

A partir da mudança da fábrica de tecidos da Madalena para o Bairro da Torre, vieram outras fábricas têxteis em Pernambuco, tais como:

- 1891 Companhia Fábrica de Estopas,
Companhia Industrial Pernambucana, em Camaragibe - destaque na produção de Brim (inaugurada em 1892);
- 1893 Companhia Têxtil de Aninagem,
Fábrica de Tecidos Paulista²⁰, destaque na produção de Chita,
Indústria Fiação e Tecidos Goiana²¹ (propriedade do grupo Lundgren) - destaque na fabricação de panos trançados,
Fiação e Tecidos de Malhas (inaugurada em 1894);
- 1895 Fábrica de Tecidos Apipucos (Tecelagem Apipucos), destaque na produção de Brim e artigos diversos,
Fábrica de malhas na Várzea;
- 1910 Cotonifício Moreno (Fábrica de Moreno) - destaque na fabricação de Morim,
Societé Cottonière Belge-Brasilienne²²;
- 1912 Fiação e Tecelagem Timbaúba,
Fábrica de Fios de Algodão;
- 1913 Companhia Fiação Cânhamo e Juta;
- 1924 Cotonifício José Rufino²³, no Cabo de Santo Agostinho,
Fábrica Tacaruna;
- 1925 Fábrica Yolanda²⁴, Estância – destaque na produção de sacos de tecido,
Fábrica Tacaruna, entre Recife e Olinda – destaque na produção de cobertores;
- 1926²⁵ Companhia Industrial Pirapama, em Escada - destaque na fabricação de toalhas,
Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco/TSAP, no Recife;
- 1927 Fábrica Bezerra de Mello;

²⁰ Controlada por Herman Lundgren em 1904 (SILVA, 1999).

²¹ De acordo com a História da Indústria Têxtil em Pernambuco - Da primeira Fábrica até o Bicudo - foi fundada em 1894 (Textile Industry, 2011).

²² Fundada em 1908, em Moreno, segundo Textile Industry (2011).

²³ Fundada em 1926, segundo Textile Industry (2011).

²⁴ Segundo Textile Industry (2011), foi fundada apenas em 1969.

²⁵ Fundadas em 1925, segundo Textile Industry (2011).



A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

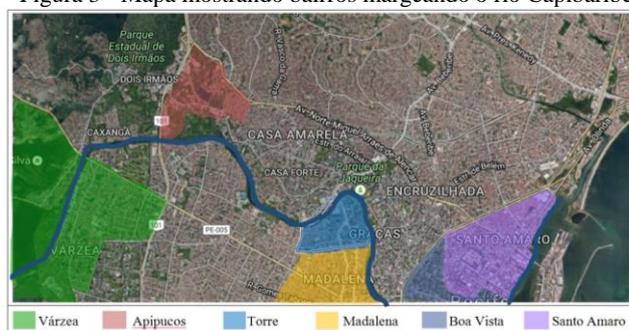
- 1929 Tecelagem de Juta Santa Maria;
 1930 Tecelagens de Juta São José,
Tecelagem de Juta (Boxwell e Cia);
 1931 Fábrica Santa Amélia;
 1933 Cotonifício Othon Bezerra de Mello²⁶.

Essas fábricas tiveram como base o modelo higienista e funcional de industrialização europeia, no qual se buscava a diminuição da perda de tempo no deslocamento casa-trabalho, através da implantação de serviços e apoios complementares à atividade fabril - residências, creches, consultórios médicos e odontológicos, clubes, escolas, lojas e igrejas - como garantia da permanência do trabalhador, uma vez que esses serviços eram voltados aos funcionários de tais estabelecimentos fabris.

Eram verdadeiras cidades industriais dentro da cidade. Um modo de ver que aproximava o operário do seu lugar de trabalho e evitava deslocamento desde grandes distâncias, e ainda garantia uma forma de vida, de certo modo boa para a família do trabalhador. Uma concessão que era de interesse para quem estava no poder e os comandados (apud MENEZES, 2015, in BARRETO, 2015).

Tornou-se possível perceber verdadeiros cenários de transformação da paisagem urbana de Pernambuco, no período pós-industrialização. Segundo Sousa (2013), “As estruturas implantadas para atender às necessidades da atividade industrial podem ser associadas a uma diversidade de sítios, estruturas, complexos, cidades e paisagens ao redor do mundo”. Especificamente na cidade do Recife, essas transformações começaram a surgir nos atuais bairros da Boa Vista, Madalena, Torre, Santo Amaro, Várzea e Apipucos (Figura 3).

Figura 3 - Mapa mostrando bairros margeando o rio Capibaribe



Fonte: Produzido pela autora, baseado no mapa do Google Maps, 2016.

²⁶ De acordo com Silva (1999), foi uma fusão das fábricas de Apipucos (1895), Bezerra de Mello (1927) e Santa Amélia (1931).



Pode-se deduzir que essa implantação se deu por conta da proximidade com o Porto do Recife ou com os principais eixos de escoamento do fluxo de transportes (rios, avenidas e ferrovias) que convergiam para a região portuária, o que é constatado ao se analisar os antigos caminhos das linhas férreas associadas à interligação dos antigos engenhos de cana de açúcar, cujo mapa pode ser observado no item 2.2.

Hardman (1982) relacionou a localização das fábricas às ferrovias e rios, por favorecerem a circulação da matéria prima, das máquinas, pessoas, e pela utilização dos rios como fonte de abastecimento de água e geração de energia para o maquinário, bem como pela ausência de meios de saneamento.

A fábrica usualmente reclamava os melhores sítios: principalmente, na indústria algodoeira, nas indústrias químicas e nas indústrias siderúrgicas, a situação perto de uma via aquática; pois grandes quantidades de água eram agora necessárias, no processo de produção, para abastecer as caldeiras da máquina, resfriar as superfícies quentes, preparar as soluções necessárias e tintas químicas. Acima de tudo, o rio ou canal tinha ainda outra função importante: era o mais barato e mais conveniente lugar de despejo de todas as formas solúveis ou semi-solúveis de detritos. A transformação dos rios em esgotos abertos foi um fato característico da economia paleotécnica²⁷. Resultado: envenenamento da vida aquática, destruição de alimentos, poluição da água, que passava assim a ser imprópria para banhos. (MUMFORD, 1998, p.496).

Sabe-se que o Parque Industrial de Pernambuco, que se consolidou até as primeiras décadas do século XX, impactou a economia da época que, segundo Domingues (2000), a estrutura industrial em Pernambuco, entre 1890 e 1920, ocupava situação de destaque no Brasil. Depois de São Paulo e Rio de Janeiro, Pernambuco foi o estado com maiores companhias têxtil e maiores números de trabalhadores, contando com empresas de variados ramos da produção: bebidas, móveis, óleos, cigarros, entre outros. Baseados nesses aspectos, pode-se dizer que existe uma forte evidência da relação do processo de industrialização com o da urbanização na cidade do Recife no período compreendido entre o final do século XIX e meados do século XX.

²⁷ Qualificativo de uma das fases em que, segundo Patrick Geddes (1854-1932), se pode dividir a civilização ocidental, com início na segunda metade do século XVIII, antecedendo a neotécnica, que começa no século XX. “Está começando uma nova era industrial. Como a ‘Idade da Pedra’ é dividida em dois períodos, ‘Paleolítico’ e ‘Neolítico’, assim é preciso distinguir a ‘Era Industrial’ em suas duas fases, ‘Paleotécnica’ e ‘Neotécnica’.” (GUEDES, 1994, p.65).



2. \$ LAMA \$6\$162

DA CIDADE DO RECIFE

Entender a cidade e a complexidade de sua organização, compreender os processos que a formaram e analisar o seu grau de urbanização nos dias atuais, exige uma reconstrução de sua trajetória, desde as suas origens. Esse capítulo faz um resgate histórico e cartográfico da formação do espaço, através da sobreposição de mapas e relatos orais, para que se tenha um melhor entendimento da evolução urbana desde os primeiros núcleos da cidade do Recife, até a criação e crescimento do bairro da Torre. Lewis Mumford em seu livro *A cidade na História* chama atenção para esta necessidade de se voltar ao passado: "Se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para os seus componentes originários, por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura...".

De acordo com Menezes (2016), pelo grau de complexidade, não se estuda uma cidade de uma só vez, sendo necessário primeiramente ter uma noção de como se deu a evolução do seu espaço geográfico e da sua maneira de ocupação através da análise de mapas. Ou seja, para compreender a forma urbana, é necessária a interpretação e compreensão histórica da formação do tecido urbano, uma vez que as áreas que o formaram são constituídas de processos inacabados e que se apresentam em constantes transformações. E sendo o bairro da Torre fruto da expansão da cidade do Recife, se faz necessário, assim, retornar até os primórdios de sua ocupação e seu processo de expansão.

O processo de urbanização precisa ser analisado não só à luz dos, "subprocessos" econômicos, políticos, sociais e culturais, assim nomeados por Santos (2009); mas também das modalidades do uso do território nos diversos momentos da história.

2.1 O porto e o açúcar

A história da cidade do Recife tem início com a ocupação de alguns pescadores que se fixaram na estreita porção de terra e com algumas colônias e veleiros que buscaram os arrecifes. Esse istmo partia de Olinda e se alargava no sentido sul.

No recorte da Carta do Recife e de Olinda (Figura 4), é possível visualizar a população do Recife em sua fase inicial de formação, no ano de 1609, quando se percebe a existência de um núcleo primitivo de poucas casas, mas também apresenta uma preocupação em se ter uma fortificação como proteção aos ataques por mar. Para que se tenha uma referência em relação



aos dias atuais, de maneira a entender a localização do núcleo primitivo, estão sinalizados no mapa o Convento de Santo Antônio e o Forte de São Jorge, que possivelmente seria o atual Forte do Brum. Segundo Reis (1997), não existem, até então, muitos registros do que poderia ter sido o Recife antes do século XVII, sendo essa, a mais antiga representação gráfica catalogada (em forma de mapa).

Figura 4- Recorte da Carta do Recife e de Olinda, 1609. Detalhe do original manuscrito, que ilustra o códice 'Relação das Praças Fortes do Brasil' de Diogo de Campos Moreno, existente no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa.



Fonte: Prestação de contas Terezinha da Paulina – coleção imagens período colonial de Pernambuco.

Em consequência do desenho geográfico da região, foram construídos alguns fortes que serviram de defesa contra os ataques dos piratas franceses em 1561 - ano que, de acordo com Borborema (2011), surgiram os primeiros focos de ocupação urbana em Recife. Ainda para defesa da terra conquistada, foram construídas outras fortificações no Nordeste do Brasil, sendo a localizada no Recife, a mais importante delas - ponto estratégico do governo de João Maurício de Nassau Siegen.

Na perspectiva do Recife e Vila de Olinda, datada de 1616 (Figura 5), aparece uma representação do Forte do Picão ou da Laje, construído no início do século, e também a representação dos rios margeados por alguns focos de povoação, possivelmente os engenhos de açúcar. Está destacado em vermelho o núcleo primitivo de Recife e em amarelo a cidade de Olinda.

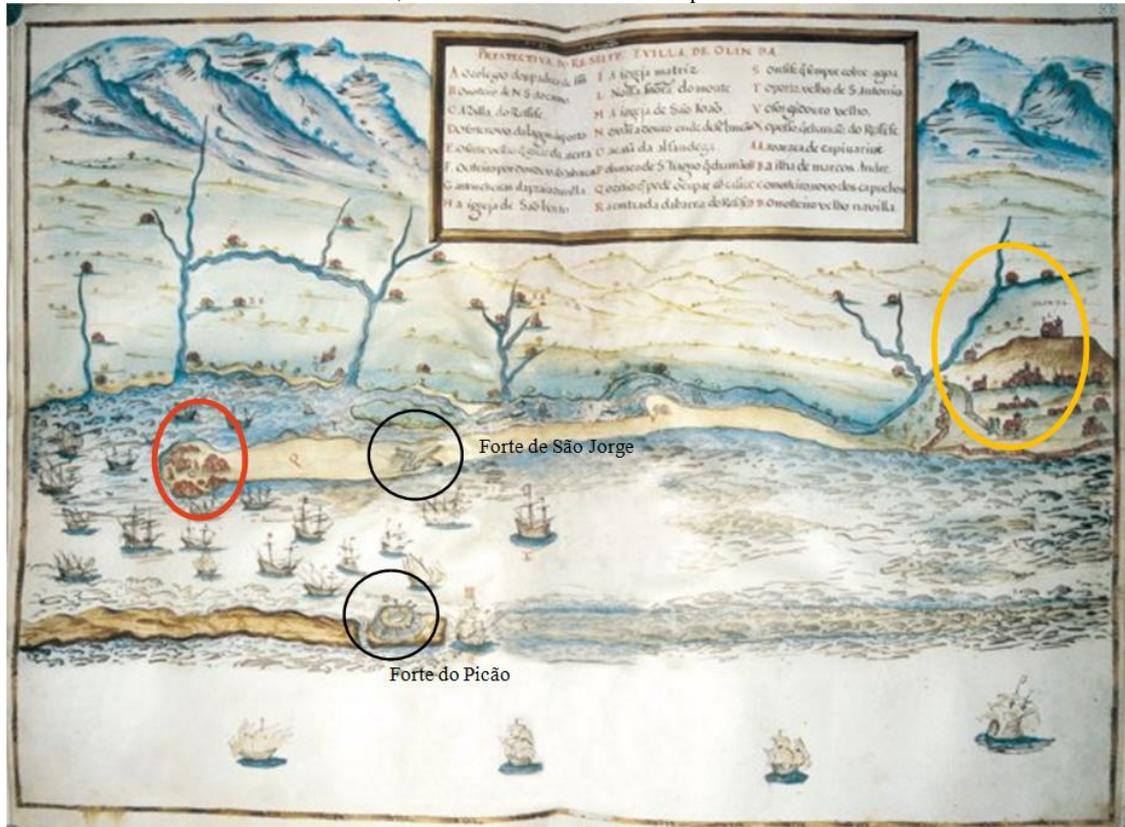
Ainda que os desenhos tenham algumas distorções, fica possível entender que a ocupação não apresenta muita diferença ao ser comparado com o mapa anterior (Carta de Recife e Olinda, 1609). Porém, em consonância com Barreto (1994), pode-se distinguir três zonas bem definidas no que viria a ser a cidade do Recife: a Zona Rural, representada pelos engenhos; a Zona Portuária, sinalizada pelo caminho das embarcações e a Cidade de Olinda, como representação de uma Zona Urbana.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



Figura 5 - Perspectiva do Recife e Vila de Olinda, 1616. Original manuscrito que integra o códice “Rezão do Estado do Brasil no governo do Norte somete assim como o teve Dom Diogo de Meneses até o ano de 1612”, de Diogo de Campos Moreno, da Biblioteca Pública Municipal do Porto.



Fonte: Prestação de contas Terezinha da Paulina – coleção imagens período colonial Pernambuco.

Na representação gráfica do ano de 1626 (Figura 6), Olinda e Recife, aparecem fortificadas após o ataque holandês à Bahia no ano de 1624. Recife, aparentemente, apresenta um maior número de casas, entre o mar e o istmo, - protegido pelo que se pressupõe ser uma paliçada²⁸. Na extremidade do Recife (além-mar), protegendo a entrada do Porto, encontra-se o chamado Forte do Mar ou do Picão. E, do outro lado do canal, no istmo, o forte de terra, denominado Forte São Jorge. Faz-se um destaque para o rio Capibaribe (número 6) que vai servir, mais na frente, como importante eixo de crescimento da cidade, uma vez que, diferentemente dos portugueses, os holandeses enxergaram os rios como de grande potencial para o desenvolvimento e não como barreira. Esses, também poderiam servir de defesa para as terras por eles ocupadas. Seguindo o desenho dos rios, aparecem algumas habitações que possivelmente seriam a representação dos engenhos de cana de açúcar.

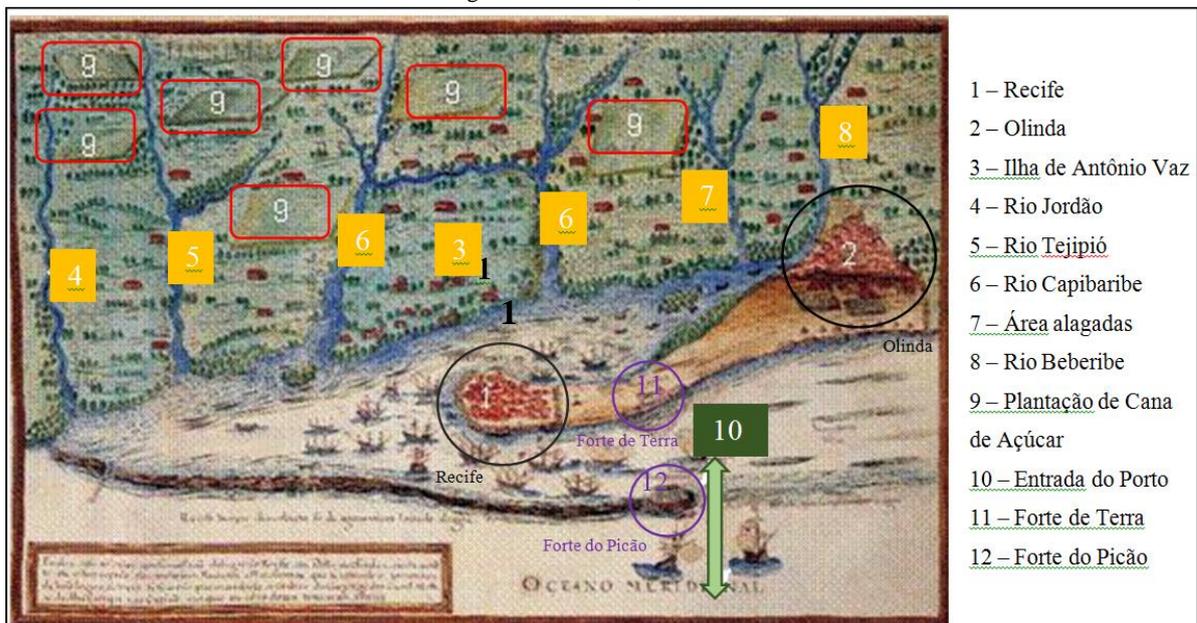
Costa (1981) confirma que o Recife possuía vários núcleos afastados de povoamento - o núcleo do porto; o núcleo da ilha de Antônio Vaz e os núcleos dos vários engenhos

²⁸ Estacada de varas ou troncos fincados no solo, ligados entre si, para servir de defesa contra os ataques.



localizados as margens dos rios, na Várzea do Capibaribe²⁹. Esses núcleos de povoação possuíam de 100 a 200 moradores cada um. As condições naturais do solo associado ao clima, favorável ao plantio da cana de açúcar, juntamente com a crescente demanda no mercado europeu pelo açúcar, incentivaram a implantação desses diversos engenhos por toda a capitania. Ou seja, o início do século XVII ficou marcado pelo surgimento de vilarejos e de engenhos, instalados ao longo do rio Capibaribe, que logo se firmou como via de escoamento da produção até o porto. Nas Figuras 6, 7 e 8, percebe-se que o Recife já apresentava indícios de um crescimento urbano no sentido Leste-Oeste.

Figura 6 - Original manuscrito, que ilustra o códice “Livro que dá Rezão do Estado do Brasil” (1626), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.



Fonte: Produzido pela autora baseada na Prestação de contas Terezinha da Paulina – coleção imagens período colonial Pernambuco.

As Figuras 7 e 8, de acordo com Dantas (2011), descreve o acesso por mar e o traçado urbano tanto do porto do Recife, como da vila de Olinda e arredores, quando tomadas pelas tropas das companhias das Índias Ocidentais.

Assim era o Recife, até os primeiros anos do século XVII. Um porto por excelência, o de maior movimento da América Portuguesa, escoadouro principal das riquezas da mais promissora de todas as capitanias: Pernambuco (SILVA, 2011, p. 59).

²⁹ O marquês de Barto, donatário de Pernambuco, nas suas Memórias Diárias (1630) faz referências a 16 engenhos de açúcar nas suas terras - Várzea do Capibaribe (Engenho Santo Antônio; Engenho do Meio; Curado; Torre; Madalena; Apipucos; Monteiro; Casa Forte; Jequiá; Ambrósio Machado; Engenho de Francisco de Brito; Luis Braga Bezerra; d. Catarina; Engenho do Brum; Camaragibe; e o Engenho da Caxangá, São Francisco Xavier).

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 7 - Mapa de Hessel Gerritsz 1630.



Fonte: Mapoteca do Instituto Ricardo Brennand. Fonte: Holandeses em Pernambuco 1630 - 1654/ Leonardo Dantas Silva, 2011, p.14.

Figura 8 - Mapa de 1631 de A. Drewisch, Ilha de Antônio Vaz.



Fonte: Fundarpe.

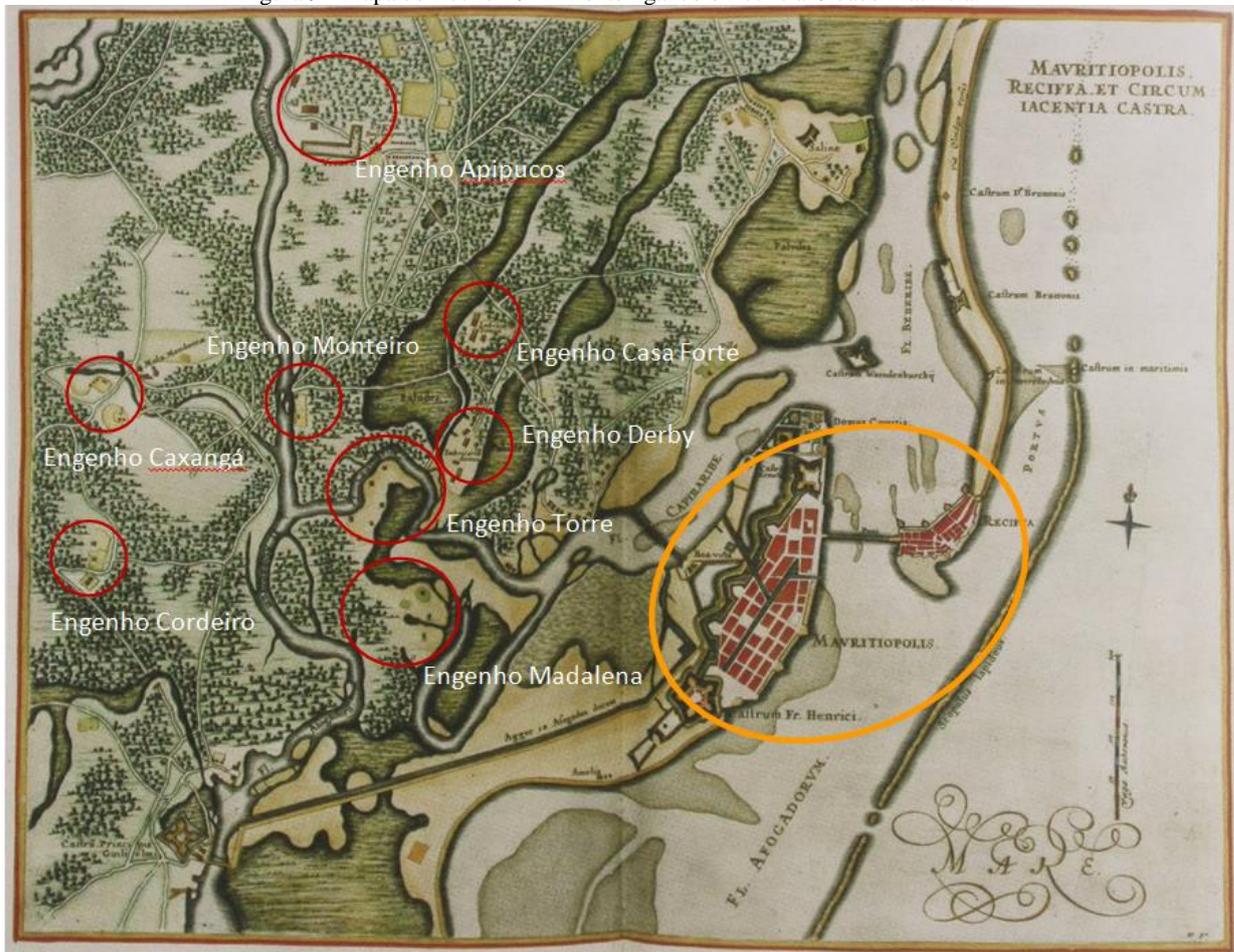
Após 1635, a população se encontrava abundantemente concentrada no bairro do Recife. Houve um rápido desenvolvimento da região em decorrência da ocupação das terras pelos holandeses. Dessa vez, uma expansão mais ordenada, marcada pela implantação de uma Alfândega, construção de várias pontes, e execução de aterros, permitindo a ocupação de áreas antes alagadas.



No mapa do Recife do ano de 1644 (Figura 9), observa-se a existência do núcleo de povoação, provavelmente em decorrência do Engenho da Torre, e a provável localização do que seriam os Engenhos da Madalena, Derby, Casa Forte, Monteiro, Apipucos, Caxangá e Cordeiro (essas localizações não são precisas, são hipóteses construídas a partir da análise dos mapas). O núcleo urbano se encontra bem definido e destacado no mapa na cor laranja.

De acordo com Borborema (2011), em 1645, um recenseamento mostrou que o Recife possuía oito mil pessoas. E, levando-se em consideração que cada núcleo de engenho continha entre 100 e 200 pessoas, algo em torno de 80% a 90% da população estavam concentradas no núcleo urbano.

Figura 9 - Mapa do Recife 1644 - Ponte ligando o Recife à Cidade Maurícia.



A possível localização dos engenhos é de interpretação da autora.

No início do século XVIII, o núcleo central já estava bem consolidado. A cidade começou ainda que de maneira lenta, a crescer de forma tentacular, no sentido Leste-Oeste, acompanhando as vias de circulação, desenvolvidas em função dos condicionantes: topografia, rios e ferrovias. Essa última surgiu em consequência dos avanços tecnológicos



provenientes da Revolução Industrial europeia, sendo também de grande importância para o processo de expansão da cidade.

Com a diminuição dos preços do açúcar e falta de dinheiro para outros investimentos, houve uma priorização do mercado interno, que em concordância com Barreto (1994), gerou o perfil de um novo elemento – o agregado. Eram trabalhadores livres que arrendavam engenhos falidos, geralmente próximos às estradas e de centros urbanos (facilitando a venda do excedente), utilizando-os para sua própria subsistência. Os engenhos destas áreas foram aos poucos sendo parcelados, acarretando no crescimento de seus arredores: sítios, pomares, hortas e roças.

Cavalcanti (2008) afirma que, o fluxo do crescimento da cidade do Recife, partindo do centro para a periferia, obteve maior importância que o crescimento no sentido inverso, periferia-centro, reforçando que o porto influenciou fortemente no desenvolvimento econômico e territorial da cidade. Todavia, não se pode ignorar o desenvolvimento da cidade, que se originou dos núcleos dos engenhos e se expandiu no sentido inverso, Oeste-Leste, uma vez que, segundo Menezes (2016), existiam dois tipos de pessoas que trabalhavam em função dos engenhos: os escravos e os chamados homens de uso técnico. Esses últimos necessitavam de moradia e se instalavam em lugares vazios. Na maioria das vezes, esses homens, possuíam um comércio, como forma de encurtar distâncias entre as povoações dos núcleos dos engenhos e o centro urbano.

Durante o século XIX e início do século XX, as modificações econômicas já citadas no capítulo 1, ocorridas nesse período, acarretaram na divisão de alguns engenhos em sítios. E, a maioria dos que permaneceram engenhos, em virtude dos avanços tecnológicos voltados para agricultura, foi transformado em usina de açúcar. Ou seja, até meados do século XIX, a cidade caracterizava-se por ser predominantemente rural, mas passou por um rápido processo de transformação da paisagem, através do parcelamento desses engenhos em sítios que tiveram origem a partir de 1840.

Não se pode esquecer também da influência que os eixos de circulação (rios, pontes e ferrovias) exerceram sobre o crescimento urbano, entre outros acontecimentos que ocorreram no mundo e no país (Revolução Industrial, substituição do trabalho escravo pelo assalariado, entre outros), que se refletiram no desenvolvimento da cidade do Recife, até os dias atuais. Nesse cenário, Francisco do Rego Barros (Conde da Boa Vista) que governou a província entre 1837 e 1844, modificou as feições da cidade pela implantação de uma série de



O bairro da Torre tem sua história iniciada com o engenho de açúcar (século XVI), fundado pelo colono Marcos André Uchôa, cujas terras foram invadidas pelos holandeses em 1631, na qual construíram uma fortaleza e uma capela do engenho.

Em 1654, com a derrota dos holandeses, o então proprietário descendente de Marcos André, Capitão Antônio Borges Uchôa, restaurou o engenho e construiu uma ponte que ligava a Ponte d’Uchôa, permanecendo como propriedade da família até o ano de 1715, quando foi trocado pelo engenho Moreno, passando a pertencer à família Campelo.

José Luiz Mota Menezes afirma que o bairro da Torre se formou, primeiramente, da Rua Conde de Irajá se estendendo no sentido Sul. Foi a partir do uso dos sobrados como residências de veraneio, e depois do uso da Rua Real da Torre, por ser uma estrada de ligação entre os engenhos Torre e Madalena. Dessa forma começaram a surgir algumas casas e essas foram se transformando com o passar do tempo. Manoel da Costa Honorato, no ano de 1863, descreve o bairro da Torre como um “belo e aprazível arrabalde da cidade” e confirma a existência de muitos sítios e excelentes casas, as quais são habitadas, no período do Natal, por grande parte da população da cidade do Recife.

Então com os calores quentes das casas no verão, os negociantes emergentes, começaram a comprar partes parceladas da margem do rio. Compraram desde o Sport, onde havia essa passagem da Madalena, até a Torre e depois o outro lado, desde onde nós temos a casa do Museu do Estado até Apipucos. Ao longo daí, surgiram grandes palacetes e propriedades que não eram de qualquer homem, eram dos negociantes (José Luiz Mota Menezes, 2016).

Leonardo Dantas (2016) afirma:

A Torre virou local salubre, todo mundo queria, como casa de veraneio. Surgiram grandes sítios, grandes casas e depois a primeira linha de bonde - a Maxambomba. Depois a linha do bonde de burro, bonde elétrico. Então se tornou chique morar no bairro da Torre. Chique e prático, porque o bonde levava talvez uma meia hora para o centro do Recife, e passava exatamente na hora marcada, você não ficava esperando a vida toda não! Tinha a linha Torre-Madalena, que vinha da ponte da Torre, passava na Torre e voltava pela Madalena, e tinha o Madalena-Torre, que vinha por João Alfredo, passava aqui e seguia pelas Graças. E ainda, existia o rio pra transportar o açúcar e para o transporte de pessoas. Existiam várias passagens e hoje, resta apenas uma que fica perto do Hospital Evangélico. Mas existia outra aqui no “porto do cemitério”, que é ali atrás do Carrefour. O rio fazia um remanso e os afogados chegavam naquele remanso e ficavam (Figura 12).



Figura 12 - Modelo fechado do bonde que fazia a linha Torre-Madalena.



Fonte: Bondes do Recife, foto: Allen Morrison, 1930.

Na planta da cidade do Recife de 1870 (Figura 13), além dos engenhos sinalizados no mapa em azul, agora aparecem as denominações: povoação e freguesia, destacadas em verde e em amarelo respectivamente. O Engenho da Torre aparece circundado pela cor vermelha e povoação da Torre e Madalena, apresentadas juntas nessa representação cartográfica, circundada na cor laranja. Nesse momento, passa a existir uma povoação, ou seja, o embrião do atual bairro da Torre. Aparecem também habitações por toda a extensão dos rios Capibaribe e Beberibe e dos eixos de ligação: estradas e ferrovias.

Após o segundo quartel do século XIX, os espaços urbanizados eram os do Recife, Santo Antônio, São José e alguns setores da Boa Vista. Desses centros, iniciavam-se caminhos, linear e escassamente ocupados, para locais distantes. De São José, partia a estrada de ferro do Recife a São Francisco e um caminho para Afogados. Da Boa Vista, seguia um caminho pela Madalena e Torre, até a estrada de Caxangá, e outro que passava pela Capunga, Casa Forte, Monteiro, Apipucos e pelo Engenho Dois Irmãos, ainda havendo a estrada do norte, que seguia em direção a Olinda (DUARTE, 2005, p. 55).

Existiam duas pontes na altura da Torre: a atual Ponte da Torre, que é essa que vocês conhecem, inicialmente em madeira e terminou em concreto; e existia outra mais adiante, perto de onde é aquela passagem do Carrefour, era a passagem do Vintém, onde havia uma ponte chamada Ponte D'Uchôa, que dava em cima da propriedade de um senhor chamado Uchôa. Era uma ponte de madeira provisória e se acabou com uma dessas cheias. Foi quando Marcos André fez a dele (aquela ponte que vai pela Rua Conde de Irajá até a igreja da Torre). Então, essa passagem deu lugar para que, da Rua Conde de Irajá até o Sport, ficassem as grandes propriedades de beira rio, os palacetes. Abrindo-se, nessa altura, para os fundos do palacete, um caminho que vai desde o mercado da Madalena, caminho que vai para onde hoje se encontra o Café São Brás, não tem uma pracinha? Ali, o caminho virava e seguia até a Rua Conde de Irajá (MENEZES, 2016).

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 13 - Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes, 1870.



Fonte: Produzido pela autora baseado na Litografia de Francisco Henrique Carls.

Ainda se encontra de pé parte da estrutura do engenho: a casa grande, o bueiro da moita e a Matriz Nossa Senhora do Rosário (Figura 14), doação da família Campelo³⁰ em 1912, cuja paróquia, criada pela Lei Provincial nº1532 de 28 de abril de 1881, só foi instalada em 17 de agosto de 1912, tendo sua primeira missa realizada em 28 de janeiro de 1913.

³⁰ “Dona Maria do Carmo Rodrigues Campelo, viúva de João Carneiro Rodrigues Campelo, que em 1867, havia feito a última reforma na capela, deixando-a com as feições de hoje (CAVALCANTI, 2014, p.200).



Figura 14 - Igreja Nossa Senhora do Rosário, 1950. Autor desconhecido.



Fonte: Blog Recife de Antigamente.

Segundo Costa (1981), pode-se dizer em relação ao Engenho da Torre, que sua posição topográfica estava a oeste da cidade do Recife, a uma distância de 6,580km. O bairro estava assentado, na sua maior parte, em um planalto de extensão superficial igual a 8,6km² e elevação ao nível do mar de 6,4m. Elevação essa que, provavelmente, deu o nome da área de Alto da Torre. Cortado por ruas grandes e largas apresentava na sua configuração espacial grandes sítios, edificações nobres e estabelecimentos industriais, tais como: fábrica de tecidos, fábrica fósforo, usina de açúcar e destilação de álcool, olarias mecânicas, entre outras. Possuía iluminação a gás e linha de bondes elétricos. Uma das principais e das mais antigas artérias urbanas, com extensão de 1400 km, é a Rua Real da Torre, que tem início no bairro da Madalena e termina na Rua Marcos André, esquina do atual Carrefour. De origem remota, representa a “Estrada Real da Torre”.

O Engenho da Torre, situado no extremo da freguesia de Afogados, abrangia um grande território, fazendo limite com o Rio Capibaribe e os engenhos: de Jerônimo Pais (Casa Forte), dona Madalena Furtado (Madalena) e do Jequiá. Segundo COSTA (1983), abrangia toda a área que vai desde a Praça João Alfredo (Madalena) até Taquari (em linha reta) e para o norte até a margem direita do Capibaribe.

Durante muito tempo, o Engenho da Torre era conhecido por “Engenho Marcos André” (século XVI). Foi chamado por Gaspar de Barleaus, nas “Crônicas da Guerra Holandesa” (1630 – 1654), como Engenho do Rosário, em decorrência da invocação de sua



capela. Em meados do século XVIII, passou a se chamar “Engenho da Torre”, até se tornar povoação, arrabalde e finalmente Bairro da Torre.

De acordo com Pereira da Costa (1981), recebeu essa denominação de Engenho da Torre, em decorrência da sua capela que, nas redondezas, era a única que possuía uma grande torre unilateral. O Pároco da igreja da Torre, Romeu da Fonte, afirma: “Engenho da torre, antes da fábrica, tinha o nome da torre porque a capela possuía uma torre, era a única capela que possuía torre”. A casa grande passou a ser propriedade do Estado e nela, hoje, se encontra Escola Estadual Maciel Pinheiro. A casa de senzala e os salões da antiga fábrica de açúcar, no início do século XX, passaram a servir a olaria do senhor Francisco de Sá Leitão, posteriormente comprada por Dr. Fernando Maranhão. Possuía uma posição geográfica privilegiada por ser central para muitos povoados (Afogados, Remédios, Piranga, Madalena, Várzea, Caxangá, Poço da Panela, Casa Forte, Sant’Ana, Ponte d’Uchoa e Capunga).

Quando grande parte dos engenhos encerraram suas atividades, deu-se início aos parcelamentos de seus territórios, sendo necessária uma nova organização urbana que requeria outras formas de transportes. Esse parcelamento resultou em novos caminhos, levando também a importação de novas tecnologias em termos de transporte.

2.2 Nos fios da urbanização

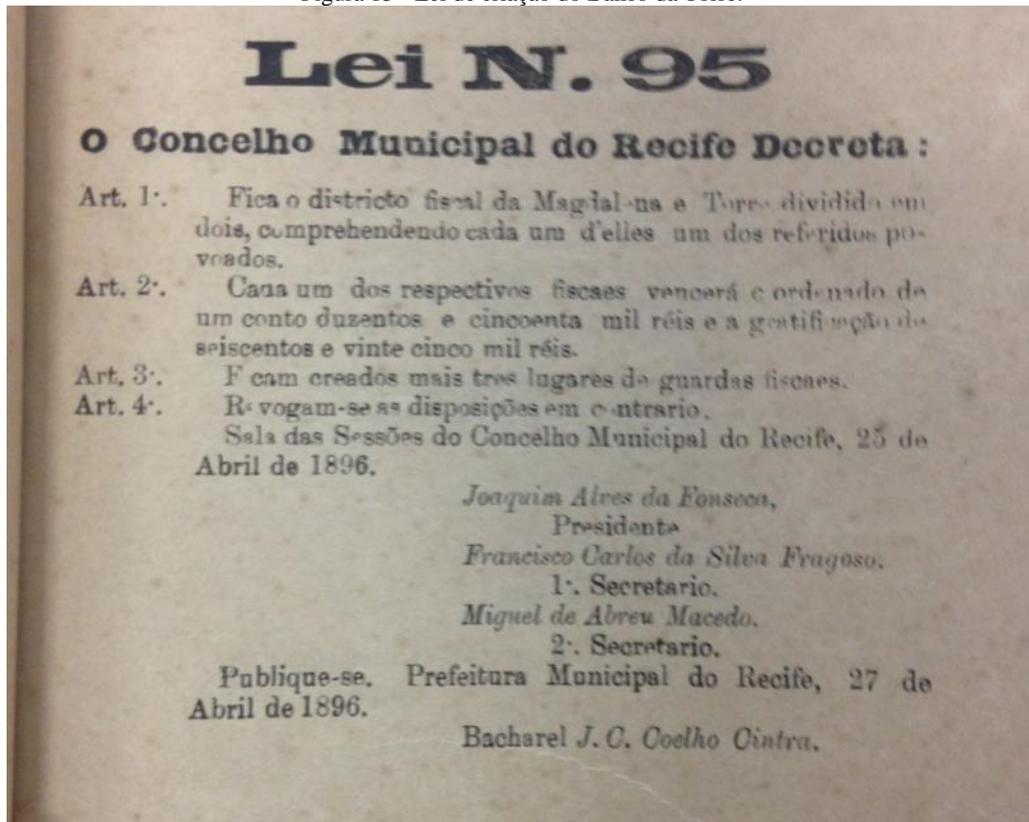
Nesse mesmo século XIX, o bairro da Boa Vista é incorporado ao perímetro urbano recifense pela Lei Municipal nº 1, de 06 de abril de 1892, e são criados os bairros: Afogados, Encruzilhada, Graças, Poço da Panela, Santo Amaro, São Frei Pedro Gonçalves e São José. Apenas em 1896, segundo a Lei nº 95, de 27 de abril de 1892, foram criados os bairros: Madalena e Torre (Figura 15), oriundos do crescimento da Boa Vista.

Conforme referido anteriormente, o bairro da Torre abrigou uma importante fábrica têxtil, no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, a Companhia Fiação e Tecidos de Pernambuco, Conhecida como Cotonício da Torre ou Fábrica da Torre, foi personagem principal de uma era de progresso e abriu caminho ao mercado internacional, sendo considerada o maior incentivo para a urbanização do bairro, que passou a ser ocupado, na sua grande maioria, pelas residências das famílias de trabalhadores do cotonifício, tornando o bairro de grande importância para a cidade do Recife, e sendo também, um agente de importante para o processo de industrialização do estado de



Pernambuco. De propriedade dos Batista da Silva, família tradicional da cidade do Recife, o mesmo fez residência no palacete situado na Avenida Rui Barbosa, lado oposto do rio, provavelmente como forma de manter o controle da fábrica, numa replicação do que seriam as senzalas dos antigos engenhos.

Figura 15 - Lei de criação do Bairro da Torre.

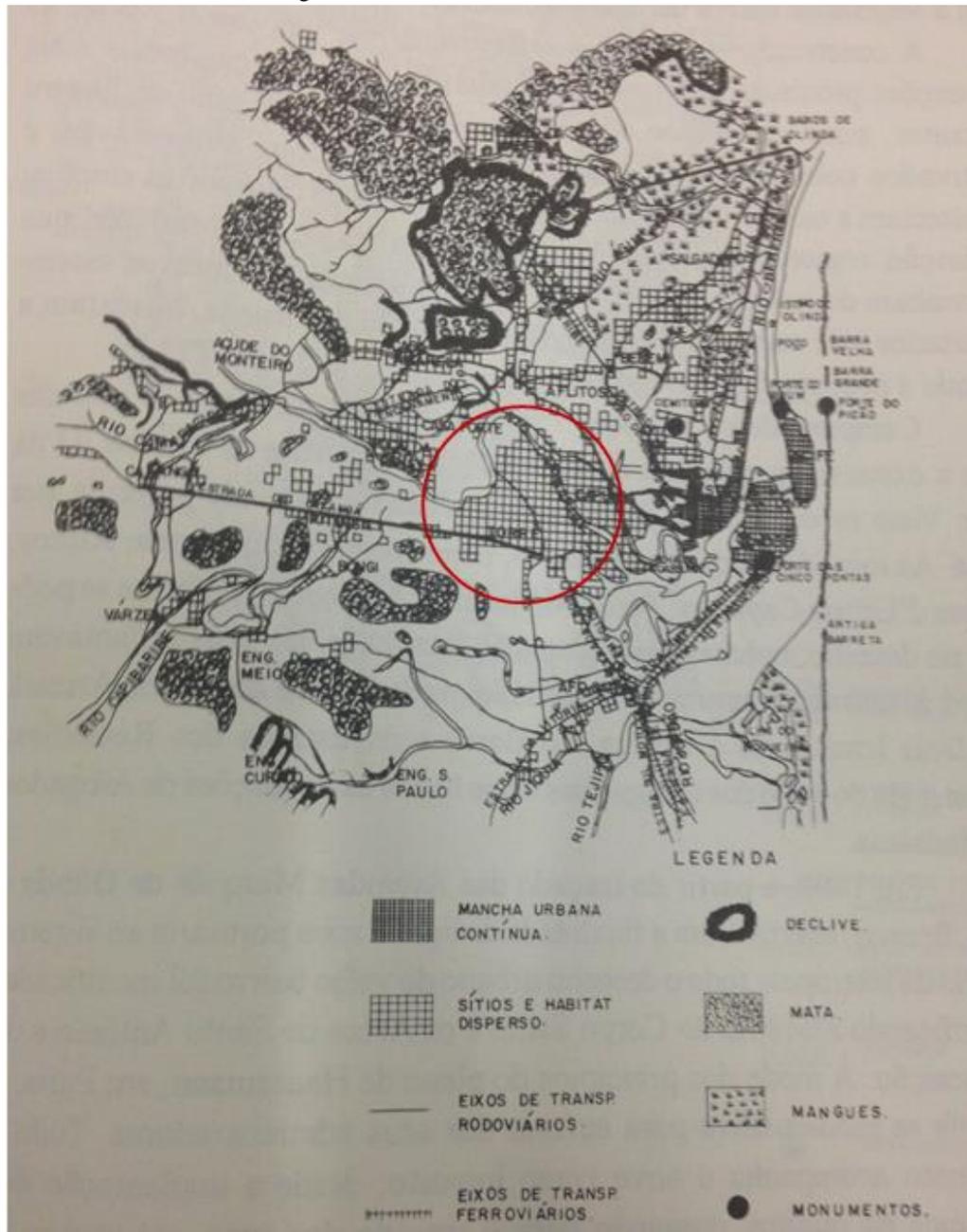


Fonte: Acervo do Arquivo Público situado a Rua Imperial, 1184.

Observando a Planta da Cidade do Recife de 1875 (Figura 16), ano de implantação da referida fábrica, percebe-se um aumento no número de habitações em relação ao mapa anterior (1870), que cresceram margeando o rio e se concentraram perto das principais vias de acesso.



Figura 16 - Planta da Cidade do Recife, 1875.



Fonte: BARRETO, 1994, p. 53.

Já no mapa de 1876 (Figura 17) tem-se o aumento do número de habitações as margens dos rios e vias de ligação, destacadas em azul, já aparecendo as primeiras instalações do cotonifício inserido no que seria a malha urbana, ou seja, o início da urbanização do referido bairro.

O bairro da Torre possuía ainda uma baixa ocupação, apresentando além dos sítios, habitações distantes umas das outras. Porém a expansão da cidade do Recife se estendia diminuindo os espaços vazios entre os bairros. Em um espaço de tempo de cinco anos



percebe-se a mudança de engenho para sítio, com o aparecimento de habitações, provavelmente já em decorrência da existência da fábrica.

Figura 17 - Planta da Cidade do Recife de 1876.



Fonte: Produzido pela autora baseado no mapa da cidade do Recife de 1876. Menezes, Arquivo Público Estadual.

De acordo com Rodrigo Cantarelli, arquiteto e museólogo da Fundação Joaquim Nabuco, o cotonifício foi inicialmente instalado no bairro da Madalena (1870), mas suas atividades tiveram início apenas nos primeiros meses do ano seguinte. No ano de 1884, em decorrência das melhorias na qualidade do material (maquinário, fibra do tecido, entre outros) e o aumento da produção de tecidos, chegou a realizar uma das maiores produções têxteis do estado, nas primeiras décadas do século XX. Em 1905, a fábrica possuía ao todo 417 teares, chegando a conquistar medalhas de ouro em exposições nacionais. Em 1913 já se somavam 817 teares e empregava 1200 funcionários, na sua grande maioria mulheres. Foi citada como a terceira em maior valor de produção, no anuário estatístico de Pernambuco de 1927. Em 1929, reduziu em 14% seus teares, passando a empregar apenas 950 funcionários. Tendo



apresentado visíveis sinais de recuperação em 1932, passando a empregar 1232 funcionários e 1368 no ano de 1934.

Ora, de início, a Fábrica da Torre, ia se situar onde, ali bem perto do Internacional, tem a promotoria pública, na Rua Demócrito de Souza. Tem uma ruazinha estreita, que era chamada Rua da Fábrica. Era a rua da fábrica de botões, que depois se transformou em fábrica de tecido, mas que não deu como dimensões de expansão por ser um terreno pequeno e haver muito interesse no parcelamento para os Sobrados. Então o indivíduo que era interessado em fazer a fábrica de tecidos, compra três parcelas de terreno numa área do Alto da Torre, na parte alta, depois do caminho da ponte (MENEZES, 2016).

Uma indústria, inicialmente com cerca de 1400 operários, iniciava 6h da manhã suas atividades, que iam desde o tratamento do algodão até o enfardamento de tecidos. Os operários tinham apoio assistencial através da criação de creches e assistência médica, além de incentivo para residirem nas proximidades da fábrica (SILVA, 2010). O sustento era garantido para inválidos com mais de dez anos de trabalho na Companhia.

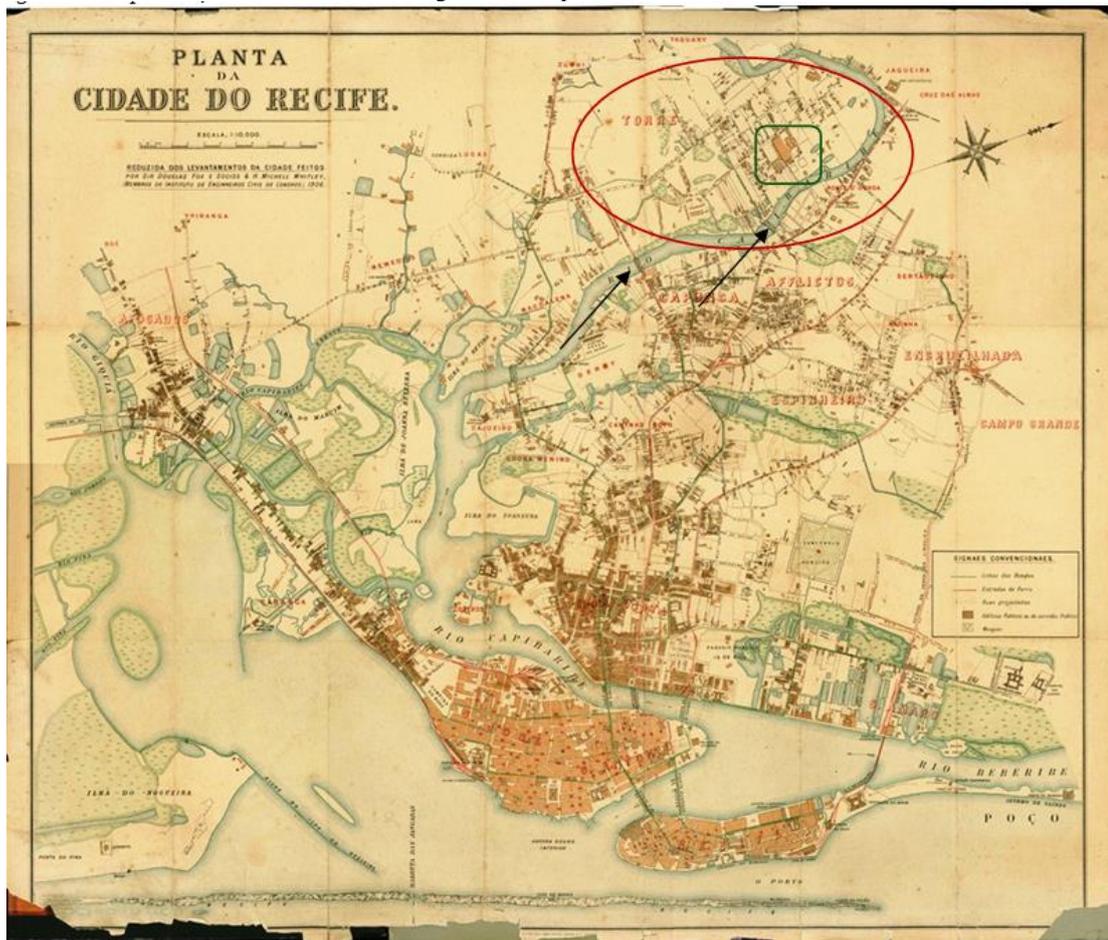
Em depoimentos de ex-funcionários da indústria têxtil, observa-se que a Fábrica da Torre oferecia melhores condições de salário e de trabalho: possuía refeitório, diferentemente das demais. Observou-se que o fato que propiciou um nível mais intenso do processo de urbanização, foi o aumento do número de residências que, primeiramente, se deu por uma iniciativa da própria direção da fábrica, com o objetivo não só de evitar que os trabalhadores perdessem tempo no deslocamento entre suas residências e o local de trabalho, como também de manter um maior controle dos mesmos.

Na Planta da Cidade do Recife, do ano de 1907 (Figura 18), reproduzida dos levantamentos da cidade feitos por Sir. Douglas Fox, membro do Instituto de Engenharia Civil de Londres, percebe-se um maior nível de urbanização e a presença da Fábrica da Torre. É possível perceber também a presença dominante das instalações da fábrica no tecido urbano do bairro, conforme circundado em vermelho, e outras tipologias como: sítios e vilas operárias, apresentando um traçado regular, com o parcelamento dos lotes, cujos usos foram sendo ditados de maneira direta e indireta, em função da fábrica. É provável que esse loteamento tenha acontecido de maneira informal³¹.

³¹ Só foram encontrados, na Prefeitura do Recife, parcelamentos a partir da década de 1986. O Arquivo Público localizado na Rua do Imperador, 371, durante a pesquisa, encontrava-se em processo de reforma, impossibilitando a investigação.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:
A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 18 - Mapa Base, 1907.



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco.

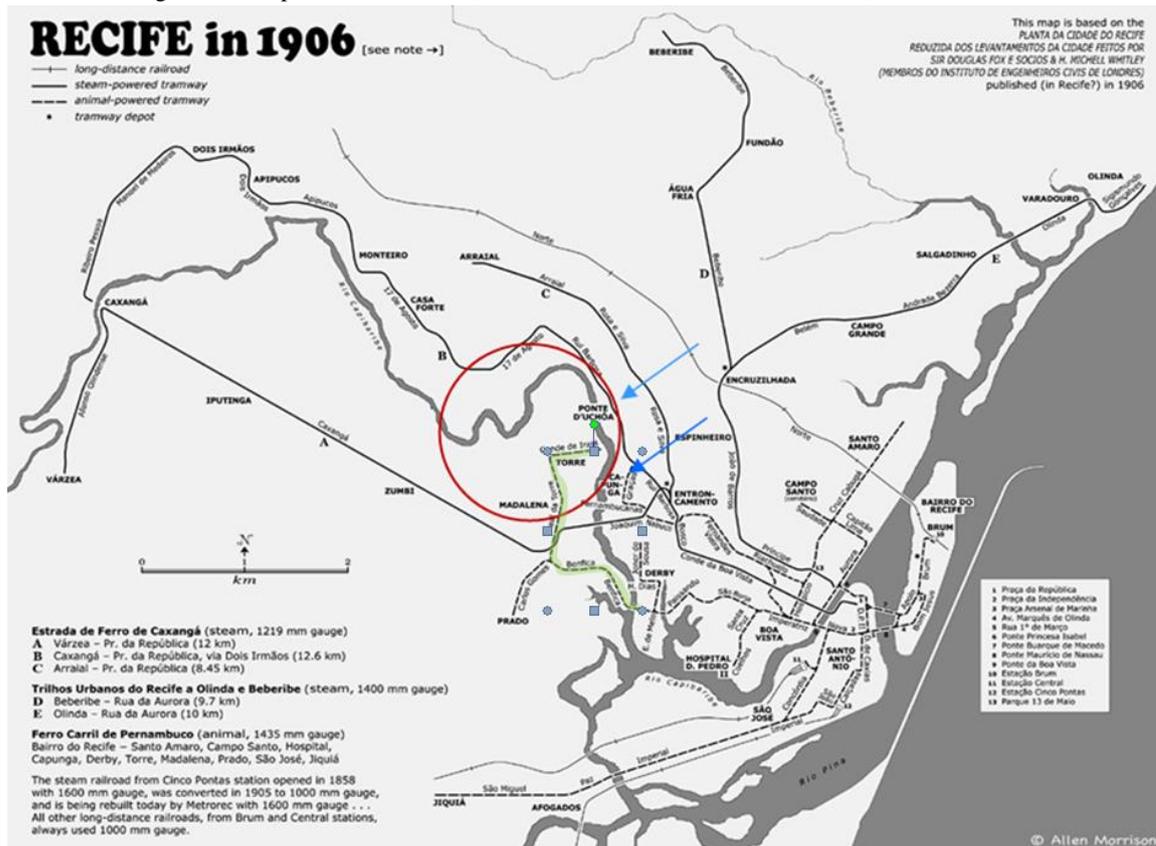
No mapa de linhas férreas³² (Figura 19), percebe-se a presença das linhas de bonde puxada por tração animal e depois a vapor que já contemplavam o bairro da Torre, sinalizada no mapa em verde. Sabe-se que à medida que os meios de transporte foram aumentando sua abrangência, estimularam o desenvolvimento das povoações por eles servidas (SETTE, apud in BARRETO, 1994), contribuindo assim, para a ocupação do bairro. Também já é possível identificar no mapa a presença das Pontes: Capunga e D'Uchôa, que foram de grande importância no desenvolvimento do bairro da Torre, já que venceram as barreiras do rio para expansão da cidade e conseqüentemente do referido bairro.

³² Apesar de intitulado "Recife in 1906", o mapa de linhas férreas, foi desenhado tendo como base a Planta da Cidade de 1907 - Figura 18.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:
A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



Figura 19 - Mapa das linhas férreas, baseado na Planta da Cidade do Recife, do ano de 1907.

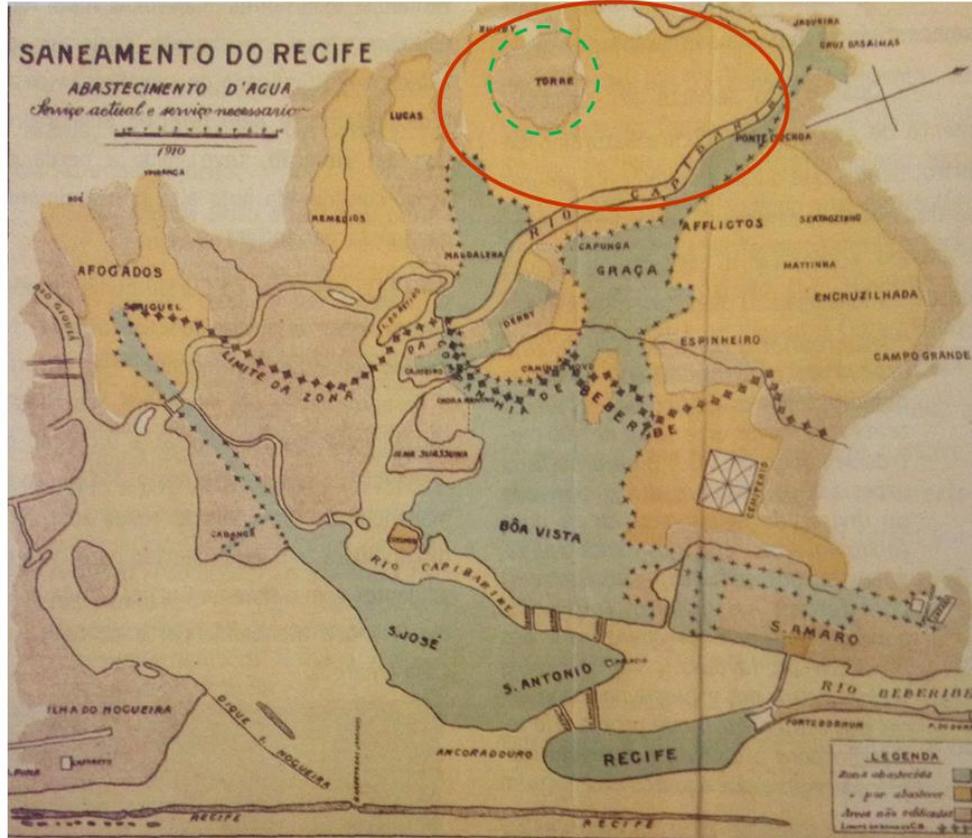


Fonte: MENEZES, 1908, apud VASCONCELOS (2011) E SÁ (2011).

Esse quarto de século foi uma fase de muita modernização e consequente urbanização no Recife, sendo necessário traçar um plano de saneamento para cidade. Esse plano foi elaborado pelo engenheiro Saturnino de Brito que, no seu planejamento, já percebeu a necessidade de regularizar as construções nos subúrbios. O Mapa do abastecimento de água datado de 1910 (Figura 20) apresenta o bairro da Torre como uma grande área a ser contemplada pelo sistema de abastecimento sanitário, apresentando apenas um pequeno trecho de área não edificada, no mapa destacada em verde que não foi contemplado nesse projeto. Constatando-se assim, o processo de desenvolvimento que o bairro estava passando. No referido mapa, a mancha azul representa toda a área abastecida pelo saneamento, e a mancha amarela, representa a área a ser dotada de infraestrutura.



Figura 20 - Mapa do abastecimento de água, 1910 - projeto Saturnino de Brito. Relatório do engenheiro.

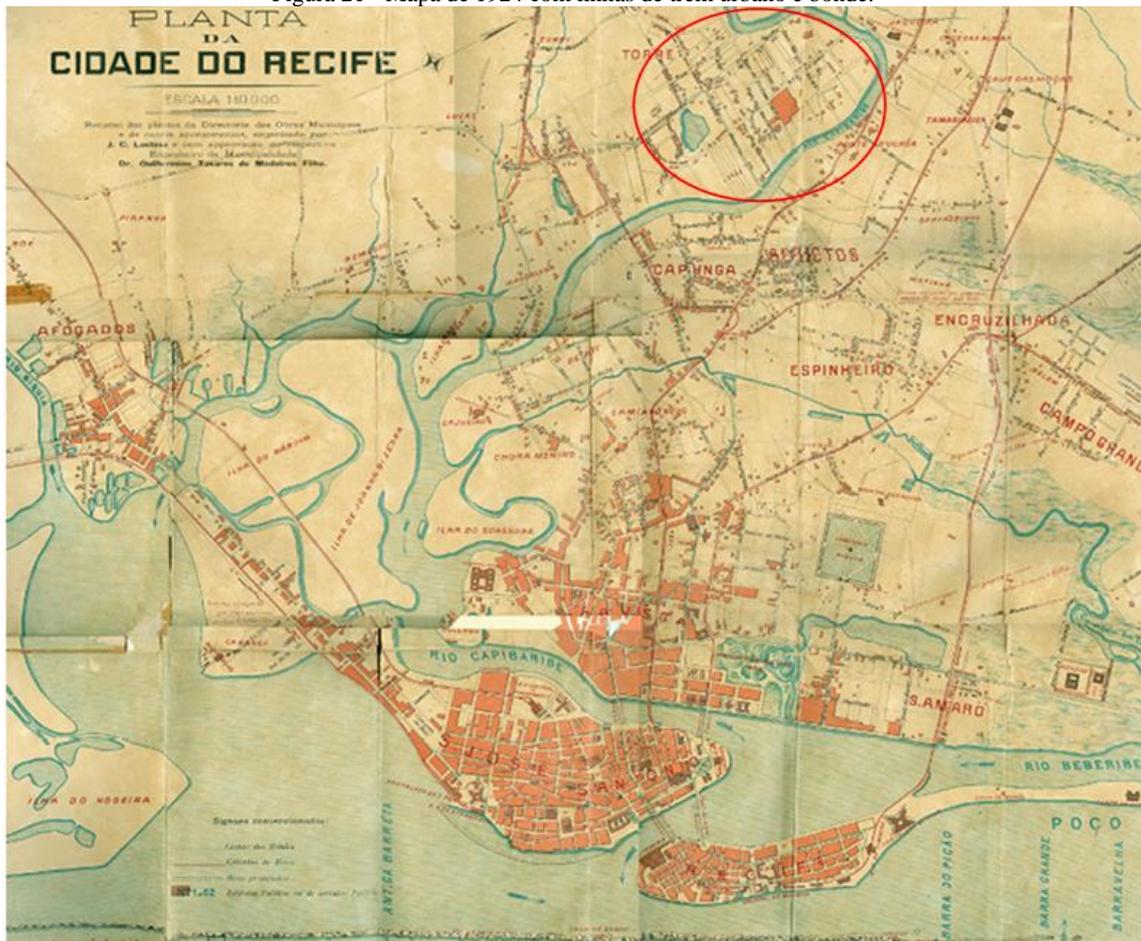


Fonte: Acervo Arquitetônico Saturnino de Brito.

Em 1911, a divisão administrativa do Recife, apresentava 14 distritos: Recife, Santo Antônio, 1º e 2º distritos de São José, 1º e 2º distritos de Boa Vista, 1º e 2º distritos da Graças, 1º, 2º e 3º distritos Afogados, Torre, Poço da Panela e Várzea. De acordo com IBGE (2013), nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de 01 de setembro de 1920, o município aparece constituído de 19 distritos: Recife, Afogados, Boa Vista, Caxangá, Graças, Ilha Fernando de Noronha, Ilhas do Pina, Madalena, Areias, Nogueira, Peres, Poço da Panela, Pombal, Santo Amaro, Santo Antônio, São José, Torre e Várzeas. Segundo Barreto (1994), nessa mesma época, começaram a existir os movimentos operários, que na sua maioria estiveram ligados a indústria têxtil, e por meio das reivindicações desses operários, como por exemplo: a construção de casas populares e diminuição dos aluguéis, o Governo do Estado construiu as primeiras moradias para operários, nos mesmos moldes das vilas operárias da fábrica, sendo estas propriedades dos operários, os quais passaram a condição de proprietários (bairro de Afogados, Arraial, Gurjaú e Torre). Essas construções se deram no primeiro momento em torno do núcleo inicial da fábrica (Figura 21).



Figura 21 - Mapa de 1924 com linhas de trem urbano e bonde.



Fonte: Mobilidade urbana no Recife e seus arredores, 2016.

No Recife, essas vilas operárias se localizaram as margens de bairros centrais (São José e Boa Vista), bairros próximos ao centro (Santo Amaro, Capungá e Torre) e bairros periféricos (Apipucos, Campo Grande e Jiquiá). Em localidades vizinhas (Paulista, Camaragibe e Moreno), as presenças de vilas operárias foram ainda mais significativas, uma vez que geraram cidades. Vale ressaltar que essas vilas também existiram no interior do estado (Igarassu, Cabo, Goiana, Pesqueira, Timbaúba, Escada e Belo Jardim).

A **Vila de Santa Luzia** (Figura 22), maior vila operária da cidade do Recife, segundo Rocca (1938), pertencia a Fábrica da Torre, e Correia (2014) ratifica. No final da década de 1930, contava com 127 casas, creche, escola, cooperativa de alimentos, clínica médica e dentária (ROCCA, 1938, p.16, apud CORREIA, 2014, p.152). A construção de moradias se estendeu até a década de 1950, somando 368 residências no ano de 1951. Chegando a superar posteriormente o número de 400 unidades.



Figura 22 - imagem da Vila de Santa Luzia.



Fonte: Museu da Cidade do Recife. Data não identificada.

Na Vila de Santa Luzia também foram construídos edifícios de três pavimentos, casas duplex e 12 casas destinadas a gerentes. Essas moradias seguiam diferentes padrões, relativos ao cargo exercido na fábrica, indo desde pequenas moradias de porta e janela em renque, casas geminadas duas a duas, bangalôs, até amplas casas para gerentes (CORREIA, 2014, p. 153), que serviram de testemunho a ação relevante da indústria na urbanização e transformação da paisagem do bairro da Torre.

Porém, os relatos da maioria dos entrevistados divergem. Eles garantem que essa vila não é originária da fábrica, mas sim de uma ação da Prefeitura da Cidade do Recife - Projeto Capibaribe (Anexo 1), no qual contemplava a remoção das populações ribeirinhas, uma vez que a época das grandes cheias muito afetava os moradores da Torre, principalmente os dos mocambos, que perdiam tudo o que tinham inclusive suas próprias casas. “Antiga vila da prata, atual Vila de Santa Luzia, foi feita para abrigar a população ribeirinha e recebeu esse nome, acho que por influencia de padre Romeu” (Nilza Sete, 2016). “Santa Luzia foi construída pra pessoas que viviam na beira do rio. Antes era vila da prata, mas por influência de padre Romeu recebeu esse nome. Foi construída quando houve a enchente” (Isabel Wanderlei, 2016).

Santana (2012) afirma que na mesma época da dissolução da vila operaria da Fábrica da Torre, foi construída a Vila Santa Luzia. A referida vila localiza-se nos bairro da Torre e do Cordeiro, onde existia anteriormente, a Vila da Prata com construções em taipa, tábuas e lona e também palafitas. Erguida a partir das reivindicações de algumas comunidades pelo



direito a moradia, com o apoio comunitário da entidade católica das Irmãs Dorotéias³³, foi povoada por grupos provenientes de diversos pontos da cidade do Recife.

Dessa forma, com a retirada dos mocambos e das palafitas, os moradores passaram a residir nas 1400 unidades do conjunto habitacional Vila de Santa Luzia. A referida vila contribuiu para o aumento do número de pessoas do bairro da Torre uma vez que abrigou não só a população das comunidades da Vila do Prata e do Apulso, bem como das comunidades do Formigueiro e Perimetral, situadas no bairro de Casa Forte, lado oposto do Rio Capibaribe.

Porém, a Vila Santa Luzia, independentemente de ser considerada vila operária da fábrica ou não, possuía os padrões tipológicos de uma vila operária, e foi instalada no bairro da Torre provavelmente pelo mesmo ter sido, durante muito tempo, considerado um bairro operário. Mesmo que a vila tenha sido ocupada, na sua grande maioria, pela população ribeirinha, não faz com que ela deixe de ser operária, uma vez que seus moradores direta ou indiretamente estavam ligados com a fábrica, ou porque trabalhavam na mesma, ou porque trabalhavam nos diversos equipamentos implantados no bairro em decorrência da presença da fábrica da Torre.

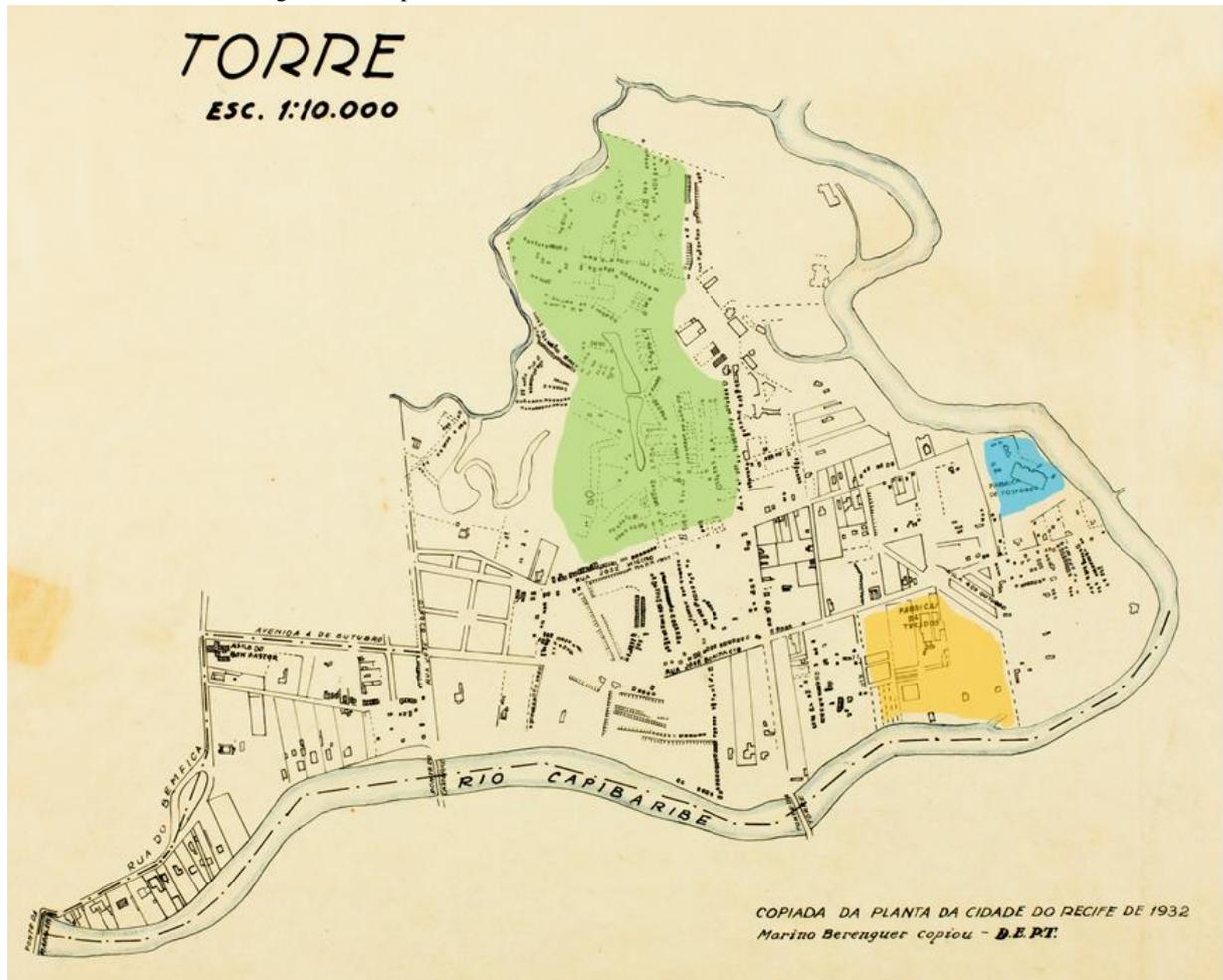
O período compreendido entre as décadas de 30 e 40 do século XX, foi de grande intensificação nas construções de vilas operárias com a criação de outras cinco na cidade e a expansão das vilas: Santa Luzia e Tacaruna (Fábrica Tacaruna).

Conforme observado no mapa da Torre, copiado da Planta da Cidade do Recife de 1932 (Figura 23), o bairro apresenta inúmeras habitações nas proximidades das fábricas de fósforo, manchada de azul; e de tecido, manchada de laranja – Fábrica da Torre. Bem como inúmeras projeções de lotes e possivelmente o parcelamento inicial do núcleo do engenho da Torre, sinalizado no mapa, em verde.

³³ A Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, fundada em 12 de agosto de 1834 por Santa Paola Frassinetti, é uma congregação de religiosas católicas. Atualmente as Irmãs Dorotéias estão presentes em várias partes do mundo e trabalham em colégios, paróquias e comunidades (SANTANA, 2012, p. 22).



Figura 23 - Mapa da Torre retirado da Planta da Cidade do Recife de 1932.



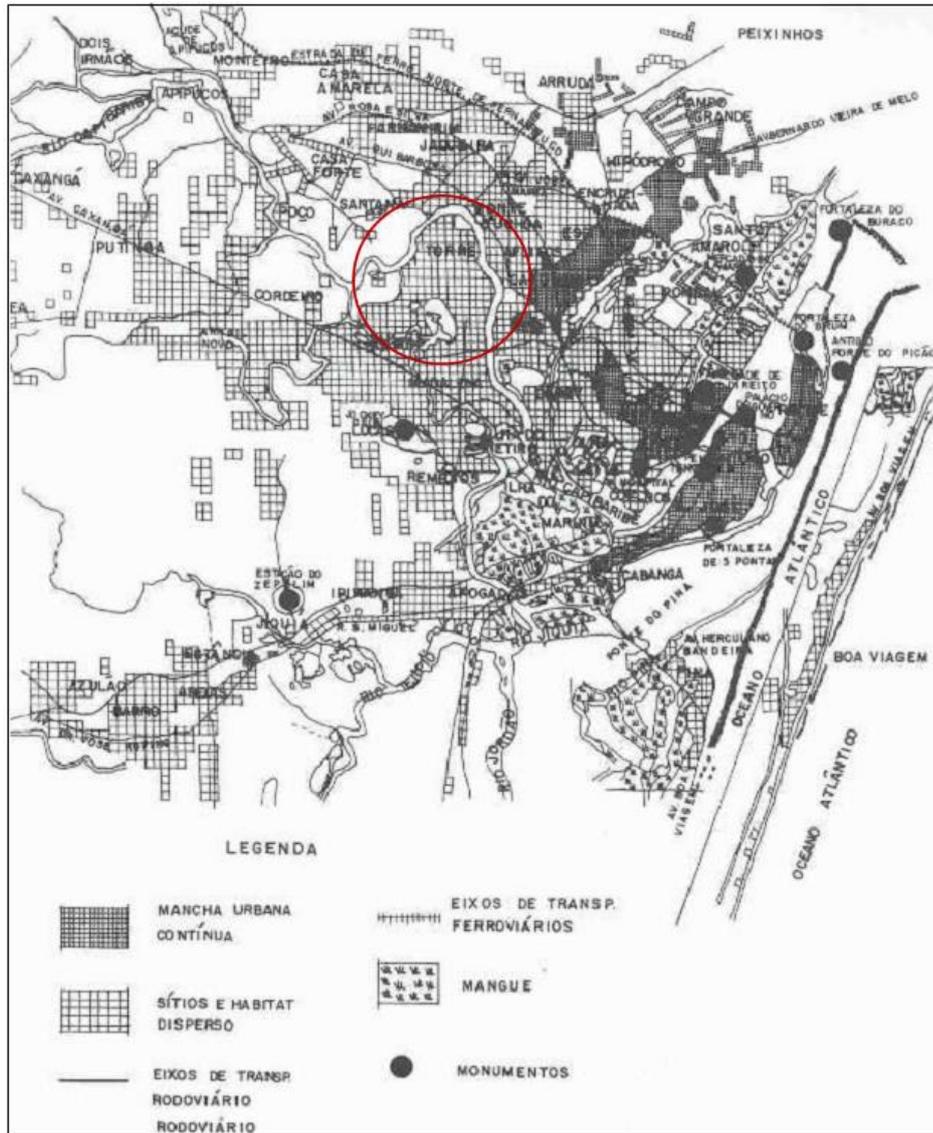
Fonte; Museu da Cidade do Recife, 2016.

No mapa do Recife de 1932 (Figura 24), a mancha urbana se apresenta ainda ocupada por sítios, apresentando habitações afastadas umas das outras. Entre as décadas de 1920 e 1940, de acordo com o IBGE (1999), o Recife teve um crescimento populacional de 46%, constatando o início da transição de uma feição rural para urbana.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 24 - Mapa de Recife de 1932.



Fonte: Barreto (1994).

A partir da década de 1950, não se tem registros da construção ou ampliação de vilas operárias no Recife. Trata-se, portanto de um fenômeno específico a uma fase do processo de industrialização, urbanização e formação de mão de obra pela indústria e pela difusão de um novo modelo de ambiente operário. Embora tenha um recorte temporal restrito, de acordo com Correia (2014), o fenômeno teve profundos impactos, tanto pela expressão numérica (aproximadamente 11 mil moradias foram criadas por estabelecimentos fabris no estado de Pernambuco), quanto pelo seu impacto na urbanização e difusão de novas tipologias residenciais e estilos arquitetônicos. Marcas profundas foram impressas não só nas paisagens da cidade do Recife, como também em todo o estado de Pernambuco.



2.3 ■

No início do século XX, o Recife passa a ser um grande centro de atração de imigrantes em decorrência, entre outros motivos, do processo de industrialização e a desarticulação dos antigos sistemas de produção rural.

Na década de 1950, a industrialização alcança um nível diferente: o país passa a produzir bens duráveis e bens de produção. Além dos eletrodomésticos e dos bens eletrônicos, o automóvel (produzido pela indústria fordista) proporcionou grandes mudanças não só no modo de vida da população, como também na habitação e, conseqüentemente, nas cidades. Ou seja, com o consumo em massa desses bens modernos, mudou não só o modo de vida, valores e cultura, como também o conjunto do ambiente construído. “Da ocupação do solo urbano até o interior da moradia, a transformação foi profunda, o que não significa que tenha sido homogeneamente moderna” (MARICATO, 2008, p.19).

Diante disso, cerca de 20 anos depois, consonante com o processo de urbanização brasileiro, observa-se um crescimento urbano significativo no bairro da Torre, que segundo Barreto (1998), a população do Recife no ano de 1950, atingia aproximadamente 534.468 habitantes, fato que pode ser constatado na planta do Recife de 1951 (Figura 25), uma vez que o mesmo já se encontra tomado por uma mancha urbana contínua com os bairros da Madalena, Casa Forte, Capunga e Espinheiro.

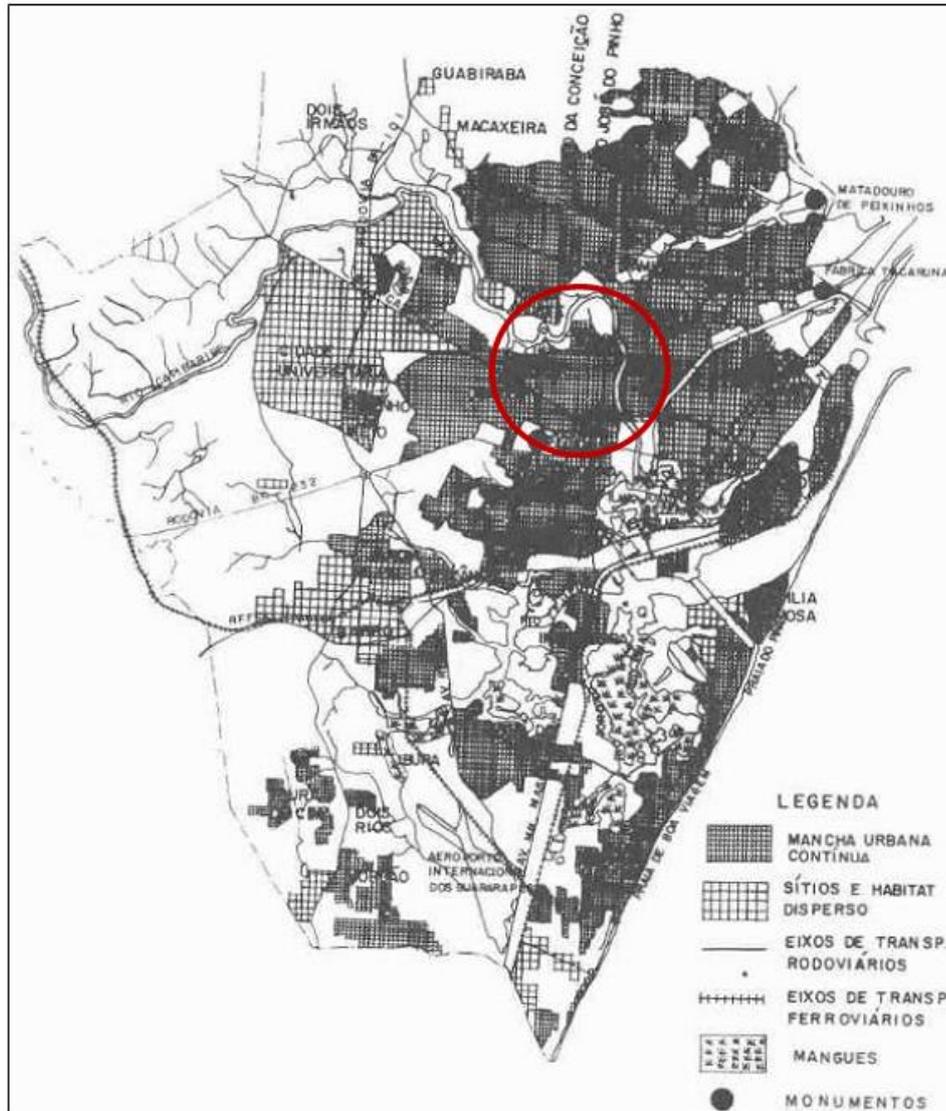
O bairro começou a crescer em função dos efeitos trazidos por uma indústria e sua cadeia de negócios, seus elos de uma cadeia produtiva, mas a primeira coisa que eles fizeram foi habitar, e não só foi o bairro da Torre, houve um transbordamento da Torre para o Zumbi e o cordeiro, evidentemente que os efeitos iam se diluindo, mas as pessoas iam para o mais próximo possível do local de trabalho (KRAUSE, 2016).

Essa década foi caracterizada por uma grande aceleração do processo de urbanização que acontecia de forma simultânea às transições que ocorriam no país: assalariamento e expansão industrial.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 25 - Mapa do Recife de 1951.



Fonte: URB-Recife.

Em consonância com Deák (2015); Schiffer (2015), em 1950 o número de cidades era de 1.887 reunindo 36,2% da população brasileira, enquanto que em 1960, somavam-se 2.763 cidades, com 44,6% da população do país, evidenciando assim, a velocidade no processo de urbanização. E na cidade do Recife, esse processo não ocorreu diferente. Como consequência desse acelerado processo de urbanização, em 1961, a Lei municipal de 19 de outubro, dividiu o município em três setores: Urbano, suburbano e Rural; cada um, subdivididos em zonas e núcleos denominados de acordo com suas utilizações.

Ribeiro (1997), afirma que o novo nível de industrialização citado anteriormente desencadeou até a década de 1980, uma riqueza cada vez mais concentrada, porém, o crescimento econômico proporcionou uma melhoria de vida para a população, em especial a que migrou do campo em busca de melhores condições. Em 1964, o regime militar, criou o



Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Sistema Financeiro da Habitação (SFH), que destinaram grandes recursos financeiros para habitação, culminando nas construções de inúmeros conjuntos habitacionais e na verticalização pelos edifícios de apartamentos que passaram a ser a principal forma de moradia da classe média – a transformação no perfil da cidade. Em 1970, percebe-se certa estagnação das indústrias no estado de Pernambuco, a qual gerou a recessão verificada nas décadas de 1980 e 1990, que engrandeceu a desigualdade social causando um forte impacto na sociedade e no espaço, gerando, entre outros, o fenômeno da violência urbana.

Conforme Cavalcanti (2008), a partir do crescimento urbano intenso do Recife, só em 1997 se chegou à atual divisão dos bairros, pela Lei nº 16.293, de 04 de fevereiro, distribuindo a área da cidade em seis Regiões Político-Administrativas (RPA's) – total de 94 bairros, estabelecidos pelo decreto de 26 de outubro de 1988. A cada RPA corresponde uma sede regional, a qual o bairro da Torre faz parte da RPA 4, conforme mostra a Tabela 2:

RPA	Número de Bairros	Bairros
1	11	Recife, Santo Antônio, São José, Boa Vista, Santo Amaro, Coelhoos, Soledade, Joana Bezerra, Cabanga, Ilha do Leite e Paissandu.
2	18	Arruda, Campina do Barreto, Campo Grande, Encruzilhada, Ponto de Parada, Hipódromo, Peixinhos, Rosarinho, Torreão, Água Fria, Bomba do Hemetério, Alto Santa Terezinha, Cajueiro, Fundão, Beberibe, Dois Unidos, Linha do Tiro e Porto da Madeira.
3	29	Aflitos, Alto do Mandu, Sítio Grande, Apipucos, Casa Amarela, Casa Forte, Derby, Dois Irmãos, Espinheiro, Graça, Jaqueira, Monteiro, Parnamirim, Poço da Panela, Tamarineira, Sítio dos Pintos – São Braz, Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Mangabeira, Morro da Conceição, Vasco da Gama, Brejo da Guabiraba, Brejo do Beberibe, Córrego do Jenipapo, Guabiraba, Macaxeira, Nova Descoberta, Passarinho e Pau Ferro.
4	12	Cordeiro, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Zumbi, Engenho do Meio, Torrões, Caxangá, Cidade Universitária e Várzea.
5	16	Afogados, Bongü, Mangueira, Mustardinha, San Martin, Areias, Caçote, Estância, Jiquiá, Barro, Coqueiral, Curado, Jardim São Paulo, Sancho, Tejipió e Totó.
6	08	Boa viagem, Pina, Brasília Teimosa, Imbiribeira, Ipsep, Ibura, Jordão e Ibura de Cima.

Tabela 2 – Rpa's e Bairros da cidade do Recife. Fonte: Cavalcanti, 2008.

Apesar da Fábrica da Torre ter impulsionado o desenvolvimento do bairro, a partir da metade da década de 1970, em decorrência de um processo de reestruturação empresarial, muitas fábricas foram desativadas, e com a fábrica da Torre não foi diferente, tendo suas

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



atividades encerradas no ano de 1982 e suas instalações fabris foram compradas pelo Banco Banorte (Figura 26), sendo a maioria delas desocupadas e demolidas.

Figura 26 - Instalações do Grupo Banorte.



Fonte: Sr. Jarbas Lobo, filho de ex-funcionária da fábrica.

Hoje restam apenas poucos exemplares desse patrimônio construído durante quase um século das atividades fabris no estado. No entanto, mesmo com encerramento de suas atividades, os costumes e tradições trazidos pela implantação da fábrica, deixaram muitas marcas no bairro, sendo alguns desses vivenciados até os dias atuais.



3. HERANÇAS, MANIFESTAÇÕES E MORTIFICAÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

Em consonância com Santana (2012), o bairro é o primeiro local de reconhecimento de um espaço social, ou seja, ao sair da casa, do espaço reconhecido como privado, existe uma relação com as outras pessoas e com os espaços que o cercam. Repetidos encontros com outros moradores, comerciantes, frequentadores locais e até mesmos com as construções e os lugares vazios, tornam esse bairro uma extensão de sua própria casa - a apropriação desses espaços pelos moradores.

A Torre era um bairro de origem operária e que abrigava dentro dele pessoas de classes distintas. Existiam pessoas de classe média e pessoas, que segundo Gustavo Krause, ex-prefeito da cidade do Recife e morador do bairro, “apresentavam maiores dificuldade no enfrentamento da vida, convivendo de forma harmoniosa, uma verdadeira miscigenação social” que permitia uma convivência com uma série de coisas em comum, em especial o lazer: cadeira na calçada, bodoque, pegar guaiamum, os banhos de maré, entre outros. Gustavo Krause reforça:

Duas coisas me fascinavam naquele burburinho. A primeira era o conceito que, hoje, eu poderia dizer de subúrbio: uma aglomeração curiosa, porque estava baseada na vizinhança horizontal e o bairro da Torre foi um dos últimos a ser ocupado pela verticalização elevada. É impressionante como a relação da vizinhança verticalizada afasta as pessoas, e é impressionante também, como a vizinhança horizontalizada juntava, aninhava as pessoas. Então eu morava numa casa de oitão livre, do lado esquerdo tinha outra casa, do lado direito tinha uma casinha muito modesta, quase que um mocambo, três ou quatro casinhas. [...] E depois você tinha toda a vizinhança, que eram operários da fábrica, e moravam em casas extremamente modestas. Curiosamente, não existiam favelas, não existia miséria, havia uma pobreza digna. [...] Então o subúrbio era congregador, juntava, tinha uma argamassa que era uma cultura de vizinhança amistosa, solidária. Não era um paraíso, mas era uma coisa completamente diferente do que acontece hoje.

Cavalcanti (2014) afirma a influência da indústria têxtil no bairro, através da intensa movimentação de operários que caminhavam a pé, indo ou voltando dos turnos de trabalho, orientados pelos apitos da fábrica, que chegavam a ser ouvidos em bairros imediatos. Dona Isabel Wanderlei, moradora do bairro, afirma: “Esse bueiro, não sei se era cinco da manhã, não lembro, ele tocava que não parava mais. Era uma delícia! Era lindo, os operários tudo saindo correndo. Eu tenho um a um na minha mente passando!”. Leonardo Dantas, historiador



e morador do bairro, afirma que todo o bairro passou a viver em função da fábrica, eram mais de cinco mil famílias.

A moradora Antonieta Perruci relata:

Era muito movimentado. Era operário o tempo todo, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, muito movimento! [...] Até a questão de horário porque ela apitava nas horas certas e a gente já sabia o apito qual era a hora, sabe?! Acordava todo mundo. Mas era bom porque a gente sabia. Tantas horas minha gente, vamos embora! Quer dizer, tinha alguma utilidade mesmo pra quem não estava na fábrica.

Leonardo Dantas reforça essa influência:

Olha, a Fábrica da Torre, ela praticamente administrava o bairro. Ela tinha um apito forte que ecoava no bairro todo. Tinha um apito de 6h da manhã, outro de 9h30, 16h30 e um às 22h [...] quatro e meia, era hora de parar as brincadeiras, ir pra casa tomar banho e preparar os deveres, e dez horas da noite, hora de dormir, aliás, 22h30. Então os apitos da fábrica é que regulamentavam o bairro. Eu era menino e vivia dos apitos da fábrica da Torre. Eu estava na campina batendo bola e quando ouvia o apito das quatro e meia, dizia: hora de ir pra casa porque mamãe vem aí! Era hora de recolher. [...] Então tudo era a fábrica da Torre.

Gustavo Krause afirma:

Aos meus 10, 12 anos de idade, quando morei na rua de onde eu escutava os três apitos, nome de uma musica de Noel Rosa, os três apitos da fábrica. [...] No apito da tarde, geralmente eu estava estudando no terraço de casa, quando passava uma leva de operários e o som não só da conversa, mas dos seus chinelos arrastando no chão, ainda hoje está muito vivo na minha memória. Alguns deixavam pra tomar banho quando chegassem em casa e passavam ainda com alguns fios de algodão nos cabelos e com o macacão da fábrica, eles passavam naquela algarvia³⁴.

A fábrica da Torre também trouxe o crescimento para o bairro através da implantação de outros equipamentos, todos associados à fabricação de tecidos. Esses equipamentos surgem como alternativa de encurtar os caminhos, constituindo-se assim, quase um polo fabril, com: loja de fábrica, lojas de confecções, entre outros. A partir dessa urbanização, começa a existir uma atração para outros moradores e surgem novas demandas, culminado no aparecimento de outros serviços: alfaiate, costureira, loja de botões, entre outros. Ou seja, a partir da fábrica, surgem outros equipamentos voltados ou relacionados à produção de tecido.

Na Rua dos Artistas, por trás do posto de gasolina, existia a Confecções Torre (Figuras 27 e 28). A fábrica fazia o tecido e na Confecções Torre se faziam as confecções, normalmente para homens, com seis tamanhos de manga (tricolina).

³⁴ Algarvio – Falador, tagarela (dicionário online de português).



A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 27 - Localização das Confeccões Torre.



Fonte: Google Maps, 2016.

Figura 28 - Instalações da antiga Confeccões Torre.



Foto: Da Autora, 2016

Existia também, na Rua Marcos André, o Cotonifício Capibaribe, originário da fábrica, localizado no atual Carrefour (Figura 29). Em frente ao cotonifício, na Rua Marcos André, existia uma fábrica de fósforo, onde atualmente se encontra uma vila de militares. Em 1942, seu prédio foi ocupado pelo Parque Regional de motomecanização, posteriormente transferido para o bairro de Casa Forte (CPOR).

Aqui, onde é o Carrefour, era a fábrica de lençóis Capibaribe. Eram lençóis e camisas. Antes foi, no tempo da guerra, um quartel, do exército. Era chamado esquadrão. Deu muito casamento aqui na Torre por causa dos soldados, porque eles passavam por ali a pé, pelas ruas e surgia namoro. Surgiram muitos casamentos (Antonieta Perruci, 2016).

Figura 29 – Provável localização Fábrica de Fósforos e Cotonifício Capibaribe.



Fonte: Google Maps, 2016.



Algumas casas eram diferenciadas de acordo com o cargo que exercia na fábrica. Na Rua Laura Campelo, antiga Rua da Areia, ainda se encontra dois edifícios baixos, que eram de pessoas que possuíam função de destaque (Figura 30 e 31).

Figura 30 - Edifício na Rua Laura Campelo.



Fonte: Google Maps 2016.

Figura 31 - Edifício na Rua Laura Campelo.



Fonte: Google Maps 2016.

Em frente à Fábrica da Torre, na Rua José Bonifácio, existia a cooperativa dos operários e loja de fábrica, que vendia tecidos a quilo, localizada em parte do terreno onde hoje se encontra o Atacado dos Presentes (Figura 32).

Figura 32 - Provável localização da loja de Fábrica.



Fonte: Google Maps, 2016.

A fábrica possuía escola e capela próprias que se localizavam na Rua José Bonifácio, 1099, atual galeria Vitrine da Torre (Figuras 33 e 34). Na escola - Escola Cotonifício da Torre - funcionavam três turnos: manhã e tarde para filhos de funcionários ou, em alguns casos,



outro tipo de parentesco, e, à noite, para os funcionários da fábrica ou pessoas que trabalhavam para algum funcionário.

Eram duas professoras à noite: Dona Rosa, que era terceira e quarta série, e a outra professora, que era primeira e segunda. Agora, de dia, todas essas salas eram ocupadas. Eram seis salas e ainda a sala de bordado e a de música que ficava junto do palco. Existia uma professora de música duas vezes por semana. Os adultos trabalhavam de dia e estudavam à noite. Eram todos funcionários da fábrica ou então trabalhava para algum funcionário e a gente arrumava pra ele estudar lá (Nilza Sete, 2016).

A capela se localizava dentro da escola, em uma área comprida onde a missa era celebrada pelo Capelão Padre Romeu nos finais de semana, e durante a semana funcionava como duas salas de aula. Todas as despesas eram por conta da fábrica, os alunos recebiam todo o material escolar de papelaria e fardamento (exceto bolsa, sapato e meias). Os livros não eram fornecidos, porém era facilitado o pagamento de acordo com a necessidade de cada operário. Os alunos também recebiam merenda. A escola encerrou suas atividades aproximadamente em 1982.

Durante a semana, eram duas salas de aula divididas por cavalete de madeira. No começo, existia uma parte junto ao palco que aconteciam as festas de natal, encerramento, São João, a primeira comunhão dos alunos, a páscoa dos alunos. [...] Nós recebíamos duas gratificações no ano: junho e carnaval. Aí aconteceu o décimo terceiro e agente passou a receber o décimo mais as duas gratificações. Duas vezes por anos também a gente recebia cinco quilos de retalho, tecido, os funcionários cinco e os operários parecem que eram dois ou três quilos, mas dava pra fazer roupa pra todos os filhos (Nilza Sete, 2016).

Figura 33 – Provável localização da Escola e Capela da Fábrica.



Fonte; Google Maps, 2016

Figura 34 - Capela da Fábrica e escola ao fundo.



Foto: D. Isabel Wanderlei, 2016.



Leonardo Dantas, afirma ter existido um clube dos operários da fábrica chamado Mecânica, cuja localização teria sido na Rua Visconde de Itaparica, onde hoje se encontra o edifício Senzala de Megahype (Figura 35).

Figura 35 – Provável localização do Clube Mecânica.



Fonte: Google Maps.

O bairro da Torre foi de certa forma, sendo constituído de maneira diferenciada, surgindo dentro de sua estrutura equipamentos que não se instalaram em função do uso da fábrica, mas sim pela demanda criada a partir da implantação das vilas operárias e de sua consolidação como bairro.

O bairro da Torre chegou a ter dois cinemas: o Cine Teatro Modelo na década de 1910, localizado na Rua Vitoriano Palhares e o Cine Torre, na década de 1940, situado na Rua Conde de Irajá, onde hoje deu lugar a um edifício de apartamentos (Figura 36). Quando o Cine Torre foi desativado, a edificação abrigou a casa dos festejos onde, de acordo com Santana (2012), houveram apresentações de artistas como Luiz Gonzaga e Elba Ramalho. As letras do Cine Torre, atualmente encontram-se no jardim da casa de Leonardo Dantas na Rua Marquês de Maricá, 73, que ao tomar conhecimento da demolição do referido cinema, as solicitou (Figura 37).

Figura 36 - Provável localização do Cine Teatro Modelo e do Cine Torre.



Fonte: Google Maps, 2016.

Figura 37 - Letras do Cine Torre



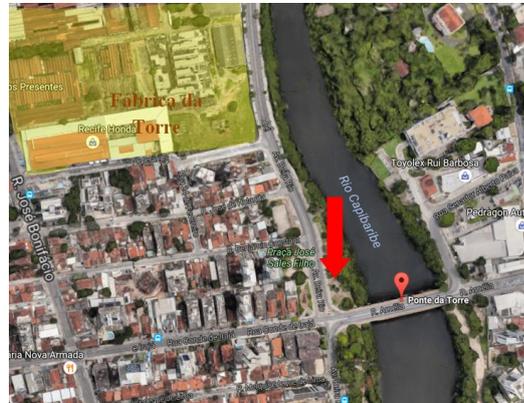
Fonte: Foto da Autora, 2016



As matinês aos domingos começavam às 14h30. Logo cedo as crianças do bairro faziam fila na bilheteria, com as suas roupas engomadas e seus cabelos repartidos, aproveitando os minutos que antecediam o início da projeção para troca dos gibis. [...] O domingo não existiria sem a matinê do Torre (SILVA, 2009, p.47).

Também existiam clubes onde aconteciam as confraternizações, a Catedral da Seresta, gafeiras e campos de futebol. O Iate Clube da Torre localizava-se na descida da Ponte da Torre ao lado direito, posteriormente transferido para o bairro do Pina ao lado do atual Gabanga Iate Clube. À aproximadamente 100m do Iate, funcionava a Academia de Frevo e Passo (Figura 38).

Figura 38 - Possível localização do Iate Clube da Torre.



Fonte: Google Maps, 2016.

O primeiro supermercado da cidade do Recife, segundo Leonardo Dantas, foi criado por Manoel Batista da Silva (proprietário da Fábrica da Torre). Esse supermercado localizava-se onde hoje se encontra a padaria Massa Nobre, na Rua José Bonifácio, e deu origem aos atuais supermercados Comprebem (Figura 39).

Figura 39 – Provável localização do primeiro Comprebem.



Fonte: Google Maps, 2016.



Quando eu cheguei ao Recife, em 1957, isso aqui estava no apogeu, e o empreendedor da fábrica criou um conglomerado que foi o primeiro mercadinho, chamado Comprebem. Foi o primeiro supermercado, era uma grande novidade. Ele criou um conglomerado, além disso, tinha banco, devia ter seguradora, corretora e o que foi o Banco Nacional do Norte, cujo Slogan é imortal: “Um amigo na praça” (Gustavo Krause, 2016).

Outra maneira de inserção da Fábrica da Torre no cotidiano do bairro foi à fundação, em 13 de maio de 1909, de um clube brasileiro de futebol - Torre Sport Clube, cujos dirigentes eram funcionários da mesma. Foi um time respeitável, sendo, no Campeonato Pernambucano, três vezes campeão (1926, Campeão invicto em 1929 e 1930) e quatro vezes vice-campeão nos anos de 1924, 1925, 1927 e 1928. O Clube Torre também foi um dos fundadores da Liga Sportiva Pernambucana, atual Federação Pernambucana de Desportos (Figuras 40 e 41). “Aqui em casa reunia o material do grupo do time do Cruzeiro e Real da Torre. O time era todo reunido aqui. Eu lavei muito meião e camisas do Torre” (Isabel Wanderlei, 2016).

Figura 40 - Carteira de Sócio do Torre Sport Club



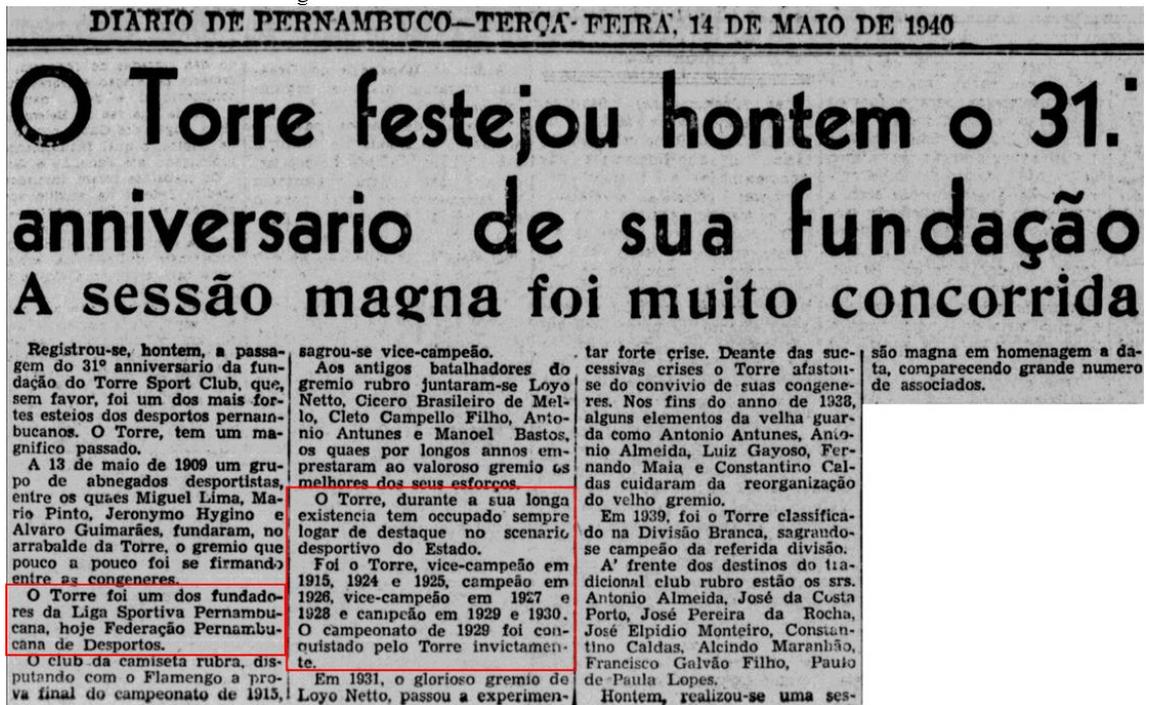
Fonte: Blog A história do Futebol.

A maior atividade do clube era no antigo campo da Avenida Malaquias, atual parque da Jaqueira, porém seu Estádio era o Campo da Torre. Conhecido como Madeira Rubra, teve sua sede inicialmente na Rua Imperatriz, 168 (Boa Vista), mudou-se para Rua da Glória, 243 (Boa Vista), quando finalmente foi transferido para a Rua do Rosário, nº10, no bairro da Torre. O clube também participava do campeonato estadual de voleibol e xadrez. O clube Torre encerrou suas atividades em 1943.

Existiam os times que a gente chamava de time de pelada que era o Art da Torre, ali onde hoje tem a vila de Santa Luzia, um campo de futebol gramado onde era a sede do Art da Torre. Existia o Cruzeiro da Torre, o Mocidade, SESI, Canto da Vila, Canto do Rio e o CIT na Rua Vitoriano Palhares (Jarbas Lobo, filho de ex-funcionária da fábrica e morador do bairro, 2016).



Figura 41 - Recorte do Jornal Diário de Pernambuco de 1940.



Fonte: Biblioteca Nacional.

Nas instalações do Serviço Social da Indústria - SESI (Figura 42 e 43), existia o Grupo de Escoteiros Aníbal Cardoso e a Academia do Torre com aulas de boxe e vale-tudo. Outra forma de inserção no cotidiano dos operários foi o programa de luta ao vivo do canal 2, patrocinado pela Fábrica – TV Ringue Torre (Figuras 44 e 45).

Figura 42 - Localização do SESI Torre



Fonte: Google Maps, 2016.

Figura 43 - Instalações do SESI Torre



Foto: Da Autora, 2016



Alô amigos telespectadores do canal 2. Um grande abraço! Boa noite a todos! Estamos iniciando mais uma noitada espetacular do TV Ringue Torre, direto do Clube Português, ao vivo. E como sempre, grandes atrações serão mostradas daqui a pouquinho pra vocês, numa gentileza toda especial das Camisas Torre, não é?! Seis tamanhos de manga para cada número de colarinho. Divirtam-se e aproveitem o espetáculo! Vamos dar início ao TV Ringue Torre, ao vivo, pelo canal 2. TV Jornal do Comércio, as suas ordens! (Ribas Neto – ex-narrador da TV Ringue Torre – Reportagem Marcelo Sá Barreto, 2012).

Figura 44 - TV Ringue Torre.



Fonte: (Fonte Jornal do Comércio online).

Figura 45 - Time de jogadores do Torre Sport Clube publicado na revista Pra Você, 2012.



Fonte: Página Recife de Antigamente.

Eu não pensava em morar na Torre. Morava no bairro da Tamarineira, e quando decidi comprar um imóvel mais novo, queria que fosse daquele lado do rio. Mas, tive uma boa oportunidade de comprar um apartamento que nunca foi ocupado em um prédio seminovo. Faz seis anos que moro aqui, apesar de não gostar do prédio. E, inicialmente, tinha a pretensão de não ficar aqui por muito tempo. Mas, o bairro foi me conquistando. Eu percebi que as pessoas tinham um apego muito grande ao bairro, e esse apego foi passado para mim. Pois, vejo da minha varanda a procissão passando, o som das festas de carnaval e de São João. É tudo tão peculiar. Acho o máximo descer do prédio e ir à padaria, salão de beleza, quitanda... Na maioria em casas que a gente vê que eram das antigas vilas operárias, e poder fazer tudo andando, me deparando com pessoas que me diz: “cadê você? Nunca mais a vi”. Então, esses vínculos vão se formando e você vai se apegando. E é triste ver a quantidade de prédios que agora vão chegando e ver todos esses vínculos em risco. Mesmo não tendo vivido no bairro na época do funcionamento da fábrica, posso dizer desse sentimento de pertencimento, e é justamente por conta dessa história, que ainda resisto a ficar na Torre. Não pelas edificações, mas pela história! (Ana Maria Ramalho, moradora do bairro, 2016).

O mapa a seguir foi construído a partir de relatos dos moradores sobre os equipamentos que existiam e foram demolidos e aqueles que ainda restam (Figura 46).



Figura 46 - Mapeamento dos equipamentos relacionados com a fábrica.



Fonte: Da Autora, baseado no mapa do Google Maps, 2016.



3.1 Tradições populares

Sabe-se que as festas populares expressam as identidades dos grupos locais, seja pela fé, seja para celebração ou, simplesmente, por motivo de encontros, atraem as pessoas que possuem uma mesma identidade. Essas manifestações tentam preservar algo que ficou na memória coletiva através da valorização desses bens culturais que contam a história e a vida de uma sociedade. Essas possuem um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de qualquer coisa, conservar algo que ficou na memória coletiva (RIBEIRO, 2004, p. 48).

O bairro da Torre abrigava muitas festividades populares, das quais algumas resistem até os dias de hoje, tais como: o Carnaval, o São João e a festa de Santa Luzia.

A Trezena de Santo Antônio³⁵ foi uma tradição iniciada em 1916 por Amaro Barbeiro. Eram feitas orações em louvor a Santo Antônio nos treze dias que antecedem a sua festa, uma espécie de preparativo para as festas de São João e São Pedro. Na Festa de São João, a quadrilha junina saía pelas ruas com a carroça que levava os noivos da vila da fábrica. Ainda nos dias atuais, matem-se a tradição de comemorar a festa de São João, interditando ruas, acedendo fogueiras e soltando fogos. A Rua Visconde de Itaparica, nos dias de hoje, ainda comemora a festa de São João da mesma maneira – uma tradição do bairro.

As bandeiras multicoloridas balançando ao vento, a decoração de palhas de coqueiro e folhas de bananeira, três grandes estrelas distribuídas ao longo dos trezentos metros da rua, o brilho das fogueiras clareando a noite nublada. No céu os balões enfeitavam o espaço como se fossem as estrelas daqui desse mundo, provocando o alvoroço da criançada na vã tentativa de derrubá-los focando suas imagens num espelho. (DANTAS, 2009).

A grande Festa de Santa Luzia acontece, ainda hoje, no dia 13 de dezembro, em honra da padroeira dos operários das tecelagens e atrai pessoas de todos os subúrbios. A devoção dos operários por Santa Luzia influenciou de tal forma o bairro que fez com que a igreja passasse a ser mais conhecida como Igreja de Santa Luzia até os dias de hoje, absorvendo sua invocação real de Nossa Senhora do Rosário. Essa devoção se deu por conta de inúmeros acidentes de trabalho que deixavam os operários sem visão – as lançadeiras dos teares quando soltavam alcançavam os olhos desses. Após o fechamento da fábrica, a festa perdeu o sentido de ligação com a mesma. A imagem de Santa Luzia, segundo Leonardo Dantas, foi trazida de

³⁵ Devoção muito antiga: teve origem em Bolonha, na Itália, no ano de 1617.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



Portugal e se encontra atualmente na igreja da Torre (Figuras 47, 48 e 49). Padre Romeu afirma que a imagem da Santa foi trazida da cidade de Siracusa - Itália.

Figura 47 - Imagem de Santa Luzia na Igreja da Torre.



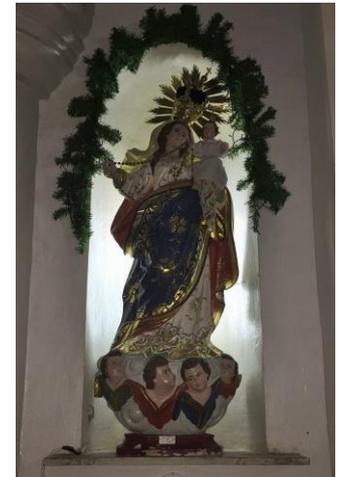
Fonte: Foto da Autora, 2016.

Figura 48 – Programação da Festa de Santa Luzia 2016.



Fonte: Paróquia Igreja da Torre.

Figura 49 - Imagem de Nossa Senhora do Rosário na Igreja da Torre.



Fonte: Foto da Autora, 2016.

Houve, durante muito tempo, a intenção de construir uma igreja pra Santa Luzia, mas nunca se concretizou. A ligação era tão intensa que a fábrica ajudava financeiramente a manutenção da igreja e os custos da festa de Santa Luzia.

O grande dia da Torre era o dia 13 de dezembro que se comemorava a festa de Santa Luzia, porque a devoção de Santa Luzia era a devoção dos operários que eles trabalhavam em teares. Quando o tear passava a lançadeira, amarrada com um couro dava um sopapo, se soltasse, pegava na vista do operário. Tinha muita gente cega aqui por causa de acidente de trabalho. [...] Nesse dia, nada na Torre abria, nem padaria. Não se trabalhava com linha nem se trabalhava com agulha. A imagem saía daqui da igreja em procissão ate a fábrica, entrava por um portão e saia pelo outro: era a visita que a santa fazia todo ano a fábrica (DANTAS, 2016).

Padre Romeu afirma:

Agora, a procissão de Santa Luzia, é o que tem de mais importante da época. Dr. Antônio Batista da Silva foi buscar essa imagem porque as lançadeiras da fábrica às vezes quebravam e cegavam os operários. Então ele foi buscar na Itália, em Siracusa [...] e essa imagem fazia a procissão todo dia 13, ele mesmo fazia. Era uma procissão linda que ia por dentro da fábrica e por toda a paróquia. Depois a procissão passou a ser paroquial, ele ajudava e a gente fazia a procissão que entrava por um portão da fábrica e saia pelo outro lado. A fábrica quando fechou, a gente assumiu, porque a devoção a Santa Luzia era muito grande e a gente não podia deixar de continuar com uma festa centenária de Antônio Batista da Silva. Ela acontece até hoje.



O mês de dezembro também era preenchido com as apresentações do pastoril do SESI da Torre e o tradicional Presépio dos Valença (o compositor João e o poeta Raul), cuja encenação acontecia no Sítio dos Valença localizado entre o bairro da Madalena e o Zumbi – encarnação profana do Auto Natalino. Encenado pela primeira vez em 1865, pelo avô dos musicistas regionais, cuja tradição foi mantida pelos pais dos mesmos até aproximadamente o ano de 1900. Após alguns anos de interrupção, os irmãos Valença, voltaram a realizar apresentações do presépio até aproximadamente o ano de 1967.

Velhos e moços, crianças e adolescentes, abraçavam-se e desejavam, como se fizessem parte de uma grande e infinita família, os melhores votos de um Feliz Natal [...] O carnaval e o frevo, o pastoril e a queima da lapinha, o maracatu e o reisado, as ruas enfeitadas e as famílias em conagração no ciclo junino, tudo acontecia naquele bairro miscigenado, alegre, banhado pelas águas nem sempre mansas do Rio Capibaribe (KRAUSE, Gustavo, 2000, apud DANTAS, 2009).

Percebe-se que muitas são as tradições do bairro da Torre, entre elas, a de ser um bairro festeiro com vários blocos carnavalescos. Conforme Dantas (1997), o bloco “Apôis Fum”, cuja sede se localizava na Rua José Bonifácio, esquina com a Rua dos Operários - em frente ao SESI da Torre (Figura 50); o bloco “Um dia só”, de Severino Calazans; “Bobos em folia”; “Sabido Não Grita” e “Operários em Folia”, eram os principais blocos da Torre, tomavam conta da antiga povoação nos três dias dedicados ao carnaval. É notório que alguns nomes sugerem suas ligações com a fábrica. Leonardo afirma que outros blocos também marcaram época na Torre, Madalena, Zumbi e Cordeiro: Camelo de Ouro, Bébé, Pavão Dourado, entre outros.

<p>Gente da Torre, Quando chega o carnaval, Brica até de baixo d'água Fica quente e vira pó Não cansa, fazendo piruetas, No frevo do bloco Um dia só</p> <p>No sapecado duma marcha fervorosa, Arremexida e dengosa, Cheia de cavilação, A gente fica bem contente, Fica frevolente, cheia de emoção. Sapeca, se remexe e vira,</p>	<p>Nem um só torrense Quer ser moleirão.</p> <p>É só na Torre Que se encontra um folião De bondoso coração Cheio de felicidade Na Torre só tem gente assim A começar por mim Oh! Gente sem bondade Por isso é que o nosso bloco Goza simpatias em toda cidade (Dantas, 1997, p.153).</p>
---	--



Figura 50 – Provável localização da antiga sede do bloco carnavalesco “Apôis Fun”



Fonte: Google Maps.

A rivalidade era uma constante entre os blocos, o que deu origem as notáveis marchas, que marcaram as canções carnavalescas de todos os tempos. Da rivalidade entre o bloco Bobos em Folia e Sabido Não Grita, surgiu, entre outras, a canção:

A verdade triunfa sempre
E não esqueça
O que vou dizer:
Pipiu escute,
Que por mais que se lute, reunido mil bobos,
Não vale um sabido! (Dantas, 1997, p. 155)

Ainda nos dias atuais, o bairro mantém a tradição do carnaval de rua com o bloco Visconde na Folia.

Nas entrevistas realizadas com antigos moradores e ex-funcionários da fábrica, observou-se uma descrição do bairro como um lugar singelo: ruas de areia, casas modestas, mocambos, muita arborização, convivendo ao lado de casarios e fábricas, em especial a fábrica da Torre. Todos afirmam a sua grande importância e influência na formação e desenvolvimento do bairro e na vida de seus moradores. Esse ano completa 25 anos de um grupo chamado “Amigos da Torre” (Figuras 51, 52 e 53), formado por ex-funcionários e filhos de ex-funcionários das fábricas da Torre e Cotonifício Capibaribe, Com o intuito de manter a memória viva dos velhos tempos em que essas fábricas funcionavam.

Figura 51 – Duas das fundadoras do grupo Amigos da Torre.



Foto: Da autora, 2016.

Figura 52 - Reunião com os fundadores do Grupo Amigos da Torre no dia 23 de novembro de 2016.



Foto: Da autora, 2016.

Figura 53 - Reunião do Grupo Amigos da Torre no dia 29 de novembro - últimos detalhes para festa de comemoração dos 25 anos.



Fonte: D Isabel Wanderlei, 2016.

3.2 Cicatrizes dos teares

Antes mesmo do fechamento da fábrica, porém já apresentando indícios desse fechamento, e com o crescimento da cidade e a conseqüente modificação de desenho original, o conceito de dizer bairro operário começou a não fazer mais sentido, porque nesse contexto as vilas operárias foram desaparecendo. Com o encerramento das atividades na fábrica, os operários foram obrigados a deixarem as casas e, na seqüência, essas casas foram sendo demolidas. Os terrenos foram sendo vendidos, dando lugar a edifícios, iniciando aí o processo de verticalização do bairro da Torre.



Quando o dono resolveu fechar, saiu negociando e tinha gente que achava que nunca ia sair. Tinha gente morando há 30 anos, 40 anos na mesma casa. O aluguel era descontado em folha, os funcionários pagavam 30% do valor de um aluguel normal, bem em conta, né? [...] No início, quem ia saindo, ele dava o material da casa somente. Meu pai mesmo não recebeu indenização nenhuma pela casa, recebeu material. O Governo estava lançando as vilas da Cohab, Ipsep, Ibura, Maranguape. O dono, pra não deixar com uma mão na frente e a outra atrás, facilitou a inscrição desse pessoal pra poder obter essas casas. A destruição começou antes de 82, mas pelo que me lembro, terminou tudo em 84. Mas alguns funcionários ficaram brigando por uma indenização maior. Então o bairro ficou assim: uma casa aqui, outra ali, passava 10 casas, ficava aquela casa isolada. [...] A maioria das pessoas que tinha muito tempo de fábrica achava que devia agradecer, porque a gente tinha muita mordomia. Ele dava em torno de 5 kg de tecido de seis em seis meses, no final do ano, uma quantidade maior, e no meio do ano, uma menor (Alcidésio Feitosa, ex-funcionário da fábrica, 2016).

A Fábrica da Torre passou a abrigar as instalações de uma das empresas que compõe o grupo Banorte. A partir daí, os usos foram se diversificando: alfaiataria, supermercado, farmácia, bancos, sorveteria, mercearia, entre outros. Existia uma demanda e, como a economia é muito marcante, existiam consumidores que levaram a toda essa diversificação e a criação de um comércio que não tinha relação mais direta com a fábrica.

Porém sua essência está em sua semente, sua história: o ciclo do algodão, sua transformação e seu núcleo transformador - a fábrica. O bairro foi um dos últimos a sofrer influência das incorporações imobiliárias. E nos dias atuais, vem sendo transformado em espaço urbano de moradia, comércio e serviços, com intensa verticalização.

Diante de tudo isso, hoje, o bairro da Torre apresenta apenas alguns vestígios sufocados pelas marcas urbanas da atualidade. Marcas essas, que se reproduzem nos chamados subúrbios: uma incorporação cada vez mais valorizada de terras, sendo necessária uma visão no futuro que conduza a uma expansão urbana mais ordenada. Gustavo Krause afirma: “a rigor, na minha visão, seja de saudosismo ou não, a Torre é um bairro desfigurado da sua origem, completamente desfigurado!”. Leonardo completa: “quando a fábrica fechou, o bairro morreu! A Torre se transformou num bairro de passagem” – relativo às questões físicas do bairro.

Esse bairro não era ligado. Quando eu fui prefeito, fiz uma coisa bastante ousada que foi fazer outra perimetral, porque, como o Recife é uma cidade radio-transcêntrica, ela cresceu para o oeste as suas vias de penetração. Não existiam as ligações Leste-Oeste, mas existiam as ligações Norte-Sul. A Avenida Agamenon Magalhães, que começou com Pelópidas, foi uma perimetral. Essa outra perimetral, que eu fiz entre 1979 e 1982 foi diferente, porque fiz com o mínimo de cirurgias urbanas. A obra deu funcionalidade, porque quando você vem de Afogados, pela Estrada dos Remédios, você vem uma mão única e tem sistemas binários e lugares para retorno, mas mesmo assim aconteceram perto de 1000 desapropriações. A ponte Torre-Parnamirim liga o bairro da Torre ao bairro de Casa Forte, agora Jaqueira (Gustavo Krause, 2016).



Nesse sentido, “bairro de passagem”, pode ser associado com uma área de intensa movimentação de veículos e pessoas, muitos ruídos, ao mesmo tempo em que está localizado perto o suficiente do centro, de maneira a tornar fácil a ligação com outras áreas da cidade. O bairro foi todo interligado através de construções de pontes e rodovias, especialmente a ponte Torre-Parnamirim, que faz a ligação com o bairro da Jaqueira. Leonardo afirma:

O Sebastião Barreto Campelo, na administração Lucena ligou essa rua aqui, a Rua conselheiro Teodoro, ligando ao Zumbi. Depois Gustavo Krause ligou aquela ponte Torre-Parnamirim, fazendo a segunda perimetral que começa na Praça de Beberibe e vai até Afogados, fez uma paralela a Estrada dos Remédios. Jarbas fez a ponte Gilberto Freire, ligando com a Mascarenhas de Moraes, Imbiribeira. João Paulo fez essa ligação pela Mauricio de Nassau. Então o bairro ficou todo repartido e perdeu suas características, como uma série de diversos bairros da cidade do Recife (Leonardo Dantas, 2016).

Ao analisar todas essas questões descritas acima, pode-se concluir que da mesma maneira que a fábrica foi elemento catalizador, o seu desaparecimento foi um elemento fragmentador.



4. REMINISCÊNCIAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO

As transformações evidenciadas ao longo de todo o processo da industrialização brasileira ocorreram em função dos avanços tecnológicos provenientes da Revolução Industrial europeia, como já foi citado anteriormente. Essas transformações, sobretudo nas primeiras fases de implantação das indústrias, merecem ser destacadas em função, entre outras coisas, das modificações que causaram no ambiente das cidades.

A fábrica da Torre, conforme citado anteriormente, possuía todo o seu entorno de casas operárias. Os apartamentos situados por trás do Carrefour, na beira do Rio Capibaribe, também eram da fábrica. Bem como todos os que estão no entorno do Hospital Evangélico, também foram terrenos da fábrica que viraram empreendimentos. Todas as casas da Rua José de Holanda foram de funcionários. A antiga Rua Operária possuía um correr de casas, mas que foram as primeiras a serem derrubadas, antes mesmo da fábrica fechar, em decorrência da vendas dos terrenos. Existiam casas maiores e menores, modelos diferenciados, mas a distribuição entre os operários acontecia de forma aleatória. E no atual Atacado dos Presentes, existiam os apartamentos de funcionários graduados da fábrica (Figura 54 e 55).

Figura 54 - Apartamentos em parte do terreno onde se encontra o Atacado dos Presentes



Fonte: Sr. Jarbas Lobo, data não identificada.

Figura 55 - Atual vista da Rua Vitoriano Palhares.



Foto: Da Autora, 2016, respectivamente.

Era pra quem tivesse sorte de pegar. Por exemplo, mamãe era operária e pegou uma casa dessas daí que era uma casa boa, era aleatório. Não era fácil porque as grandes eram em quantidade menor. As outras eram casas uma juntinha da outra, porta e janela e parede com parede. A minha parede era a parede da vizinha. Era uma porta e uma janela e tinha o primeiro quarto e o segundo, as que tinham três quarto, foram feito puxadinhos. Agora essas eram boas, tinham três quartos, mosaico... Essas daí eram boas! (Nilza Sete, 2016).



Leonardo Dantas Afirma:

Ali, atrás do posto de gasolina, em frente ao Carrefour, o nome daquela rua é Rua dos Artistas, porque era ali que moravam os artistas da fábrica. Mas não artistas como a gente pensa hoje, eram aqueles que trabalhavam com régua e compasso: marceneiro, funileiro, carpinteiro, fresador, torneiro mecânico... Então esses eram os artistas. Era um pessoal mais diferenciado. Aí tinha a vila operária que envolvia todos aqueles edifícios novos que estão em torno do Carrefour. Toda a Rua Visconde de Itaparica era a vila operária, e mais aquele núcleo que hoje é o final da José Bonifácio e vai até a ponte Torre-Parnamirim.

Para uma melhor compreensão das transformações ocorridas na paisagem do bairro da Torre, é importante interpretar as marcas impressas no bairro, resultantes de sua história, ou seja, fazer um resgate ao longo dos anos, das suas características mais representativas. Essas marcas são resultados das ações do homem em diversos períodos onde as mesmas, na maioria das vezes, são substituídas, apagadas de forma intencional em prol do desenvolvimento.

A paisagem urbana do bairro da Torre sofreu mutações em toda sua história que acompanharam as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais durante sua evolução, mas determinados traços de sua fisionomia perduram em sua paisagem, como símbolos e testemunhos significativos das etapas da vida urbana.

Do primitivo engenho de Marcos André (séc. XVI), originário do Engenho da Torre, restam como vestígios a casa grande (hoje uma escola pública), a capela (Igreja de Nossa Senhora dos Rosários) e vagando, no meio das sombras, os zumbis da aristocracia ao lado das almas redimidas dos negros e de anjos raquíticos que relembram os cassacos³⁶ martirizados, restam, ainda, duas chaminés – a do engenho e a da Fábrica da Torre – por onde se evaporaram dois ciclos econômicos, o do açúcar e o do algodão, dizendo, estas chaminés, aos humanos – ricos e pobres, brancos e pretos, capitalistas e proletários, que tudo se nivela na origem e no destino igualitário do pó e das cinzas. (KRAUSE, 1998, p.496).

Pode-se dizer que, indiretamente, houve uma forte indução da construção civil de forma equivocada, não só no referido bairro, bem como acontece em toda a cidade do Recife. Ou seja, “houveram intervenções de forma pontual, mas a expansão urbana se deu dentro de padrões que comprometeram a qualidade de vida dos moradores” (Gustavo Krause, 2016).

O bairro possui uma área territorial de aproximadamente 119 hectares, 16.931 habitantes e densidade demográfica de 142,5 habitantes/hectare de acordo com o Censo de 2000. Já no Censo de 2010, o bairro possuía 17.903 habitantes e densidade demográfica de

³⁶ Trabalhador na construção e conservação de estradas de ferro. Trabalhador em engenhos e usinas de açúcar (Dicionário online, 2016).



152,68 habitantes/hectare. Esse aumento de quase mil habitantes evidencia a indução da construção civil citada anteriormente.

Além da Fábrica da Torre, o Banco Banorte (Figuras 56 e 57) também encerrou suas atividades. Desses, só restaram as suas estruturas físicas, apesar de muitas transformações urbanas continuarem acontecendo.

Figura 56 – Instalações do Banorte.



Fonte: Jarbas Lobo. Data não identificada

Figura 57 - Instalações do Antigo Banorte.



Fonte: Google Maps, 2016, respectivamente.

Um grande marco que, inexplicavelmente, permanece na paisagem do bairro da Torre é a chaminé da antiga fábrica, conforme pode ser observado nas figuras 58 e 59. No entanto, é possível perceber que a mesma vem perdendo o lugar de destaque em decorrência da grande verticalização existente no bairro e que, de maneira indireta, altera a relação dos grupos sociais que frequentam esse bairro. Ainda se observa a presença de outros elementos históricos remanescentes da antiga fábrica.

Figura 58 - Arrabalde da Torre, 1910.



Fonte: Fundarpe, 2016

Figura 59 - Atual situação do bairro.

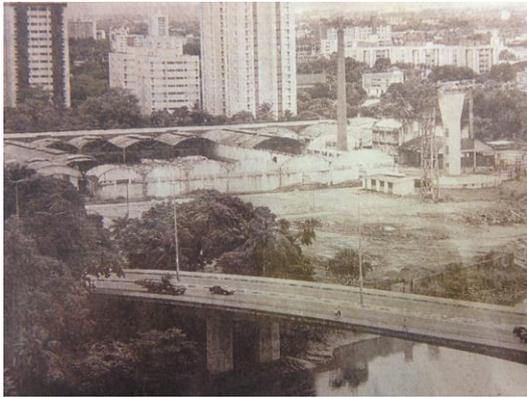


Fonte: Direitos Urbanos – wordpress, 2010.



Também existiu o cotonifício Capibaribe e anterior fábrica de fósforos, na atual localização do Carrefour (Figuras 60 e 61).

Figura 60 - Vista do Cotonifício Capibaribe.



Fonte: Jarbas Lobo. Data não identificada.

Figura 61 - Loja do Cotonifício Capibaribe com a construção do Carrefour ao fundo. Data não identificada



Fonte: Jarbas Lobo. Data não identificada.

Na Rua Visconde de Itaparica existia uma vila operária de fábrica que foi demolida para construção de edifícios residenciais (Figuras 62, 63 e 64).

Figura 62 - Vila Operária da Rua Visconde de Itaparica.



Fonte: Isabel Wanderlei. Data não identificada.

Figura 63 – Vila operária e arborização da Rua Visconde de Itaparica.



Fonte: Fonte: Srº Jarbas Lobo. Data não identificada.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 64 - Vista atual da Rua Visconde de Itaparica.



Fonte: Google Maps, 2016.

Nas figuras 65 e 66, observa-se a primeira capela, transformada na matriz da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da Torre (1912), que atualmente encontra-se descaracterizada no seu interior, mas mantém preservada sua fachada do século XVIII e a casa grande, com as mesmas características adquiridas no século XIX, e que atualmente abriga a escola Estadual Maciel Pinheiro. Nela é possível observar que a capela se encontra bem próxima à casa grande, refletindo a grande importância do poder religioso na formação da sociedade canavieira.

Figura 65 – Vista da Capela e Casa grande do antigo Engenho da Torre, 1812.



Foto: Roberto Carneiro - Fundarpe, 2016.

Figura 66 - Atual vista da Igreja.



Fonte: Autora, 2016.

A moita do primitivo engenho, que posteriormente se transformou na fábrica de cerâmicas, atualmente apresenta sua área ocupada pela Vila Santa Luzia, construída pela Prefeitura da Cidade do Recife, conforme descrito no item 4.1.1 (Figuras 67 e 68).

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



Figura 67 - Fábrica de Cerâmica da Torre - Antigo Fábrica do Engenho da Torre, início século XX.



Fonte: Recife de Antigamente, 2016.

Figura 68 - Campo do Bueirão com Vila Santa Luzia ao Fundo.



Foto: da Autora, 2016.

O bueiro da antiga moita do Engenho da Torre, localizado na Praça Professor Barreto Campello (antiga Campina da Torre), encontra-se ameaçado de uma total descaracterização ou até mesmo do seu completo desaparecimento, em decorrência do crescimento do mercado imobiliário (Figura 69). Na figura 52 observa-se que o Rio Capibaribe ainda passava bem próximo ao bueiro (Figuras 70 e 71).

Figura 69 - Vista do Bueiro do Antigo Engenho.



Fonte: Da autora, 2016.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:
A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.

Figura 70 - Vista do bueiro da moita e Igreja do Engenho da Torre



Fonte: Recife de Antigamente, 2016.

Figura 71 - Localização do Campo do Bueirão e Vila Santa Luzia.



Fonte: Google Maps, 2016.

O Cine Torre, citado anteriormente, foi o maior ponto de convergência dos adolescentes nas matinês de domingo, até o final dos anos 60 do século XX. Atualmente, o cinema foi demolido, dando lugar ao edifício de 14 andares que leva o seu nome – Edifício Cine Torre (Figuras 72 e 73).

Figura 72 - Cine Torre. Autor desconhecido



Fonte: Recife de Antigamente, 2016.

Figura 73 – Edifício Cine Torre.



Google Maps, 2016



Como foi dito no item anterior, existiu também o Cine Teatro, na Vitoriano Palhares, uma das últimas ruas a ser invadida pela setor imobiliário (Figuras 74 e 75).

Figura 74 - Parte do Cine Teatro (sala de exibição) nos fundos da Panificadora Torre.



Fonte: Jarbas Lobo. Ano não identificado.

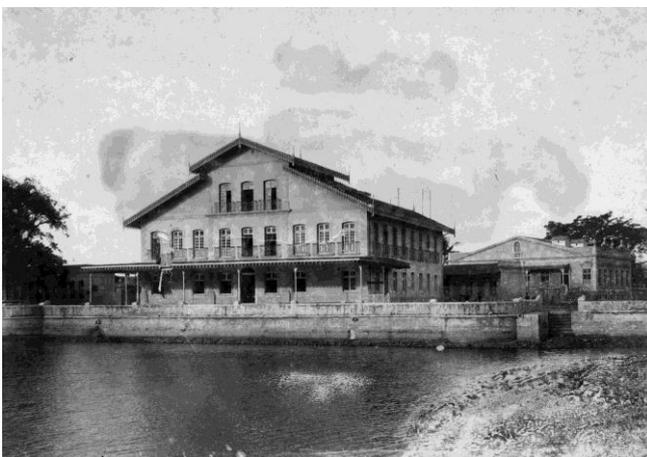
Figura 75 – Edifício Morada Imperial



Foto: Da Autora, 2016.

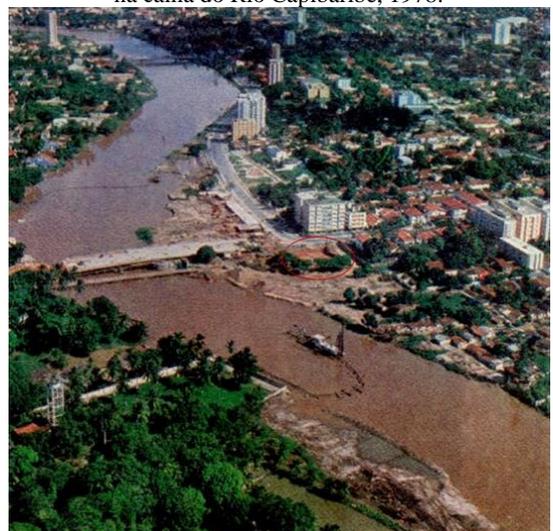
O bairro abrigou, conforme mostrado anteriormente, o Iate Clube da Torre (Figuras 76 e 77), circundado na foto em vermelho, que, de acordo com Leonardo Dantas, foi transferido para o bairro do Pina, ao lado do Cabanga Iate Clube, em decorrência das demolições das ponte que deixaram restos no rio, danificando os cascos dos navios.

Figura 76 – Iate Clube da Torre



Fonte: Museu da Cidade. Rogério Carvalheira, data não identificada.

Figura 77 - Ponte da Torre em reforma, ponte de madeira provisória, Iate Clube e dragagem e serviços na calha do Rio Capibaribe, 1978.



Fonte: Blog Recife de Antigamente, 2016.



A própria Fábrica da Torre, segundo Menezes (2016) passou por dois momentos de ampliação de suas instalações como fábrica e outro como banco Banorte. Primeiramente ela se insere, em estilo contemporâneo (1870), em ferro. Inicialmente instalada onde atualmente encontra-se a concessionária Honda e os escritórios ao lado, sendo esse seu primeiro núcleo (estilo *Art Déco*). A partir daí, seguia um caminho até o guindaste localizado na Avenida Beira Rio, pegando a mercadoria que seguiria para o Porto do Recife. Posteriormente surgiu a necessidade de criar outras unidades: a casa de caldeira e duas unidades de depósito localizadas junto ao rio, sendo essa a primeira ampliação da dimensão da fábrica (em estilo Bauhaus). Na segunda ampliação, foi acrescido a ela um grande galpão de ferro com áreas de embalagem, entre outras.

Quando houve a queda da economia algodoeira e conseqüente decadência da indústria têxtil, o Banco Banorte assume a massa falida, acontece à construção do galpão de concreto. Em baixo do galpão de ferro, existia um porão que, durante o funcionamento da fábrica, servia para receber os resíduos das lavagens dos tecidos (por serem ácidos) e lançar no rio. Esse porão foi incorporado, sendo feita uma ampliação em concreto para uso do Banorte, como banco. Na frente existia um pequeno escritório que também foi ampliado.

A paisagem do bairro da Torre passou por um rápido processo de transformação. Desde os primórdios do bairro, ao serem construídas as pontes D'Uchôa e Capunga, ao ser quebrada a barreira natural existente - o rio, despertou a atenção para a ocupação do bairro. Além das Vilas Operárias, existiu outro fator que intensificou as transformações que já vinham acontecendo, a construção da Avenida Beira Rio, cuja intenção era facilitar a mobilidade pela expansão do sistema viário existente, facilitando a ligação entre os bairros.

Associada a construção da Avenida Beira Rio, existe não só a Lei de uso e ocupação do solo (16.176/1996) permitindo um alto potencial construtivo, como também a Lei dos 12 bairros³⁷ (16.719/2001) limitando o gabarito das construções, que estimularam o redirecionamento dos investimentos imobiliários para outras áreas. Desta forma, bairros situados na margem direita do Capibaribe como Torre, Madalena e Ilha do Retiro, tornaram-se importantes alvos da especulação imobiliária. Atingindo, principalmente de forma direta os assentamentos populares como a Vila Santa Luzia, que apesar de ter todas as características de uma Zona Especial de Interesse Social - ZEIS, ainda não foi reconhecida como tal.

³⁷ Derby, Espinheiro, Graças, Aflitos, Jaqueira, Parnamirim, Santana, Poço da Panela, casa Forte, Monteiro, Apipucos e parte do bairro da Tamarineira.



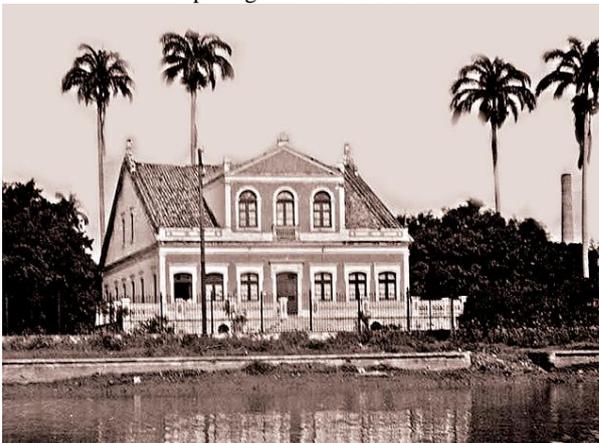
É notório que o bairro da Torre influenciou no processo de formação da cidade do Recife e que durante todos os estágios do seu desenvolvimento, desde engenho aos lotes no século XIX, as famílias que representavam o poder social da cidade, nele residiam, em sua grande maioria. Em consequência desse cenário, foram impressas marcas na paisagem do bairro, a partir da visão desses grupos dominantes, através da incessante busca de modernização e desenvolvimento.

Houve uma grande mudança nos padrões construtivos da área que vem, cada vez mais, interferindo na paisagem do bairro e na relação dos moradores com o mesmo. Representantes do setor imobiliário vêm cada vez mais investindo ao longo da Avenida Beira Rio, construindo altos edifícios. Com a abertura da referida avenida, houve uma intensa valorização da área e seu entorno, acarretando no aparecimento de empreendimentos imobiliários nas principais vias de acesso aos bairros Torre e Madalena.

O setor imobiliário se utiliza das paisagens da cidade dotadas de valor simbólico para os recifenses, sendo justamente aquelas onde se localizavam os engenhos de açúcar. [...] Assim, os valores simbólicos das nossas paisagens têm se transformado em valores econômicos pelo setor imobiliário e sendo consumidos pela sociedade (LEÃO, 2011, p. 34, apud SANTANA, 2012, p. 23).

A atual Av. Beira Rio, inicialmente ocupada por sobrados de veraneio, no início do século XX apresentava habitações mais populares (Figura 48), decorrentes, na sua grande maioria, da presença da fábrica têxtil. Durante a segunda metade do século XX e início do século XXI, observa-se a retomada de habitações construídas com suas frentes voltadas para o rio, caracterizadas pela elevada verticalização, provavelmente pelo esgotamento de construções na Avenida Beira Mar em Boa Viagem (Figura 78, 79 e 80).

Figura 78 - Sítio na Torre – Beira Rio, na passagem da Madalena



Fonte: Mobilidade Urbana no Recife e seus arredores.

Figura 79 - Mocambos nos arrabaldes da Torre, 1930.



Fonte: Setor iconográfico da Fundação Joaquim Nabuco



(Autor desconhecido).

Figura 80 - Avenida Beira Rio, 2015.



Fonte: Google Maps, 2016.

Na Rua Vitoriana Palhares, segundo a moradora Nilza Sete, as casas eram particulares, não faziam parte da vila operária da fábrica. Possuía o Cine Modelo com sua frente virada para a Rua Real da Torre. Na década de 90 do século XX, na Rua Vitoriano Palhares, existiram vários bares e o Cine Teatro, onde aconteciam diversas apresentações teatrais, musicais e exposições (Figura 81 e 82). Esse conjunto de bares ficou conhecido como o Polo Torre. Sendo uma das últimas a ser atacada pela expansão imobiliária.

Figura 81 - Rua Vitoriano Palhares.



Fonte: Srº Jarbas Lobo. Data não identificada.



Figura 82 - Matéria de jornal - Polo Torre



Fonte: (SANTANA, 2012, p.21).

Porém, em consonância com Santana (2012), os processos de transformação do espaço, que dizem respeito as mudanças socioculturais, econômicas e históricas, não são uma simples substituição do antigo pelo novo. Na realidade, coexistem diferentes faces de uma mesma época, mesmo que muitas áreas que fazem parte da memória do bairro estejam sendo rapidamente destruídas, outras persistem e de alguma maneira se mantêm até os dias atuais. “São casinhas antigas, casarões centenários, pequenos sítios em meio à selva de pedras, são casas populares da Vila Santa Luzia, lugares abandonados ou desativados, alguns preservados” (SANTANA, 2012, p. 25).

Nas entrevistas, foi possível perceber a preocupação dos moradores com o desaparecimento das casas no bairro. Não apenas pela memória do bairro, mas também pela substituição dessas casas por edifícios enormes acarretando entre, outras coisas, no aumento do trânsito que está cada vez mais complicado, conseqüentemente, forte barulho. A população aumenta e com ela o número de carros, a violência, entre outros. Isabel Wanderlei afirma: “O pior é essa invasão imobiliária que vem tomando conta do bairro. Destroem tudo. Cada casario lindo! Não me esqueço da Catedral da Seresta, que era um chalé vermelho lindo! Destruído!”.

Não tem mais nenhuma casa da fábrica, foi tudo derrubado. Muito triste! Quando a gente viu foi o oficial de justiça tirando e eles sem querer sair. Eu chorei! O bairro ficou parecendo uma cidade fantasma. O dinheiro que eles receberam não dava pra morar aqui por perto, eles foram pra bem longe. Quando a gente faz as festas do nosso grupo “Amigos da Torre”, na lista de contatos, já tem os telefones. Eles foram morar em Maranguape, Olinda, foi tudo pra longe (Isabel Wanderlei, 2016).



As construções do século XXI vêm transformando as paisagens da cidade do Recife, escondendo ou eliminando símbolos importantes e significados da cidade. Segundo MELO (2011), “A arquitetura como artefato cultural, portanto, uma produção social, tem estado constantemente sujeita às mudanças e marcada por relações de poder, refletindo os valores culturais dos que a produzem, na paisagem.” Ela questiona quais símbolos se pretende perpetuar na cidade do Recife: se são as novas construções, que representam apenas um grupo social, ou a memória da maioria da população recifense?

A fábrica da Torre e suas vilas operárias apresentavam, juntas um sentido de existir. A vila foi destruída, mas as instalações fabris se mantêm até os dias atuais, na paisagem como (trans)formadora do bairro. Há indícios de que na mesma se dará o próximo passo!

O mapa final foi construído a partir dos relatos sobre as edificações existentes e as que deixaram de existir, ou por terem feito parte das vilas operárias da fábrica, ou por pertencerem aos moradores que, de alguma forma, não sedarem aos encantos do mercado imobiliário. Esses dados foram obtidos através de passeio guiado com a ex-funcionária da Fábrica da Torre e moradora do bairro (Apêndice).



5. REFLEXÕES FINAIS

O presente trabalho tomou como ponto de partida uma enorme expansão da cidade do Recife, a partir de dois ciclos econômicos que interferiram na estruturação territorial da mesma: o açúcar e o algodão. Cujas hipóteses levantadas, sugeriam uma forte influência das indústrias têxteis no processo de organização da cidade, impulsionando a transformação desse território até os dias atuais.

De uma maneira geral é possível perceber duas formas de crescimento da área da cidade do Recife: o primeiro indo desde a primitiva povoação no sentido da Ilha de Antônio Vaz, Boa Vista e Continente, onde pontes e ferrovias exerceram importante papel; e a outra, onde a povoação que habitava os antigos engenhos foi se interligando, chegando até o núcleo central pelos mesmos caminhos que inicialmente interligavam esses engenhos. Segundo Menezes (2016), paulatinamente, a malha urbana foi um fator de condução da ocupação às margens de seus caminhos e a cidade foi se adensando até os dias atuais.

Mesmo assim, Maricato (2008) afirma que, deve-se reconhecer que a industrialização firmada a partir da década de 1930, constituiu um caminho de avanço do mercado interno a partir do desenvolvimento das forças produtivas, assalariamento crescente e modernização da sociedade, de acordo com a ideia de Caio Prado Jr (1990).

O bairro da Torre sofreu grandes transformações em sua configuração espacial que vem, desde a implantação dos engenhos, acumulando fortes marcas do seu desenvolvimento: engenhos, sítios, casarões, indústrias, vilas operárias, mocambos, arranha-céus e assentamentos populares. Porém essas transformações não aconteceram apenas no bairro da Torre. O referido bairro surgiu aqui como parte pequena de um todo (a cidade), servindo como objeto de estudo para identificação e compreensão dos fenômenos urbanísticos que não acontecem de forma isolada no seu interior, mas se replicam por toda a cidade do Recife.

A rigor o bairro da Torre tem praticamente na sua origem o catalizador de uma revolução industrial que foi uma fábrica – o Cotonifício da Torre. Veio a unidade fabril sob a direção arrojada de um empreendedor e concentra no bairro as funções: trabalhar, morar, circular e recrear, passando o bairro a funcionar como abrigo – vilas operárias. Dessa forma começaram a surgir alfaiates, loja de botão, costureira, lojas de tecido, padarias, bancos, entre outros, uma vez que toda indústria vem com uma cadeia de produção – *Clusters* (grupo de coisas ou de atividades semelhantes que se desenvolvem conjuntamente – ideia de junção, união, agregação, integração).



No decorrer da pesquisa, observaram-se dois sentidos de formação do processo de ocupação do bairro, sendo o primeiro proporcionado pelos próprios diretores do Cotonifício da Torre, como forma de manter o controle sobre seus operários, criando as vilas das fábricas ao redor; e o segundo, pelo governo como resposta as reivindicações dos trabalhadores por moradias – dois processos inversos. Então, segue-se uma lógica: a implantação da fábrica, criação de vilas operárias e, associado a isso, tem-se a urbanização em função dessas vilas. Em um terceiro momento as fábricas passam a ser obrigadas a fornecerem moradias para seus trabalhadores. Ou seja, pode-se dizer que parte da urbanização do bairro se iniciou com as vilas operárias.

Fica fácil perceber que, a vila Santa Luzia escolhe o bairro da Torre pra sua implantação, pelo fato de já existir nele essa categoria de moradia e também ser considerado um bairro operário, capaz de absorver toda a população de trabalhadores não só do próprio bairro, como também dos bairros considerados nobres: Graças, Espinheiro, entre outros. Sugerindo o início de uma segregação espacial. Sendo assim, mesmo que a Vila de Santa Luzia não tenha associação direta com a fábrica, indiretamente ela se insere do lado do rio cuja área estava destinada para vilas operárias. Vale ressaltar que a mesma, por não ter nenhum tipo de lei que a proteja da especulação imobiliária, está fadada a desaparecer.

Observa-se também a existência de outro sentido relativo à propriedade da terra. Os moradores das vilas cujas escrituras das casas estão em seu nome, não as consideram como vilas operárias. E, inserida nesse contexto, tem-se a Vila de Santa Luzia, cujas casas são de propriedade dos seus moradores, porém doadas pelo governo. Os moradores diferenciam as vilas, não por serem melhores ou piores, mas pela questão da propriedade. Aqueles que moravam nas vilas operárias de fábrica, tinham a consciência de que estavam naquelas casas temporariamente. E pelo fato das vilas operárias serem de propriedade da fábrica, no encerramento das atividades da mesma, tiveram que sair. Essas terras foram vendidas, tomando outros usos, motivo pelo qual, nos dias atuais, ainda existam alguns desses exemplares no bairro – por serem de propriedade do morador. Sendo assim, percebe-se que decisões tomadas pela administração da fábrica ou pelo governo e até mesmo as próprias reivindicações dos operários interferiram na atual configuração espacial do bairro. Podendo ser esse o fator deflagrador do bairro da Torre.

Lopes (1988) afirma que com a venda dos terrenos da fábrica e das vilas operárias, a área foi intensamente reconfigurada: A vila foi substituída por edifícios e residências; a loja da fábrica que se localizava em frente ao cotonifício foi transformada no atual Atacado dos



Presentes; várias ruas deixaram de existir com a formação de condomínios de prédios; no Cotonifício Capibaribe foi erguido o supermercado Carrefour, entre outros. A população de origem operária foi sendo tangida para bairros distantes e a comunidade da vila se desintegrou.

Com o encerramento das atividades fabris, as vilas operárias foram sendo destruídas e em seu lugar replicaram-se os altos edifícios, sendo poucas as casas que restaram, de propriedade dos moradores que de alguma forma ainda tem uma relação forte com o bairro e não se renderam aos interesses do mercado imobiliário.

Com a compra das instalações da fábrica pelo grupo Banorte desencadeou outro processo de urbanização, uma vez que com o fechamento da fábrica, a mesma deixa de ter operários, não precisando mais de suas vilas. E essas deram lugar ao mercado imobiliário, mostrando indícios desse novo processo de urbanização.

Sabe-se que, com a decadência da economia algodoeira e conseqüente fechamento da fábrica, a retirada da população operária e demolição das vilas, são conseqüência de novos interesses econômicos: exploração de novos potenciais comerciais e imobiliário, que remove uma população menos favorecida para áreas distantes e menos valorizadas.

Dessa forma, quando se fala da industrialização impulsionando a urbanização, a vila operária da fábrica está associada a essa urbanização, ou seja, o processo de industrialização levou a existência das vilas operárias, e essas impulsionaram a urbanização, sendo esse um processo replicado não apenas na cidade do Recife, mas sim de uma maneira geral.



REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho**, a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2004.

BAENINGER, Rosana. **População e Cidades** Subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de população (Nepo)/Unicamp; Brasília: UNFPA; São Paulo: Mundo Digital Gráfica e Editora, 2010.

BARRETO, Angela Maria Maranhão. **O Recife através dos tempos**: formação da sua paisagem. Recife: FUNDARPE, 1994. Recife: CEHM, 2015.

BARRETO, Juliana Cunha. **Nos teares da história** – entre fábrica e escola, uma restauração. Recife: CEPE, 2015.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Ed perspectiva, 2011.

BERNARDES, Denis. **Recife, o caranguejo e o viaduto**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

CALABI, Donatella. **História do Urbanismo Europeu**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

CARVALHO, Maurício Rocha. **Um Recife Saturnino**: Arquitetura, Urbanismo e Saneamento. Recife: Néctar, 2010.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; SEFERIAN, Ana Paula Gomes. **Projeto Athos: Geografia 8º ano**. São Paulo: Editora FTD, 2014.

CASTRO, Josué de Castro. **Um ensaio de geografia urbana**: A cidade do Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2013.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. Recife: Ed. do Autor, 2014.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e suas ruas: se essas ruas fossem minhas**. Recife: IAHGP, 2010.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Arredores do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

COSTA, F. A. Pereira da. **Anais Pernambucanos**. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, FUNDARPE, 1983.



DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Terezinha Ramos. **O processo de urbanização no Brasil.** São Paulo: Edusp – Editora da universidade de São Paulo, 2004.

GUERRA, Flávio. **Velhas igrejas e subúrbios históricos.** Recife: Fundação Guararapes, 1970.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do trabalho no Brasil:** das origens aos anos vinte. São Paulo: Global Editora, 1982.

LE CORBUSIER, Charles Edouard. **Planejamento Urbano.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

LIMA, José Roberto et. al. **Programa de combate à desertificação e mitigação da seca – PAN-Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Recursos Hídricos, 2004.

LIMA, Rosa Maria Cortês. **A cidade autoconstruída.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

MACHADO, Luiz Toledo. **Formação do Brasil e unidade Nacional.** São Paulo: Ibrasa São Paulo, 1980.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades – Alternativas para a crise urbana.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008.

MELO, Mário Lacerda de. **Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife.** Recife: Editora UFPE, 1978.

MELLO, José Antônio Gonçalves. **Tempo dos Flamengos.** Rio de Janeiro: Editora Topbpps, 2007.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história – suas origens, transformações e perspectivas.** São Paulo: Editora São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MENEZES, José Luiz Mota Menezes. **Mobilidade urbana no Recife e seus arredores.** Recife: Cepe, 2016

PERRUCCI, Gadiel. **A República das usinas.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.

PONTUAL, Virgínia. **Uma cidade e dois prefeitos.** Recife: Editora Recife, 2001.

PRADO Jr., Caio. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1190.



REZENDE, Antônio Paulo. **Recife ± Histórias de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

RIBEIRO, L.C. de Q. **Dos cortiços aos condomínios fechados**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SARMENTO, Walney Moraes. **Nordeste ± A urbanização do subdesenvolvimento**. Salvador: Centro Editorial de Didático da UFBA, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação: 1808-2010, A abertura para o mundo (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, Volume 3, 2012.

SILVA, Leonardo Dantas. **Arruando pelo Recife, por suas ruas, pontes, praias e sítios históricos**. Recife, SEBRAE – PE, 2000.

SILVA, Leonardo Dantas. **Crônicas de uma Vida**. Recife: Prazer de ler, 2009.

SILVA, Leonardo Dantas. **Holandeses em Pernambuco: 1630 – 1654**. Recife: Caleidoscópio, 2011.

SILVA, Sérgio. **Expansão brasileira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1981.

SILVA, Eduardo Ramires Pinheiro. **Industrialização no Nordeste do Brasil: A indústria têxtil em Pernambuco**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Recife: UFPE, 1999.

SILVA, João Timóteo da. **Joca, uma lenda viva do bairro da Torre**. Janga: GILDEGRAF, 2008.

SIMONSEN, Roberto C. **Evolução industrial do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Cia Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

SOUSA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2011.



Artigos:

CARVALHO, Rodrigo Janoni. **Vida e trabalho dos operários brasileiros na passagem do século XIX para o XX.** Pergaminho. Patos de Minas: UNIPAM, 2011.

CORREIA, Telma de Barros. **De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular.** *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Recife, v. 4, 2001.

DUARTE, José Lins. **Recife no tempo da Maxabomba (1867-1889):** O Primeiro Trem Urbano do Brasil. UFPE – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de pós-graduação em História, 2005.

LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés.** São Paulo/Brasília: Marco Zero/Editora Universidade de Brasília, 1988.

MELO, Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira. **As (Re) significações de paisagens em um recorte espacial da cidade do Recife.** XIV Encontro Nacional da Ampur. Rio de Janeiro, 2011.

RIBEIRO, Marcelo. **Festas populares e turismo cultural** – inserir e valorizar ou esquecer? O caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul. Universidad de La Laguna, Ilhas Canárias, Espanha. 2004.

SANTANA, Camila de Melo. **Espaço e relações sociais no bairro da Torre:** Uma experiência com moradores de casas. Recife: UFPE - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. 2012.

SILVA, Eduardo Ramires Pinheiro da. **Industrialização no Nordeste do Brasil:** a indústria têxtil em Pernambuco. Recife: UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Prêmio Katarina Real de Cultura Popular, 1997.

SOUZA, Paula Aragão de. **Chaminés simbólicas e conjuntos indissociáveis:** a condição de integridade nos tombamentos de núcleos fabris. Dissertação (Mestrado) – UFPE, CAC; Desenvolvimento Urbano, 2013.

VALDERRAMA, Berna Bruit; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. **Novos usos e significados das vilas operárias da antiga fábrica Brasital.** Revista CPC, São Paulo, n. 5, 2008.



VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. São Paulo: USP – Monografia, 2004.

VILAR, Daiane Luiza Farias et. Al. **A Indústria têxtil e de confecções e desenvolvimento regional**. Campina Grande: UFCG, 2014.

Internet:

CANTARELLI, Rodrigo. **Fábrica da Torre (Recife, PE)**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=984:fabrica-da-torre-recife-pe. Acessado em 09 agosto de 2016.

VAINSENER, Semira Adler. **Torre (bairro, Recife)**. Disponível em:

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=179&Itemid=1>. Acesso em 09 de agosto de 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2013. Disponível em:

<http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=261160&search=pernambuco%7Crecife%7Cinphographics:-history&lang=>. Acesso em

Blog do Professor Edson. **Mapa antigo do Recife**. Disponível em:

<http://edsonprof.blogspot.com.br/2012/05/mapa-antigo-do-recife.html>. Acesso em 11 de novembro de 2016.

Diário de Pernambuco. **Cinco Pontes que precisam de atenção**. Disponível em:

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/05/13/interna_vidaurbana,576243/cinco-pontes-que-precisam-de-atencao.shtml. Acesso em 11 de novembro de 2016.

DANTAS, Leonardo. **Capunga (bairro, Recife)**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:

<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 12 novembro de 2016.

Globo.com. **História das lutas: TV Ringue Torre no papel do embrião do MMA**.

Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/mma/post/historia-das-lutas-tv-ringue-torre-no-papel-de-embriao-do-mma-472221.html>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

Prestação de Contas Terezinha da Paulina. Disponível em:

<http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-pernabuco/681/>. Acesso em: 10 de outubro de 2016.



Blog História do Futebol. **A história do futebol.** Disponível em:
<http://cacellain.com.br/blog/?p=73850>. Acesso em: 03 de novembro de 2016.

Blog Luiz Berto. **Esquina.** Disponível em: <http://www.luizberto.com/coluna/esquina-leonardo-dantas-silva/page/3>. Acesso em: 02 de setembro de 2016.

Grupo de Direitos Urbanos. **Grupos Direitos Urbanos pede tombamento do cotonifício da Torre.** Disponível em: <https://direitosurbanos.wordpress.com/2013/07/09/grupo-direitos-urbanos-pede-tombamento-do-cotonificio-da-torre/>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

Imóveis Grande Recife. Disponível em: <http://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/edf-cine-torre-215086255>. Acesso em: 05 de outubro de 2016.

Revistas:

CORREIA, Telma de Barros. De Vila Operária a Cidade-Companhia: As aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Belo Horizonte, n. 4, p. 83-89, maio, 2001.

CORREIA, Telma de Barros. Arquiterura e paisagem industrial: as vilas operárias no Recife. **Revista de Cultura ± Estudos Universitários**, Recife: UFPE, V. 32, n. 1,2 e 3, Dezembro, 2014.

DOMINGUES, Luis Manoel. O processo de industrialização de Pernambuco (1890-1920). **Revista Symposium**, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Ano 4, n.1, p. 57 – 76, janeiro a junho, 2000.

HALLEY, Bruno Maia. Dos moinhos de açúcar aos sítios de arrabalde: a formação dos bairros continentais na cidade do Recife. **Revista de Geografia**, UFPE, Recife, V.03, n.3, p.58 -81, junho, 2013.

SINGER, André. Razões sociais e ideológicas do Lulismo, **Terra Magazine**. Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4393563-EI6578,00-Raizes+sociais+e+ideologicas+do+Lulismo+Ultima+Parte.html>. Acesso em 30 de julho de 2016.

SANTOS, Maria José dos; et. al. Analogia entre desmatamento e êxodo rural no nordeste do Brasil. **Revista Eletrônica**, v.8, n. 1, p. 1 – 14, 2009.



Entrevistados:

- x Alcidesio Feitosa - Ex-funcionário da fábrica da Torre.
- x Ana Maria Filgueira Ramalho – Atual moradora do bairro da Torre.
- x Antonieta Perruci - moradora antiga do Bairro da Torre.
- x Gustavo Krause - Ex-prefeito da cidade do Recife e ex-morador do bairro da Torre.
- x Isabel Wanderlei - Ex-funcionária da fábrica da Torre e moradora do bairro da Torre.
- x José Luiz Mota Menezes - Historiador e Arquiteto.
- x Leonardo Dantas Silva - Historiador e morador do bairro da Torre.
- x Nilza Sete - Ex-professora da escola da fábrica e moradora do bairro.
- x Pe. Romeu da Fonte - Pároco da igreja da Torre.
- x Roberto Cunha - Ex-funcionário do Banco Banorte.



APÊNDICE

Como complemento da pesquisa, foram feitos registros fotográficos do Bairro da Torre, a partir de Passeio guiado, cujo percurso foi feito de carro. Além desses, foram acrescentadas as falas ao longo do percurso, da moradora e ex-funcionária da Fábrica da Torre, Isabel Wanderlei. E, a escolha do que fotografar foi feita pela própria moradora, revelando seu forte sentimento de pertencimento com o bairro e a influência da fábrica da Torre e do Cotonifício Capibaribe no cotidiano da mesma. Sentimento esse, revelado em todas as falas dos entrevistados. As fotografias selecionadas foram organizadas por ruas, representadas no mapa por números.

Mapa 01 - Mapeamento do Passeio Guiado



Fonte: Da Autora, baseado no mapa do Google Maps, 2016.

01 - Rua Padre Anchieta

Foto 01



Foto: Autora, 2016

Foto 02



Foto: Autora, 2016.

02 - Av. Beira Rio

Foto 03



Foto: Autora, 2016

Foto 04



Foto: Autora, 2016.

Foto 05



Foto: Autora, 2016

03 - Rua Melquezedeuque de Lima

Foto 06

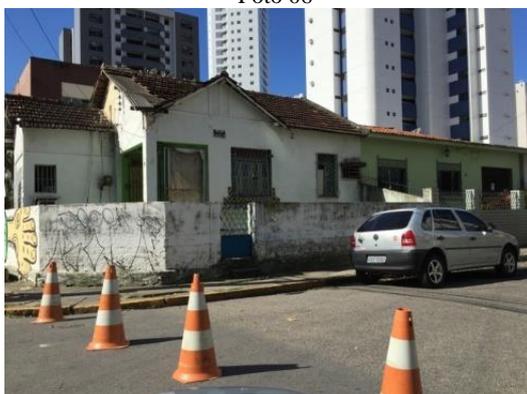


Foto: Autora, 2016

Foto 07



Foto: Autora, 2016.

04 - Rua José Bonifácio

Esse prédio aqui (Foto 08) meu amigo tem uma foto, da casinha que era nessa esquina (com a Rua dos Operários), nela era a sede do bloco “Apôis Fun”, pense numa historia bonita a desse bloco! (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 08



Foto: Autora, 2016

Foto 09



Foto: Autora, 2016.

Foto 10

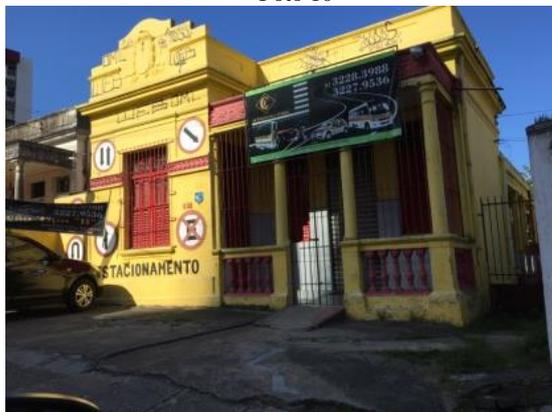


Foto: Autora, 2016

Foto 11

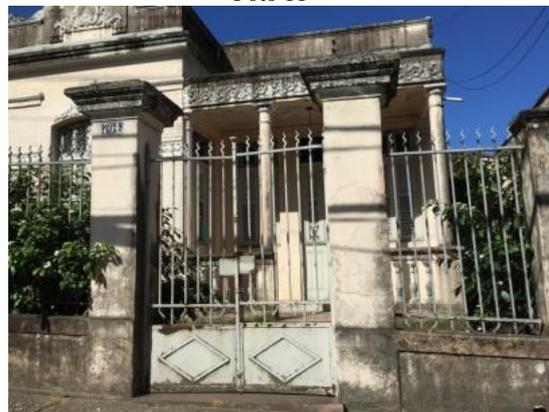


Foto: Autora, 2016.

Foto 12



Foto: Autora, 2016

Foto 13



Foto: Autora, 2016.

Foto 14



Foto: Autora, 2016

Foto 15



Foto: Autora, 2016.

Foto 16



Foto: Autora, 2016.

05 - Rua Beijamim Constant

Olha essa Vila que lindinha, a Benjamim Constant! Olha que linda! Sabe onde tinha umas casas iguais a essa? Na Pio IX (Figura 18). Derrubaram tudo. A Torre foi esquecida. Foi só destruir, destruir... Também, só tinha gente pobre. Na vila a maioria era gente humilde, que meios ia ter?! (Isabel Wanderlei, 2016).

Essa ruazinha foi da fábrica (Figura 19). Eu moro aqui faz 40 anos. Dizem que essas casas eram de um dono só, eu me lembro de que a procissão de Santa Luzia passava aqui, entrava na fábrica, passava pela Visconde de Itaparica. Não tem lugar mais bonito que esse aqui! Eu me lembro do apito, não sei que horas tocava, mas me lembro dele. Quando chegamos aqui, assistia a missa no SESI, agora acabou tudo, até mesmo o SESI (Sr^a Severina, moradora da entrevistada no momento do passeio guiado, 2016).

Foto 17



Foto: Autora, 2016

Foto 18



Foto: Autora, 2016.

Foto 19



Foto: Autora, 2016.

06 - Rua Conde de Irajá

Foto 20



Foto: Autora, 2016

Foto 21



Foto: Autora, 2016.

Foto 22



Foto: Autora, 2016

Foto 23



Foto: Autora, 2016.

Foto 24



Foto: Autora, 2016

Foto 25



Foto: Autora, 2016.

Foto 26



Foto: Autora, 2016

Foto 27



Foto: Autora, 2016.

Foto 28



Foto: Autora, 2016.

07 - Rua José de Holanda

Esse campo do Bueirão (Foto 30) era do Art Club e tinha outro campo dentro da vila, atrás do Clube Mecânica (Isabel Wnderlei, 2016).

Foto 29



Foto: Autora, 2016.

Foto 30

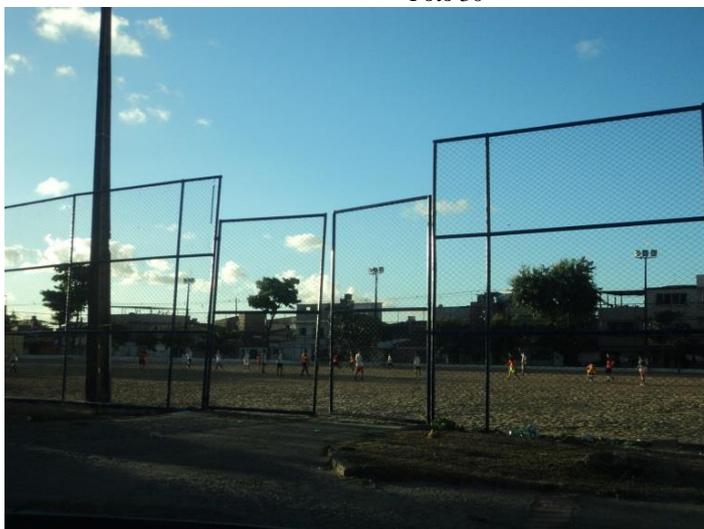


Foto: Autora, 2016.

Olha essas casinhas da José de Holanda (Foto 32 e 33), tudo velhinha, tão lindas (Isabel Wnderlei, 2016)!

Foto 31



Foto: Autora, 2016

Foto 32



Foto: Autora, 2016.

Foto 33

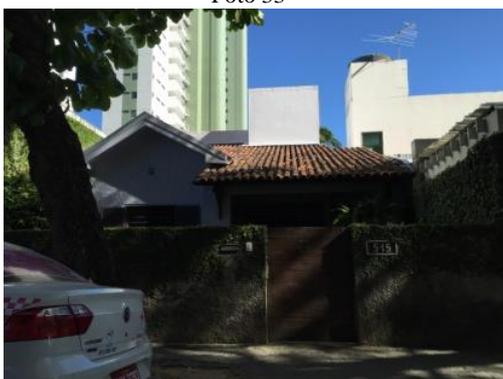


Foto: Autora, 2016

Foto 33



Foto: Autora, 2016.

Foto 35



Foto: Autora, 2016

Foto 36

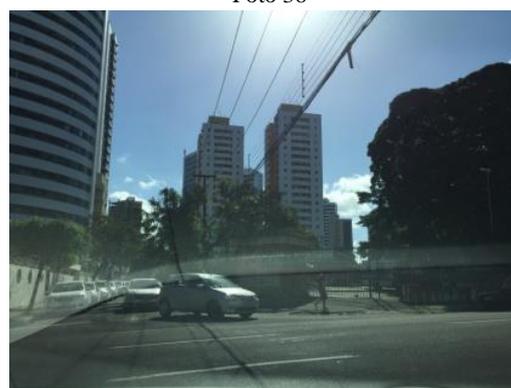


Foto: Autora, 2016.

Foto 37



Foto: Autora, 2016.

08 - Rua dos Operários

Foto 38



Foto: Autora, 2016

Foto 39



Foto: Autora, 2016.

Foto 40



Foto: Autora, 2016.

09 - Rua Domingos de Barros Melo

Foto 41



Foto: Autora, 2016

Foto 42



Foto: Autora, 2016.

Foto 43



Foto: Autora, 2016.

10 - Rua Anna Nery

Olha que coisa mais linda, eu andava aí dentro (Foto 47)! Acabou-se o que era doce! Aí dentro é um galpão tão grande. A gente tentou fazer a festa dos 25 anos do grupo aqui, mas não conseguimos. Essa fábrica devia virar um museu, O Museu dos Têxteis, igual ao museu do mar em Joinville (Isabel Wanderlei, 2016 – falando sobre a Fábrica).

Essa vila aqui não era da fábrica não, esse grupo de casinhas pequenininhas não era da fábrica (Isabel Wanderlei, 2016 – Sobre a Rua Anna Nery).

Foto 44



Foto: Autora, 2016

Foto 45



Foto: Autora, 2016.

Foto 46 – D. Izabel e D. Nilza



Foto: Autora, 2016

Foto 47



Foto: Autora, 2016.

11 - Rua Marcos André

Essa vila é militar (Foto 51). Como era militar e era da fábrica, não é? Nada haver com a fábrica. Minha mãe dizia que era uma fábrica de fósforo e do outro lado um quartel, mas eu não acreditava, estou aprendendo com você, que bom saber que minha mãe não estava mentindo (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 48



Foto: Autora, 2016

Foto 49



Foto: Autora, 2016.

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:
A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



Foto 50



Foto: Autora, 2016

Foto 51



Foto: Autora, 2016.

Foto 52



Foto: Autora, 2016.

Esse pedaço aqui da Rua Marcos André (Foto 53), acho que negociaram, porque a fábrica vinha até a Beira do Rio. Algumas pessoas falam que aqui vai ser um shopping, mas a gente não precisa de mais shopping! (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 53



Foto: Autora, 2016.

12 - Rua dos Artistas

Essa casa da Rua dos Artistas (Foto 55), a pessoa que comprou, preservou. Ela está toda conservada. Meu irmão que morava aí, ela é bem antiga (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 54



Foto: Autora, 2016

Foto 55



Foto: Autora, 2016.

Foto 56

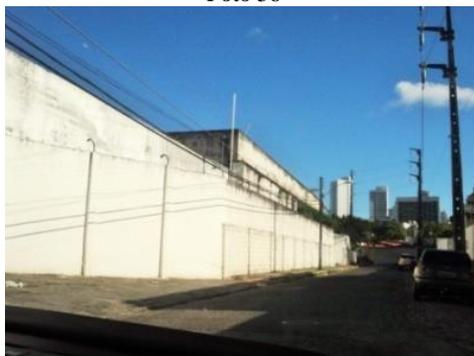


Foto: Autora, 2016.

13 - Rua Frei Jaboatão

A Rua Frei Jaboatão (Foto 59) é a que da pra maré, aqui era tudo casa da fábrica, foi tudo demolido. Essa Rua Marcos André não era da fábrica, só as do lado esquerdo. Aqui era um polo industrial, tinha o Cotonifício Capibaribe, fábrica da Torre, confecções Torre. Onde hoje é o Atacado, era loja da fábrica e também campo de futebol e vôlei da fábrica. Eles não demoliram a loja, reformaram e antes de ser o Atacado foi o Supermercado São Luís (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 57



Foto: Autora, 2016

Foto 58



Foto: Autora, 2016.

Foto 59



Foto: Autora, 2016

Foto 60 – Hospital Evangélico



Foto: Autora, 2016.

Foto 61 – Píer de Seu Mita.



Foto: Autora, 2016

Foto 62



Foto: Autora, 2016.

14 - Rua Aurélio Domingues

Foto 63



Fonte: Autora, 2016.

15 - Rua Adélia

Foto 64



Fonte: Autora, 2016.

16 - Rua Professora Ângela Pinto

Rua Professora Ângela Pinto (Figura 65 e 66), era o nome da escolinha, eu tenho em minha imagem essa escolinha” (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 65



Foto: Autora, 2016

Foto 66



Foto: Autora, 2016.

17 - Rua Real da Torre

Foto 67



Foto: Autora, 2016

Foto 68



Foto: Autora, 2016.

Foto 69



Foto: Autora, 2016.

18 - Rua Professor Trajano de Mendonça

Foto 70



Foto: Autora, 2016

Foto 71



Foto: Autora, 2016.

19 - Rua Vitorino Palhares

Essa rua se acabou! Onde ainda restam umas casinhas é na Isabel de Barros, que não são da fábrica (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 72



Foto: Autora, 2016

Foto 73



Foto: Autora, 2016.

20- Rua Dona Isabel de Barros

Foto 74



Foto: Autora, 2016

Foto 75



Foto: Autora, 2016.

21 - Rua Pio IX

Aqui na Pio IX, é o colégio Israelita e ali onde fizeram aquele prédio, tinham umas casinhas bonitas, uma juntinha da outra, bem alta (Isabel Wanderlei, 2016).

Onde são essas duas torres da Queiroz Galvão (Foto 77), era um cemitério (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 76



Foto: Autora, 2016

Foto 77



Foto: Autora, 2016.

Foto 78



Foto: Autora, 2016

Foto 79



Foto: Autora, 2016.

Foto 80



Fonte: Autora, 2016.

22 - Rua Dr. Vicente Ferreira

Foto 81



Foto: Autora, 2016

Foto 82



Foto: Autora, 2016.

Foto 83



Fonte: Autora, 2016.

23 - Praça Barreto Campelo

Foto 84



Foto: Autora, 2016

Foto 85



Foto: Autora, 2016.

Foto 86



Foto: Autora, 2016

Foto 87



Foto: Autora, 2016.

Foto 88



Foto: Autora, 2016

Foto 89



Foto: Autora, 2016.

24 - Rua Souza Bandeira

Foto 90



Foto: Autora, 2016

Foto 91



Foto: Autora, 2016.

25 - Praça Gregório Bezerra

Do Zumbi pra cá acho que é tudo invasão, porque as ruas são bem apertadinhas (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 92



Foto: Autora, 2016

Foto 93 – Capela de São Francisco



Foto: Autora, 2016.

26 - Rua Lagoa do Rancho

Aqui, já é Santa Luzia. A Vila Santa Luzia, foi tudo doação e invasão, não eram da fábrica. Foi Padre Romeu quem ajudou, porque tinha muita cheia, os moradores perdiam tudo! (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 94



Foto: Autora, 2016.

27 - Rua Visconde de Itaparica

A fábrica era imensa. Isso aqui tudo era vila, mas não da fábrica. Não era de operários porque minha avó comprou uma das casas, podia ter algum filho de quem trabalhava na fábrica. Meu tio vendeu o terreno para meu pai em 1936 e não era terreno da fábrica (Isabel Wanderlei, 2016).

A FÁBRICA, A TORRE, UM BAIRRO:

A influência da indústria têxtil na urbanização do Recife.



Aqui, na Rua Visconde de Itaparica, tinha o clube onde a gente brincava e comemorava o São João, o Clube Mecânica. E ao redor, era tudo vila, daqui até a outra ponta. Aqui tinha muita gente que não morava na casa da fábrica, mas trabalhava nela (Isabel Wanderlei, 2016).

Rua nova da fábrica era o antigo nome da minha rua (Visconde de Itaparica), a escritura da minha casa é de 1940, mas meu pai pagava imposto desde 1936. Essa casa me trás muitas recordações da minha infância. Agora olha esse edifício da Moura Dubeux, 33 andares, me dá arrepio só de ver! O que é bom daqui é que é perto de tudo. Era tão bom que tombassem a Torre toda, o restinho que sobrou! (Isabel Wanderlei, 2016).

Foto 95



Foto: Autora, 2016

Foto 96



Foto: Autora, 2016.

Foto 97 – Casa de D. Isabel, ainda de Taipa.



Minha casa é velhinha (Foto 97), se eu puder não vendo nunca, se meu irmão quiser ele que venda a parte dele. Eu nasci aqui, deixa eu morrer aqui. Mas, a ambição de pegar dinheiro é tanta, dinheiro se acaba (Isabel Wanderlei, 2016).

A Torre faz parte de nossas vidas e você é o nosso anjo de luz a reconstruir nossa HISTÓRIA! (Isabel Wanderlei – Mensagem recebida pela autora via WhatsApp no dia 29 de dezembro de 2016.)



ANEXO

Anexo 01 – Projeto Capibaribe.

O Projeto Capibaribe

Fustigado pelo tempo, o rio Capibaribe tornou-se raseiro, com as margens vazias e desalinhadas. O compromisso com o Recife faz com que o rio retome o seu verdadeiro papel de ponto de referência da Cidade Maurícia. Do seu leito é tirada a areia para os aterros. Suas margens ficam prontas para receber o povo. Renasce, o rio continuará seu papel condutor do tempo, fazendo história e oferecendo ao Recife seu leito bucólico, para que seja amado e singrado pelo seu povo. O Projeto Capibaribe traz de volta o rio à vida dos recifenses através dos caminhos do passado, para construir a cidade do futuro.



Durante a construção, ainda o contraste entre o ontem e o hoje.



A COMPREENÇÃO DO POSSÍVEL, O APOIO DA PARÓQUIA DA TORRE, LBA E OAB, PROPORCIONARAM O ENTENDIMENTO HARMONIOSO COMUNIDADE/URB/PCR

Da ponte Torre - Panamirim à BR-101, numa extensão de 6,6 km margeando o rio, a administração Joaquim Francisco desenvolveu seu maior programa, que objetiva a urbanização de uma área de 228 hectares, além da dragagem e retificação do Capibaribe.

Estas áreas foram contempladas com obras de aterros, drenagens, pavimentação, implantação de rede de abastecimento d'água, esgotamento sanitário, iluminação pública e revitalização potencial do verde, com a destinação de 90 hectares para parques e os 138 restantes para uso habitacional e comercial.

AS FAVELAS DO FORMIGUEIRO, PERIMETRAL, VILA DA PRATA APULSO E BEIRA RIO DESAPARECEM DANDO LUGAR AO CONJUNTO HABITACIONAL VILA SANTA LUZIA, NO BAIRRO DA TORRE, COM 1.400 UNIDADES HABITACIONAIS.



Nova Vila Santa Luzia, na Torre, com água encanada, esgotamento sanitário, energia e pavimentação.

Para a concretização desse Programa, a URB-Recife adquiriu terras, indenizou proprietários de imóveis e removeu as favelas ribeirinhas da Vila do Apulo, Vila do Prata, Perimetral e Formigueiro, passando às famílias a habitarem quadras urbanizadas recentemente construídas na Torre.

A organização especial da área foi planejada para atender a todos os padrões da população, visto que estão projetadas a implantação de conjuntos habitacionais tipo Promorar, Cohab, Inocoop e SBPE – (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimos).



Capibaribe Habitado.

O PASSADO DO RECIFE NUM PASSEIO PELAS ÁGUAS DO SEU RIO.



AS SEMI-RÁDIAS NORTE E SUL, PARALELAS À AVENIDA CAXANGÁ, ESTARÃO CONCLUÍDAS NOS PRIMEIROS DIAS DE JANEIRO DE 1986, DESAFOGANDO DEFINITIVAMENTE O TRÁFEGO NAQUELE CORREDOR VIÁRIO.



A retificação do Capibaribe continua.

Encerrando sua administração, o prefeito Joaquim Francisco inaugurou o Parque de Santana, entregando à população do Recife, mais um posto de saúde, um centro comunitário e a ponte de pedestres sobre o rio, ligando os bairros da Torre a Casa Forte. Para a erradicação das favelas ribeirinhas da área, construiu 850 casas populares, assentadas em quadras urbanizadas, pavimentadas e dotadas de infra-estrutura; pavimentou vias importantes para o sistema viário local, como as ruas Austrius Rufino Alves, Samuel de Farias, Leonardo Cavalcante, trecho da terceira perimetral, Nossa Senhora da Saúde e Semi-Radial norte e Semi-Radial sul, ambas paralelas à Avenida Caxangá, desafogando o tráfego desta via.

Por ser um projeto arrojado e de grandes proporções, somente a sua primeira etapa de obras fica praticamente concluída na administração Joaquim Francisco.

As demais etapas – a retificação do rio e o aterro das margens – é que se encontram em adiantado estágio de execução. Os projetos executivos da segunda etapa de obras estão concluídos e em fase de alocação de recursos, podendo as mesmas terem seu início quase que de imediato.